

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

EDIÉLIA LAVRAS DOS SANTOS SANTANA

**A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA PARA NOME E VERBO
EM LIBRAS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2019**

EDIÉLIA LAVRAS DOS SANTOS SANTANA

**A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA PARA NOME E VERBO
EM LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) típica e atípica

Orientadora: Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

S223q	<p>Santana, Ediélia Lavras dos Santos.</p> <p>A questão da categorização morfológica para nome e verbo em libras. / Ediélia Lavras dos Santos Santana; orientadora Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira -- Vitória da Conquista, 2019. 145f.</p> <p>Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.</p> <p>Inclui referência F. 109 – 112.</p> <p>1. Libras – Nome e verbo. 2. Aquisição da linguagem. 3. Categorias gramaticais. 4. Variação Morfológica- Contexto sintático. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 419</p>
-------	---

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The question regarding the morphological categorization for name and verb in Libras

Palavras-chave em inglês: 1 Language of Acquisition - Libras. 2 Grammatical Categories –3 Name and Word. 4 Syntactic Context. 5 Morphological Variation.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB) e Profa. Dra. Aline de Lemos Pizzio (UFSC)

Data da defesa: 25/03/2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

EDIÉLIA LAVRAS DOS SANTOS SANTANA

**A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE NOME E VERBO EM
LIBRAS**

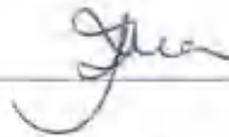
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 25 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa
de Oliveira (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.:



Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida
Baia
Instituição: UESB

Ass.:

Maria de Fátima A. Baia

Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio
Instituição: UFSC

Ass.:



Aos surdos que me possibilitaram contemplar o mundo a partir do olhar da diferença. Se não fossem eles esta pesquisa não tinha sido concretizada.

AGRADECIMENTOS

Não construímos nada sozinhos, nossos êxitos são frutos do altruísmo e benevolência daqueles que nos cercam. Diante disso, só me resta agradecer como sinal de eternas lembranças dessas pessoas que jamais desaparecerão de minha memória.

Primeiramente e especialmente ao meu Deus Jeová, que através de sua misericórdia e clemência tem sido como uma ‘Torre forte’ que sempre me protege, dando-me consolo nos momentos de desespero e ansiedade.

A UESB, ao PPGLin e aos professores do PPGLin por proporcionar meios para que eu chegasse a alcançar o título de Mestrado, nesses tempos incertos e obscuros de recessão e desestímulo a pesquisa acadêmica.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

À minha orientadora, a professora Adriana Lessa-de-Oliveira, pela confiança depositada, o conhecimento transmitido. Por me acalmar nos momentos de ansiedade, e pelas valorosas contribuições nesta pesquisa. Que a senhora continue trilhando esse caminho em prol das pesquisas na área de Libras com seus enriquecedores achados.

À comunidade surda de Caetité e Guanambi, por aceitarem de bom grado contribuir como sujeitos-informantes desta pesquisa e assim somar com a participação nos estudos acerca da aquisição e gramática da Libras.

Ao meu esposo Thiago que durante o percurso acadêmico mostrou-se cúmplice, compartilhando compreensivamente de todos os bons e maus momentos desse processo, e sempre me incentivando nas horas de desânimo com palavras otimistas como um: “*você vai conseguir*”.

Às professoras da banca de qualificação Fátima Baia e Elisângela Gonçalves, pelas inestimáveis contribuições, as quais ajudaram a lapidar esta dissertação.

Às professoras da banca de defesa Aline Pizzio e Fátima Baia, por aceitarem o convite de participar desse momento ímpar em minha vida, com suas enriquecedoras contribuições, que com certeza levarei durante meu percurso acadêmico.

Aos colegas do Mestrado pelo apoio, troca de informações, e palavras de incentivo, tanto em presença como virtualmente pelo grupo do *Whatsapp* (risos).

Enfim, a todos os amigos, colegas e familiares que por meio de palavras e gestos simples se tornaram uma força movedora que me impulsionou a culminar com êxito esta pesquisa.

Muito Obrigada! Jeová Deus abençoe a cada um!

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

Cora Coralina

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar se há distinção gramatical, foneticamente realizada, entre as categorias nome e verbo em Libras. A fim de verificar a existência ou não de morfemas categoriais para nome e verbo em Libras, realizamos uma investigação por meio de um teste com imagens em contexto, no intuito de eliciar frases em Libras contendo os 25 pares de nome e verbo a serem analisados. O teste foi aplicado a 10 surdos (4 com aquisição da língua no período considerado crítico e 6 com aquisição em período considerado tardio) e também 9 ouvintes que adquiriram a Libras como L2, perfazendo um total de 19 sujeitos-informantes. Para constituição do aporte teórico, fundamentamo-nos na Teoria Gerativa e seus estudos de aquisição da linguagem (CHOMSKY, 1995; KATO, 2005), bem como estudos a respeito da gramática da Libras (SUPALLA; NEWPORT, 1978; QUADROS; KARNNOP, 2004; PIZZIO, 2011; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Diversamente ao que propõem alguns autores, como Quadros e Karnopp (1994), que assumem que existe distinção entre nome e verbo a partir do parâmetro de movimento (curto e reduplicado para nome, e único e alongado para verbo), defendemos a hipótese de que a Libras não possui marcas morfofonológicas definidoras de categorias gramaticais. Com base nessa perspectiva, assumimos que os sinais são desprovidos de qualquer material morfofonológico. A transcrição dos dados se deu via Sistema de Escrita para Línguas de Sinais-SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012). Este sistema de escrita foi de grande importância, porque a SEL captura a estrutura interna do sinal. Os resultados de nossa análise evidenciam que em Libras, em termos de articulação, o sinal pode ocorrer em posição nominais ou verbais com a mesma articulação, ou seja, a diferença categorial não se dá por marcas morfológicas articuladas. Verificamos que diferenças categoriais, como as apontadas por Quadros e Karnopp (*Ibidem*), apresentam-se em volume muito irrisório. Dessa forma, com base nos resultados de nossos dados e na pesquisa de Pizzio (*Ibidem*), assumimos que tais diferenças não constituem um paradigma produtivo em Libras. Sendo assim, as variações encontradas são de natureza estilística ou decorrentes do contexto semântico-pragmático. Por tanto a categorização nesta língua se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático, independentemente do período ou contexto de aquisição de seus falantes.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da Linguagem. Libras. Categorias Gramaticais. Nome e Verbo. Contexto Sintático. Variação Morfológica.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate whether there is a grammatical distinction, phonetically performed, between the name and verb categories in Libras. In order to verify the existence or not of morphemes categories for name and verb in Libras, we carry out an investigation through a test with images in context, for the purposes to elicit sentences in Libras containing the 25 pairs of name and verb to be analyzed. The test was applied to 10 deaf people (4 with acquisition of the language in the period considered critical and 6 with acquisition in a considered period) and also 9 listeners who acquired Libras as L2, making a total of 19 informants. For constitution of the theoretical contribution, we base ourselves in the generative theory and in studies of language acquisition (CHOMSKY, 1995; KATO, 2005), as well as studies on the grammar of Libras (SUPALLA; NEWPORT, 1978; QUADROS; KARNNOP, 2004; PIZZIO, 2011; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). despite what some authors propose, such as Quadros and Karnopp (2004), who assume that there is a distinction between name and verb from the movement parameter (short and reduplicated to name, and single and stretchy to verb), we defend the hypothesis that Libras does not have morphophonological marks that define grammatical categories. From this perspective, we assume that the signals are devoid of any morphophonological material. The transcription of the data was done via the Sign Language Writing System (SEL), by developed Lessa-de-Oliveira (2012). This writing system was of great importance because SEL captures the internal structure of the signal. The results of our analysis showed that in Libras, in terms of articulation, the signal can occur in nominal or verbal positions with the same form, that is, the categorial difference is not given by articulated morphological marks. We verified that categorial differences, such as Quadros and Karnopp (*Ibidem*), presented in very irrelevant volume. Thus, based on the results of our data and the research of Pizzio (*Ibidem*), we assume that such differences do not constitute a productive paradigm in Libras. Thus, the variations found are of a stylistic nature or stemming from the pragmatic semantic context. Therefore, categorization in this language occurs in a structural way, defined within the syntactic context, regardless of the period or context of acquisition of its speakers.

KEYWORDS

Language of Acquisition. Libras. Grammatical Categories. Name and Word. Syntactic Context. Morphological Variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interface entre LF e PF.....	28
Figura 2 – Sistema Computacional da Linguagem.....	31
Figura 3 – Estrutura Articulatoria do Sinal, segundo Lessa-de-Oliveira (2012).....	39
Figura 4 – Macrossegmentos da Unidade MLMov.....	40
Figura 5 – Proposta de Marinho (2014) para a Estrutura Hierárquica do Sinal.....	42
Figura 6 – Exemplos da Proposta de Marinho.....	43
Figura 7 – Exemplos de Verbos Simples.....	44
Figura 8 – Exemplos de Verbos com Concordância.....	45
Figura 9 – Exemplo de Verbo Espacial.....	45
Figura 10 – Sinais de SENTAR e CADEIRA em ASL.....	53
Figura 11 – Mudança Categorical.....	54
Figura 12 - Imagens Usadas no Teste para Eliciar os Sinais FERRO/PASSAR _{ROUPA}	63
Figura 13 – Tela do ELAN.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Articulação idêntica dos pares N e V por informante.....	92
Gráfico 2 – Sinais com articulação idêntica de N e V realizadas pelo mesmo informante.....	93
Gráfico 3 – Sinais com articulação idêntica de N e V realizados pelo mesmo informante ou por informantes diferentes.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Papéis Temáticos.....	33
Quadro 2 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GI.....	59
Quadro 3 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GPI.....	60
Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GO.....	61
Quadro 5 – Pares de Nome e Verbo Utilizados no teste.....	64
Quadro 6 – Exemplos de variações encontradas nos pares testados.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- A – Adjetivo
- Adv – Advérbio
- AP – Sintagma Adjetival
- ASL- Língua de Sinais Americana
- D - Determinante
- DAL – Dispositivo de Aquisição da Linguagem
- DP – Sintagma Determinante
- DS – *Deep-Structure* (Estrutura profunda)
- GI- Grupo de surdos que adquiriram a Libras na infância
- GO- Grupo de Ouvintes que adquiriram a Libras como segunda língua
- GPI- Grupo de surdos que adquiriram a Libras pós-infância
- GU – Gramática Universal
- L1 – Primeira língua
- L2 – Segunda língua
- L-E- Língua externa
- L-I – Língua interna
- LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais
- LO- Línguas Orais
- LS- Línguas de Sinais
- MLMov – Unidade articulatória da Libras (por LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012)
- N- Nome
- NP – Sintagma Nominal
- P – Preposição
- PB- Português Brasileiro
- PF– *Logical Form* (Forma Lógica)
- PF – *Phonetic Form* (Forma Fonética)
- PM – Programa Minimalista
- PP – Sintagma Preposicional
- PPGLIN-Programa de Pós-graduação em Linguística
- S₀ – Estado Inicial
- SEL- Sistema de Escrita para Língua de Sinais
- Spec – Especificador, em estrutura x-barra

Ss – Estado Estável

SS– *Superficial-Structure* (Estrutura Superficial)

UESB-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

V – Verbo

VP – Sintagma Verbal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A GRAMÁTICA GERATIVA.....	20
2.1 A hipótese inatista de aquisição da linguagem.....	20
2.2 Aquisição da Libras por surdos e não surdos.....	22
2.2.1 <i>Aquisição de segunda língua.....</i>	<i>25</i>
2.3 Postulações da Gramática Gerativa para nome e verbo.....	28
3 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	37
3.1 A estrutura articulatória do sinal na Língua Brasileira de Sinais.....	37
3.2 Aspectos morfológicos.....	44
3.3 Padrões da ASL na Libras: proposta de Quadros e Karnopp (2004).....	52
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	59
4.1 Participantes da pesquisa.....	59
4.2 Elaboração e aplicação do teste.....	63
4.3 Transcrição dos dados.....	65
4.3.1 <i>ELAN- ferramenta de análise dos corpora.....</i>	<i>65</i>
4.3.2 <i>Glosas.....</i>	<i>67</i>
4.3.3 <i>Sistema de Escrita para Línguas de Sinais- SEL.....</i>	<i>69</i>
4.3.4 <i>Identificando nome e verbo por meio do critério sintático.....</i>	<i>71</i>
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	74
5.1 Identificando as estruturas sintáticas dos pares de nome e verbo.....	74
5.2 Quanto à existência ou não em Libras de marca morfológica para as categorias nome e verbo.....	91
6 CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICES.....	113
APÊNDICE A – Quadro 7: Realização dos 25 Pares de Nome e Verbo Articulado por Cada Informante Transcritos em SEL.....	113
APÊNDICE B – Imagens usadas no Teste de Eliciação.....	123
APÊNDICE C - TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	127
ANEXO.....	129
ANEXO A – Sistema de Escrita de Libras – SEL.....	129

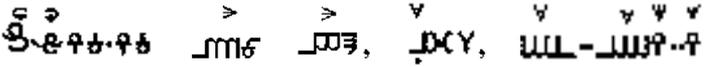
1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos na modernidade têm como pai o linguista suíço Ferdinand Saussure, que concentrou a realização de seus estudos linguísticos no início do século XX. Tais estudos focalizam, sobretudo, as línguas orais (doravante LO). Já as pesquisas sobre as línguas de sinais (doravante LS) têm início, na década de 1960 com William Stokoe, linguista norte-americano. Stokoe, em seu trabalho pioneiro sobre a natureza articulatória do sinal, observou e analisou as propriedades linguísticas dos gestos. Suas contribuições foram imprescindíveis para o reconhecimento dessas línguas enquanto línguas naturais, dentre elas a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras).

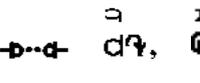
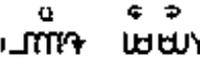
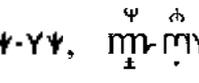
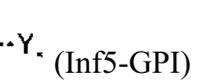
Aqui no Brasil as pesquisas sobre a linguística da Libras começam em meados dos anos 1980, com Lucinda Ferreira Brito (1984) e mais tarde com Tanya Amaral Felipe de Souza (1998), Lodenir Becker Karnopp (1994) e Ronice Müller de Quadros (1997). A Libras foi reconhecida como língua natural da comunidade surda brasileira em 2002, legalizada pela lei 10.436, de 24 de abril 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Essa oficialização da Libras no Brasil garantiu aos surdos brasileiros a possibilidade de desfrutarem do direito de se comunicarem em uma língua de modalidade gesto-visual.

Atualmente, estudos sobre a gramática da Libras e seu processo de aquisição estão ganhando espaço nos programas de pós-graduação do país, com os trabalhos realizados no âmbito do projeto temático, ao qual o presente estudo se vincula, intitulado “Estudos dos processos de aquisição da oralidade e da escrita por surdos e não surdos”, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira, iniciado em 2011, o qual se integra ao Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGLin, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Esse projeto temático visa a realizar estudos sobre a estrutura gramatical da Libras, bem como sobre os processos de aquisição da Libras e do Português por surdos e ouvintes, nas modalidade falada e escrita.

Pesquisas que se debruçam na investigação de categorias gramaticais, como a dos nomes, verbos, adjetivos, advérbios, preposições etc., em estudos que abordam uma LO são comumente seguidos sem maiores intempéries. Entretanto, tal facilidade na identificação e delimitação de categorias gramaticais não ocorre no caso da Libras, como podemos observar através dos exemplos a seguir retirados de nossos dados:

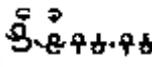
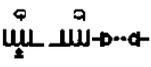
(1)  (Inf5-GPI)

CORR[er/ida] GHEG[ar] PRIMEIR[o] VENC[er] COMEMOR[ar]
 ‘Na corrida, ele chegou primeiro, venceu e comemorou.’ ou
 ‘Correu e chegou primeiro, venceu e comemorou.’

(2)      (Inf5-GPI)

EM BREVE Ø CAS[ar/amento] DIA CONVITE ORGANIZ[ar] ENVI[ar]
 ‘Em breve será o dia do casamento, organiza os convites e envia.’ ou
 ‘Em breve será o dia de se casar, organiza os convites e envia.’

Nesses dois exemplos vemos a não realização explícita de um morfema categorial, pois

em (1) o sinal  pode ser traduzido como um nome, CORRIDA, ou um verbo, CORRER, assim como em (2) o sinal  pode ser o nome CASADOS ou o verbo CASAR. Como esses sinais são foneticamente produzidos de maneira igual, parece-nos que não há morfema categorial que possam distingui-los e que somente o contexto sintático/semântico/pragmático poderá diferenciá-los.

É isso que se observa como característica geral dos sinais em Libras, ou seja, em termos de articulação os sinais parecem não apresentar nenhuma modificação ao ocupar na frase, uma posição nominal, verbal, adjetival ou adverbial. Todavia, é importante ressaltar que a não manifestação de uma morfologia explícita, que caracterize categorialmente os sinais em Libras, não significa dizer que os traços abstratos, que ordinariamente se manifestam como morfemas funcionais nas LO não estejam presentes nas LS.

Buscando respostas para esse fenômeno, é que recortamos a categoria dos Verbos e Nomes (doravante N e V) na Libras como objeto da presente pesquisa. Nesse sentido o trabalho tem como objetivo geral investigar a morfossintaxe das categorias nominal e verbal na Libras. Nessa perspectiva, investigamos se há distinção gramatical entre essas duas categorias nessa língua, a partir da análise dos pares de N e V, por meio de traços presentes na estrutura interna dos sinais. Antes dessa análise, os pares de N e V passaram pelo crivo da análise sintática, identificando assim o que é nome e o que é verbo, por meio de sua posição frente aos demais constituintes nas frases coletadas.

Como objetivo específico, nos imbuímos a investigar se o período ou contexto de aquisição interfere na articulação morfofonológica dos usuários da Libras quanto a distinção das categorias N e V.

Uma vez definido nossos objetivos, foi possível levantar as seguintes hipóteses:

- (I) Independentemente do período de aquisição da Libras, quer seja crítico ou tardio, os surdos não fazem diferenciação morfofonológica das categorias N e V.
- (II) Os falantes ouvintes da Libras como L2 tendem a não reproduzir diferenciação entre N e V, uma vez que o *input* que lhes é exposto não delinea morfológicamente essa distinção explícita na fala dos nativos da língua.
- (III) Caso haja morfologia categorial específica para N e V em Libras, esta se constitui de traços abstratos localizados na estrutura interna do sinal.
- (IV) Sendo a Libras uma língua que não delinea explicitamente uma distinção entre N e V morfofonológicamente, sua categorização se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático.

A presente dissertação encontra-se dividida da seguinte forma: No capítulo 2, apresentamos o quadro teórico no qual se insere a pesquisa na perspectiva da Gramática Gerativa, postulada por Noam Chomsky, com desenvolvimentos recentes como o Programa Minimalista (PM), analisando aspectos das categorias N e V sob a égide das postulações gerativistas. Também nos propusemos a explicar sobre a aquisição da linguagem na perspectiva inatista (a aquisição da linguagem por surdos e aquisição de uma segunda língua-L2), uma vez que contamos com a participação de adquirentes da Libras em períodos e contextos distintos de aquisição.

No capítulo 3, apresentamos os aspectos gramaticais da Libras, para compreendermos a natureza linguística de uma língua visual. Ainda neste capítulo, fazemos uma revisão de literatura sobre a natureza articulatória do sinal, propostas por Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014) e as postulações para N e V na Libras a partir dos estudos de Supalla e Newport (1978), Quadros e Karnopp (2004), Pizzio (2011), e demais pesquisadores.

No capítulo 4, apresentamos os pressupostos metodológicos desta pesquisa, a qual se configura como de natureza experimental, consistindo de um teste de eliciação que aplicamos a sujeitos surdos e ouvintes por meio de imagens em contexto, e sobre o método de transcrição dos dados.

O capítulo 5 se destina a apresentar a análise dos dados coletados nesta pesquisa sob a égide dos pressupostos gerativistas quanto à seleção argumental, no intuito de identificar o que é um nome e o que é um verbo pelo critério sintático. Em um segundo momento, a análise é feita com o objetivo de encontrar alguma marca categorial morfológicamente explícita na estrutura interna do sinal, ou seja, algum dos traços imbricados que constituem a unidade MLMov

proposta por Lessa-de-Oliveira (2012), com o intuito de verificar a existência ou não de paradigma produtivo de distinção categorial em Libras.

Neste trabalho, são estudados os aspectos morfossintáticos das categorias N e V em Libras, a fim de contribuir, conseqüentemente, com a legitimação linguística desse idioma como língua natural. Acreditamos que a nossa proposta pode contribuir com esse e os demais trabalhos que tratem dessa questão, na medida em que trás mais elementos empíricos à análise de dados e à discussão de um problema que causou, e ainda causa certa polêmica, sobretudo entre profissionais da educação que trabalham com o ensino de Libras bem como entre a comunidade surda.

2 PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A GRAMÁTICA GERATIVA

2.1 A hipótese inatista de aquisição da linguagem

A Gramática Gerativa ou Gerativismo é uma Teoria da linguagem desenvolvida pelo linguista norte americano Noam Chomsky, conhecida mundialmente através da publicação do seu livro *Syntactic Structures* em 1957. Chomsky defende a ideia de que a língua é algo natural e inato à espécie humana, ou seja, que todo ser humano ao nascer é dotado de uma faculdade da linguagem, uma capacidade inata para a linguagem, denominada Gramática Universal (doravante GU).

A faculdade da linguagem é como um órgão, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes. Como isso acontece, ainda não sabemos, sendo um campo de pesquisa para um futuro distante. Entretanto, podemos investigar as propriedades desse órgão como representações mentais: podemos imaginar um estado mental inicial, um dispositivo de aquisição de língua, que toma a experiência como dado de entrada e constrói um estado mental estável, isto é, uma língua particular, como dado de saída (CHOMSKY, 1998, p. 23).

A GU é constituída de princípios e parâmetros, os princípios são universais e rígidos dentro do módulo da faculdade da linguagem, já os parâmetros são variáveis. Parametricamente, os parâmetros das línguas apresentam-se abertos a uma marcação positiva ou negativa no momento da aquisição da linguagem, quando a criança é exposta aos estímulos linguísticos, também conhecido como *input linguístico*.

Em relação à perspectiva da aquisição da linguagem na visão inatista, Chomsky (1986) resgata uma problemática antiga para os tempos hodiernos, cuja resposta sustenta a Teoria Gerativa, denominada como “Problema Lógico da Aquisição” ou “Problema de Platão”, quando vem a indagar: Como uma criança tão pequena pode aprender a usar a língua de diferentes modos e de modo tão complexo, uma vez que o *input* que lhes é fornecido é tão fragmentado e pobre? Chomsky (1986) responde com uma explicação lógica: a criança já nasce sabendo, partindo dessa problemática é que estão fundamentados os postulados da Teoria Gerativa, tendo em vista responder de forma satisfatória ao Problema Lógico da Aquisição. De acordo com a abordagem Gerativa, a linguagem é um mecanismo biológico pertencente à natureza da espécie humana; assim sendo, os seres humanos já nascem com a predisposição à aquisição da linguagem.

Desse modo, o processo de aquisição da linguagem é explicitado pela teoria Chomskiana, dotado de princípios e parâmetros, da seguinte forma: todo ser humano nasce em posse de um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) inscrito no cérebro/mente. A Faculdade da Linguagem de uma criança encontra-se em seu estágio inicial (S_0) do processo de aquisição da linguagem. O estágio estável (S_s) é alcançado após a fixação paramétrica realizada pela criança mediante a exposição ao *input* da língua a ser adquirida. A aquisição da linguagem resulta da passagem do S_0 para o S_s , a qual é marcada pela internalização da gramática particular da língua a ser adquirida. Entende-se, então, que a GU é uma teoria que focaliza a descrição da Faculdade da Linguagem no seu S_0 .

A Faculdade da Linguagem se encaixa dentro da arquitetura maior da mente/cérebro. Ela interage com outros sistemas, que impõem condições que a linguagem deve satisfazer se for para ser de todo estável. Estas podem ser pensadas como “condições de legibilidade”, no sentido que demais sistemas precisam ser capazes de “ler” as expressões da língua e delas fazer uso para o pensamento e a ação (CHOMSKY, 1998, p.57).

A ideia de uma Faculdade da Linguagem continua a vigorar no Programa Minimalista-PM (1995), o qual se constitui como um programa de investigação da linguagem que também objetiva explicar os fenômenos linguísticos, porém considerando que esses se constituem a partir de um sistema computacional mais econômico e mais simples, o que traz consequências importantes para a compreensão do fenômeno de aquisição da linguagem. Na visão minimalista, é no léxico que estão todas as informações paramétricas das línguas e os itens lexicais são constituídos por traços fonéticos, semânticos e formais. A tarefa da criança passa a ser então a de determinar o conjunto de traços apropriados para a língua a que está sendo exposta, definir a que itens lexicais cada traço se associa e de que natureza o traço é, se interpretável ou não interpretável, a fim de entrar na sintaxe da língua e definir os valores paramétricos da língua de exposição (AUGUSTO, 2007).

2.2 Aquisição da Libras por surdos e não surdos

O processo de aquisição das LS é similar aos das LO. Os surdos passam pelos mesmos estágios de desenvolvimento pelos quais passam os ouvintes. Observa-se que o balbúcio de crianças surdas é análogo ao de ouvintes, mas de forma gestual. Isto se dá dessa maneira porque o signo linguístico, bem como o sistema gramatical não está presente somente na fala oral, mas

também na fala gestual. Em relação aos estágios de aquisição da linguagem de uma criança ouvinte Scarpa (2001) aponta que:

Segundo Bates & Goodman (1997), a trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser, com algumas especificidades, universal e contínua. As crianças começam com balbúcio, primeiro com vogais (cerca de 3 a 4 meses, em média), depois com combinações de vogais e consoantes de complexidade crescente (geralmente entre 6 e 12 meses). As primeiras palavras emergem entre 10 e 12 meses, em média, embora a compreensão de palavras possa começar algumas semanas antes. Depois disso, as crianças passam várias semanas ou meses produzindo enunciados de uma palavra. No começo, a taxa de crescimento de seu vocabulário é reduzida, mas há um súbito acréscimo nela mais ou menos entre 16 e 20 meses. As primeiras combinações de palavras geralmente aparecem entre 18 e 20 meses e no começo, tendem a ser telegráficas. Lá pelos 24 a 30 meses, há outra espécie de explosão vocabular e aos 3 anos ou 3 anos e meio, a maioria das crianças normais dominou as estruturas sintáticas e morfológicas de suas línguas maternas. (p.15)

E no que concerne as LS, os estágios são bem similares, como podemos concluir com os estudos trazidos por Quadros (1997, pág. 70-71) acerca desses estágios de aquisição da linguagem por surdos:

- a) *Período Pré-linguístico* – Os autores Petitto e Marantette (1991) fizeram um estudo com bebês surdos e ouvintes, que vai do nascimento até os 14 meses de idade, chegando à conclusão que o balbúcio acontece independentemente da modalidade da língua, quer sinalizada ou oral, pois se constatou que as crianças, a depender do *input* a que são expostas, este favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.
- b) *Estágio de um sinal* – Petitto (1987) advoga que tanto as crianças surdas como as ouvintes com menos de um ano de idade utilizam muito da apontação para referenciar objetos e pessoas, no entanto quando a criança surda entra no estágio de um sinal, que equivale ao estágio de uma palavra nas LO, esse recurso do apontar desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito de apontação inicialmente gestual (pré-linguístico) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico)
- c) *Estágios das primeiras combinações* – As primeiras combinações surgem por volta dos dois anos nas crianças surdas. Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem ‘erros’ de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças

ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao interlocutor para referirem a si mesmas. A princípio, constatar esse tipo de erro nas crianças surdas causa certa surpresa devido a aparente transferência entre a forma de apontação e seu significado. Esse tipo de erro e não uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados ao processo de aquisição da linguagem.

- d) *Estágios de múltiplas combinações* – Por volta dos dois anos e meio a três anos as crianças surdas apresentam a chamada explosão de vocabulário, com distinções derivacionais; com referentes presentes no discurso, já há o uso consistente do sistema pronominal; dos três anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros; Bellugi e Klima (1982) falam da flexão de alguns verbos, cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais, os autores identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como supergeneralizações, fenômeno análogo aos ouvintes.

É posto que para consolidação eficiente desses estágios de aquisição, quer seja por ouvintes ou surdos, deve ser respeitado o período considerado ideal para a aquisição da linguagem, comumente conhecido como “período crítico”. A terminologia período crítico para os estudos em linguagem foi proposta por Lenneberg (1967), segundo o qual tal período refere-se à fase propícia para a aquisição da linguagem, no qual deve haver uma exposição suficiente à linguagem. Conforme o autor, o período crítico corresponde dos 0-6 anos de idade.

No que tange a este período ideal de aquisição, Gleitman e Newport (1995 *apud* GROLLA 2014, p.34) trazem os resultados de um estudo acerca da aquisição da Língua de Sinais Americana (doravante ASL) por surdos com idade de mais de 30 anos, com períodos de aquisição distintos, sendo que o primeiro grupo era formado por surdos que adquiriram a língua em tenra idade, o segundo grupo adquiriu a língua entre os 4 e os 6 anos e o terceiro grupo adquiriu a língua depois dos 12 anos de idade. Os autores concluem a partir dos testes feitos, que tanto os surdos expostos à língua desde o nascimento quanto os que foram expostos à língua até os 6 anos de idade possuíam nível nativo de competência da língua, já os expostos à língua após os 12 anos de idade, apesar de terem bom controle de vocabulário e usassem orações simples, os resultados quanto ao uso de sentenças complexas foram dramáticos, pois eram realizados de forma inconsistente e omitiam morfemas gramaticais. Esses testes trazem evidências de um suposto período crítico de aquisição da linguagem pelos surdos.

Dentro da literatura há controvérsias quanto à existência desse chamado “período crítico”, visto que não há consenso quanto à delimitação da idade limite desse período, entre os pesquisadores. No entanto o que se evidencia é que na tenra infância os processos de aquisição da linguagem são mais receptíveis como defende Pinker:

Em suma, a aquisição de uma linguagem normal é certa para crianças até 6 anos, fica comprometida a partir dessa idade até pouco depois da puberdade, e é rara depois disso. Alterações maturativas do cérebro, tais como declínio da atividade metabólica e do número de neurônios durante o início da vida escolar, e a estagnação no nível mais baixo do número de sinapses e da atividade metabólica por volta da puberdade são causas plausíveis. Sabemos que os circuitos de aprendizagem da linguagem do cérebro são mais plásticos na infância. (PINKER, 2002, p. 374)

É discutido que o processo de aquisição da linguagem fora do período crítico é considerado aquisição tardia. Considera-se que, para chegar a este quadro, a criança passou por algo que causou a falta de *input* durante o período sensível, mas precisa do *input* capaz de oportunizar marcação paramétrica. Essa realidade é bem comum no Brasil, haja vista que os surdos brasileiros não têm acesso a sua língua assim que nascem, pois 95% dos surdos são filhos de ouvintes, os quais desconhecem a Libras, ou por preconceitos ou falta de informação e, por isso, comumente privam seus filhos de uma língua que lhes possibilite entender o mundo a sua volta. Assim, a maioria dos surdos tem uma aquisição de uma LS tardia, os conduzindo assim a um contato superficial com a Libras quando são inseridos no contexto escolar, muitas vezes por meio de um ouvinte que também está aprendendo a língua como L2. Um ambiente assim em nada favorece uma aquisição natural da língua, acarretando várias dificuldades linguísticas, como adverte Grolla (2014), ao discutir os resultados da abordagem de Lenneberg (1967).

O desenvolvimento da linguagem como um todo ocorre par a par com o desenvolvimento do cérebro e, quando o crescimento do cérebro estaciona, o mecanismo de aquisição da linguagem também estaciona não permitindo mais a aquisição de uma língua com a mesma rapidez, facilidade e perfeição com que a primeira língua foi aprendida. Isso tem desdobramentos sérios também na aquisição da língua de sinais por crianças surdas. Diversos estudos mostram que quanto mais tarde se dá a exposição à língua de sinais, menos nativo é o domínio e uso dessa língua pela criança surda, o que parece confirmar a abordagem de Lenneberg. (GROLLA, 2014, p. 33)

Os sujeitos-informantes surdos desta pesquisa compõem os dois períodos discutidos, a saber: o grupo do período crítico, que adquiriram a Libras até os seis anos de idade, e o grupo de surdos que adquiriram Libras no período tardio, depois dos 14 anos. Durante a análise

confrontaremos por meio de dados quantitativos a frequência de aquisição das categorias N e V dentro desses grupos de aquisição.

2.2.1 Aquisição de segunda língua

Devido às conquistas da comunidade surda em relação ao respeito e difusão da Libras, surge uma significativa demanda, o processo de aprendizagem da Libras como segunda língua (L2), o que vem despertando o interesse por parte dos ouvintes que almejam se profissionalizar na área. As demandas para garantir os direitos dos surdos aumentam na direção dessa necessidade, a exemplo do âmbito escolar, no qual surge a necessidade de implantação do ensino da Libras como primeira língua para o aluno surdo, bem como do ensino das diversas matérias curriculares por intermédio dessa língua. Por fim, no âmbito das instituições prestadoras de serviços (hospitais, bibliotecas, museus, repartições públicas etc.), surge a necessidade de criação de condições de acessibilidade ao público surdo por meio da contratação de intérpretes qualificados de Libras-Português e da capacitação de funcionários falantes de Libras. Essa é a realidade de nossos informantes do grupo de ouvintes adquirentes de Libras como L2, pois são professores, intérpretes, amigos e familiares de surdos, que convivem diariamente nessa comunidade de fala, tendo todos, assim, um *input* de imersão para processo de aquisição. Diante desse contexto é relevante que nos apropriemos dos estudos a despeito da aquisição de L2.

É de conhecimento de todos que se dedicam aos estudos acerca da aquisição da linguagem que não há uma abordagem diretamente relacionada às especificidades da aquisição de L2 na Teoria sobre o acesso à GU proposta por Chomsky (1972). Mas as peculiaridades do processo de aquisição de L2 não deixaram, por isso, de ser alvo das preocupações de gerativistas que se dedicam à pesquisa desse processo, os quais têm abordado a questão considerando a possibilidade de acesso direto, indireto ou mesmo ausente à GU na aquisição de L2.

Mattos (2000), em seu trabalho traz algumas posições teóricas controversas acerca da aquisição de segunda língua, via acesso a GU. A autora elenca, a partir dos estudos de Ellis (1993), as seguintes hipóteses: a do *acesso total*, de acordo com a qual o processo de aquisição de uma segunda língua é o mesmo que o processo de aquisição de língua materna e os adquirentes, portanto, têm total acesso à GU; a hipótese de *nenhum acesso*, de acordo com a qual a GU não está mais disponível para os aprendizes de L2, impossibilitando o adquirente no avanço da língua alvo no que cerne algumas proibições que seriam impostas em suas

interlínguas pelas regras da GU; e a hipótese de *acesso parcial*, de acordo com a qual os aprendizes de L2 somente têm acesso aos parâmetros da GU que estão atuando na sua língua materna. Portanto, os que defendem a hipótese de *acesso parcial* assumem que a aquisição de uma segunda língua seria parcialmente ditada pela GU e parcialmente por estratégias gerais de aprendizagem. Enquanto que os que defendem a hipótese do *acesso dual* assumem que os aprendizes adultos de L2 fazem uso tanto da GU quanto de estratégias gerais de aprendizagem, embora o uso de estratégias gerais de aprendizagem possa bloquear o acesso à GU. Com isso, os aprendizes não alcançariam o status de nativos da língua alvo, acarretando falhas inadmissíveis em princípios impostos pela GU.

Já Kato (2005) assume a hipótese de *acesso indireto à GU* não apenas para a modalidade falada mas também para a aquisição da modalidade escrita, ou seja, a autora apresenta uma proposta de explicação do processo de aquisição da escrita defendendo a ideia de que esse se dá como L2. Em outras palavras, para Kato (2005) o acesso à GU se dá por via da primeira gramática, tanto na aquisição da modalidade falada de uma L2 como na aquisição da modalidade escrita de L1 e L2. Em ambos os casos, a aquisição se daria por haver reflexo da L1 na L2. A autora apresenta hipóteses de dois autores como possibilidades de explicar como se dá o processo de acesso indireto à GU. Segundo ela, para Silva-Corvalán (1993) a aquisição de L2 se dá quando uma propriedade gramatical periférica da L1 é aprendida como tendo o estatuto de uma propriedade nuclear na gramática da L2; já para Roeper (1999), há também a possibilidade de uma situação de um bilinguismo em nível desigual, com a G1 como gramática nuclear e uma G2 na periferia marcada, a qual pode se manifestar por conjuntos lexicais marcados, isto é, itens que não se comportam como os demais em relação a um valor do parâmetro selecionado na gramática nuclear, ou ainda por uma mini-gramática selecionada por gênero, também distinta da gramática nuclear. Entretanto, conforme essa perspectiva, quando o indivíduo está adquirindo uma L2, há interferência de sua língua materna, de tal maneira que os parâmetros de sua L1 servem de suporte no processo de aquisição de uma segunda língua.

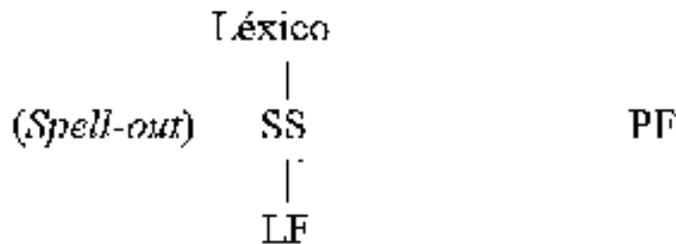
Assumimos nesta pesquisa como pressuposto sobre a aquisição da linguagem a hipótese inatista de acesso indireto à GU, por entender, em conformidade com Kato (2005), que essa proposta explica mais satisfatoriamente a interferência da L1 na L2. Estamos considerando que os nossos informantes ouvintes, o Grupo Ouvintes, são falantes que adquiriram, e não apenas aprenderam, a Libras. Essa aquisição se dá de forma inconsciente, no que diz respeito à fixação de valores paramétricos, propriamente ditos, não obstante haja algum nível de consciência pelo menos em aspectos superficiais como busca de itens lexicais novos. Como o acesso à GU é indireto, via L1, entendemos que, como acontece com qualquer falante de L2, há a possibilidade

de marcação imperfeita de valores paramétricos na Libras desses informantes, resultando numa interlíngua. Chamamos a atenção, porém, para o fato de que os nossos informantes do Grupo Ouvintes, como já dissemos, tiveram processo de aquisição por imersão, o que torna as condições do processo de aquisição muito semelhantes à aquisição da L1 no tocante ao fator “inconsciência na fixação de parâmetros”.

2.3 Postulações da Gramática Gerativa para nome e verbo

Chomsky postula também um formato do modelo teórico para analisar as sentenças das línguas naturais, análogo a um sistema computacional. Conforme explica Mioto (2016), nessa perspectiva, a sentença é formada por uma sequência de sons que é representada pela Forma Fonética (*Phonetic Form* - PF) e com um determinado sentido representado pela Forma Lógica (*Logical Form* - LF). Conforme esse modelo, a relação entre PF e LF não é direta, mas mediada pela estrutura sintática (*Superficial Structure*- SS), que deriva de uma estrutura inicial tratada pela Teoria como estrutura profunda (*DeepStructure* - DS). Porém, essa ideia de *gramática transformacional*, como era conhecido esse modelo gerativista dentro da Teoria Padrão, transferido depois para o modelo de Regência e Ligação (GB- *Government and Binding*), dá lugar ao modelo minimalista (Programa Minimalista- PM), fase atual da Teoria, na qual só permanecem os níveis de interface LF e PF. Entendemos assim, que a Teoria Gerativa propõe um esqueleto de como a língua é organizada em nossa mente/cérebro. No PM de 1995, esse esqueleto arquitetônico da língua é representado da seguinte maneira:

Figura 1 – Interface entre LF e PF



Fonte: Mioto (2016, p. 23).

Os pressupostos gerativistas no decorrer dos anos foram sendo refinados, ocorrendo evolução dos conceitos de princípio, de parâmetro e da própria GU. Um exemplo desse refinamento é uma das Teorias centrais da proposta Gerativista: a Teoria X-barras. Essa Teoria é

proposta como tentativa de explicar a estrutura universal da gramática. Como explana Mioto (2016):

A teoria X-barra é o módulo da gramática encarregado de mostrar como um sintagma é estruturado. Ela é necessária para explicar a natureza do sintagma, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os sintagmas se hierarquizam para formar a sentença. Como acontece com qualquer módulo da gramática, a Teoria X-barra deve ser universal a ponto de configurar-se como um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também deve prestar-se a dar conta da variação nas diferentes línguas (p.51).

A Teoria X-barra foi proposta como estrutura capaz de atender a todas as relações sintáticas possíveis dentro de uma língua. De acordo com Mioto (2016), a Teoria tem que desenvolver formas explícitas de representar a estrutura interna dos sintagmas e mostrar como eles se hierarquizam para formar sintagmas maiores, chegando à sentença. Dentro da perspectiva minimalista, a estrutura X-barra se compõe ao longo da derivação, através das operações *Concatenar* (*Merge*) e *Mover* (*Move*). Assim, conforme os postulados do PM, a entrada lexical se dá via arranjo conhecido como *Numeração* (*Numeration*), a qual está no início de toda a computação de uma determinada sentença. A *Numeração* é acessada através da operação *Seleção* (*Selection*), a qual seleciona os itens lexicais que entraram na *Numeração*. Esses itens lexicais são compreendidos como um conjunto de traços, que serão interpretados ao longo da computação. A computação continua com a operação *Concatenar*, que une os itens lexicais e elementos mais complexos formados por estes, e a operação *Mover*, que é acessada quando determinado traço está presente na sonda. Chomsky (1995) propõe que o que torna um elemento ativo para o sistema computacional são os seus traços não-interpretáveis. Dessa forma, traços não interpretáveis em um núcleo entram na derivação não valorados e recebem valor através da operação *Concordância* (*Agree*). Essa operação incorpora mecanismos de valoração de traços não valorados, se houver correspondência (*match*) entre os traços da sonda (*probe*) e do alvo (*goal*). Dessa maneira, antes de a derivação alcançar a Saída Fonética (*Spell-out*) os traços formais não valorados são valorados e eliminados.

Seguindo esta linha, para formação de itens lexicais, em especial os que nos interessam especificamente, os traços que derivam N e V, Mioto (2016) apresenta-os da seguinte forma:

[...] tomemos um radical com *am-* do qual se derivam um nome *amor*, um adjetivo *amado* e um verbo *amar*. O radical em si se presta a estabelecer o sentido lexical da palavra (a famosa relação de amor) e a princípio não é associado a ele qualquer traço $[\pm V]$ ou $[\pm N]$. Desse radical pode ser formada a palavra *amar* que é definida pelos traços $[-N, +V]$ e identificada como um verbo: não tem traços $[+N]$ como gênero e tem

traços [+V] reconhecidos como morfemas verbais como tempo, modo e/ou aspecto. A palavra *amor* é definida pelos traços [+N,-V] e é identificada como um nome: tem traços [+N] de gênero e não tem traços [+V]. E a palavra *amado*? Sem dúvida pode ter traços [+N] de gênero e número quando é combinada com o verbo *ser* (*Maria foi amada por João*), por exemplo, não porta tais traços quando combinado com o verbo *ter* (*A Maria tinha amado João*), caso em que revela o aspecto verbal. Por isso, a palavra, *amado* é definida pelos traços [+N,+V]. (p. 57)

No PM, são três os tipos de traços contidos em uma estrutura sintática: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Vejamos um exemplo do Português retirado de Kenedy (2013, p. 139):

(3) [*sujeito João [predicado viu Maria]*].

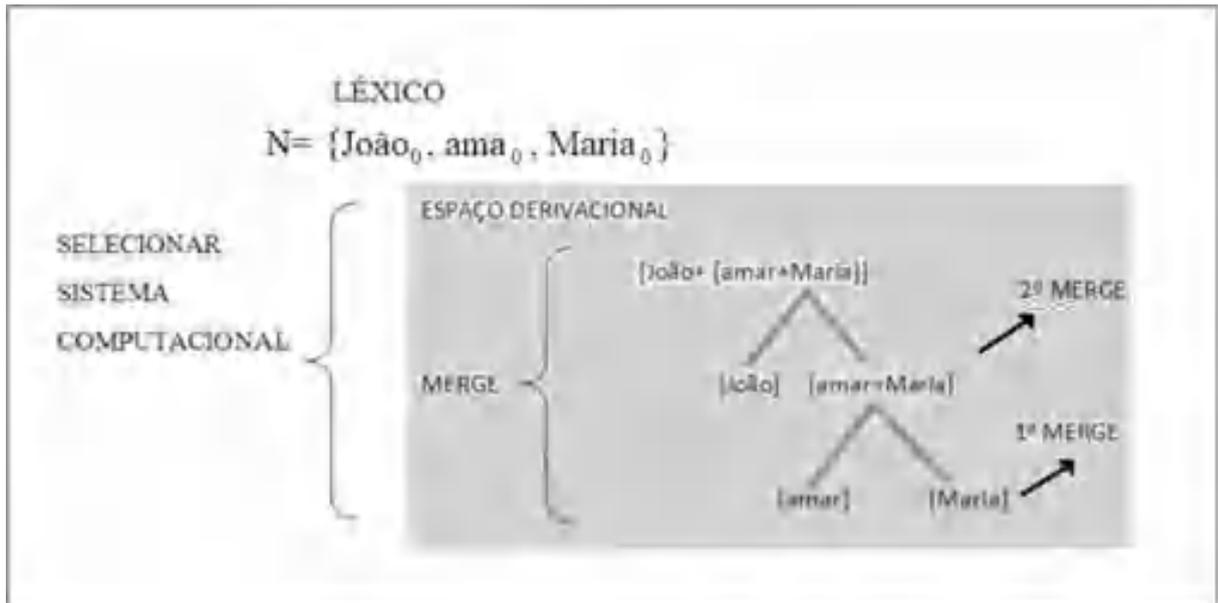
(4) **[sujeito João [predicado visão Maria]*].

De acordo com Kenedy (2013), em (3), o item “ver” informa ao sistema computacional que ele é um verbo, pois carrega os traços da categoria V, colocando-o em uma posição na frase que somente ele pode estar, sendo assim licenciada na gramática, não causando nenhuma estranheza ao proferir a frase em (3). Já em (4) temos uma frase agramatical, pois nesta o item “visão” está posicionado no lugar da categoria V. Uma vez que “visão” é um nome com traços categorias de N, isto gera o não licenciamento na frase. Para identificação dessas categorias podemos usar um sistema binário com as marcas + ou -:

V=[+V, -N] (exemplo ver).

N=[-V, +N] (exemplo: visão)

Figura 2 – Sistema Computacional da Linguagem



Fonte: Kenedy (2013, p. 220)

A partir dessa exemplificação podemos nos perguntar qual é a natureza de traços categorizadores para N e V? Quanto aos traços categorizadores do verbo, esses definem tanto as flexões morfofonológicas que marcam as propriedades de tempo, modo e aspecto, quanto às relações semânticas definidas por papéis temáticos, e as relações formais definidoras da posição sintática central do verbo no segmento oracional. Quando pronunciamos o verbo “beber”, por exemplo, são os traços fonológicos que estabelecem a relação da língua com nosso sistema articulatório-perceptual, o qual nos faz, por meio do aparelho sensorio-motor, produzir os sons da fala. Nesse item também estão contidas outras informações como, por exemplo, a ação de ingerir algum líquido, informações que estão nos traços semânticos. Por sua vez os traços formais dizem respeito às relações que este verbo irá estabelecer com outros elementos em uma sentença. Sabemos que o verbo “beber” irá estabelecer relações com um *agente* ou *experenciador* (quem bebe) que é o papel temático do argumento externo desse verbo e um *tema*, o que é submetido ao processo (o que é bebido) que é seu argumento interno.

(5) [_{Agente} Carlos] bebeu [_{Tema} o suco].

Já os traços categorizadores do nome definem: as flexões morfológicas, que marcam as propriedades de gênero e número; as relações semânticas, por via de papéis temáticos recebidos, quando os nomes estão na posição de argumentos selecionados por outro núcleo lexical predicador, ou atribuídos, quando esses estão na posição de predicadores; e as relações formais definidoras da posição sintática por meio do sistema de Casos.

Villalva (2007, p. 97) expõe algumas características semânticas do nome marcadas pelos seguintes traços: (a) *Lisboa* [-comum], *professor* [+comum]; (b) [±animado], que distingue a subclasse de nomes que referente a seres vivos (ainda que seres vivos, nesta visão do mundo, sejam apenas pessoas e animais) da subclasse referente a entidades inanimadas e conceitos: *Maria* [+animado], *rato* [+animado], *pinheiro* [+animado], *prazer* [-animado]; (c) [±humano], que subespecifica os radicais nominais animados: *Maria* [+humano], *rato* [-humano]; (d) [±contável], que subespecifica os nomes: *cadeira* [+contável], *vinho* [-contável]. Esta categoria conta também com as classes temáticas, bem como com mecanismos de concordância de gênero e número, expressos por traços fonológicos, que determinam a concordância do nome com determinantes, quantificadores, adjetivos e apostos.

Vemos, dessa forma, que nomes e verbos, assim como adjetivos e até mesmo advérbios e preposições lexicais, têm, em comum, características mais gerais referentes à sua condição de itens lexicais. Entre essas características está fundamentalmente aquela estabelecida pela carga semântica de tais itens, que é a *predicação*, a qual coloca o item lexical na condição de *núcleo predicator*, quando seleciona outros itens atribuindo-lhes papéis temáticos. Encontram-se essas características em qualquer dessas categorias lexicais. Já a posição de argumento, estabelecida também na relação de predicação quando o item lexical é selecionado por um predicator, é prerrogativa apenas da categoria dos nomes (e dos advérbios em certos contextos). Vejamos alguns exemplos de argumentos selecionados por um predicator que está associado à informação e sobre sua função temática, ou seja, semântica estabelecida com o predicator, no quadro a seguir adaptado de Eliseu (2007, *apud* Villalva, 2007).

Quadro 1 – Papéis Temáticos

Agente	Entidade (dotada volição, mesmo que involuntariamente) que desencadeia a ação expressa pelo predicador. Ex: <i>A Rute partiu o vidro (sem querer)</i>
Instrumento	Entidade (não controladora) que causa a ação expressa pelo predicador ou o objeto com o qual efetua uma ação. Ex: <i>O vento fechou a porta com a chave.</i>
Experienciador	Entidade que sente ou se apercebe dos acontecimentos Ex: <i>A professora gosta de desenhos animados.</i>
Beneficiário	Entidade que se beneficia da ação expressa pelo predicador Ex: <i>Antônio comprou estas flores para a namorada.</i>
Alvo	Entidade / lugar em relação à qual é dirigida a ação (concreta ou abstrata) expressa pelo predicador Ex: <i>O Antônio vendeu o carro à Margarida.</i>
Origem	Entidade / lugar a partir da qual uma coisa é movida devido à ação expressa pelo predicador. Ex: <i>A Margarida comprou o carro do Antônio.</i>
Locativo	Espaço em que se situa a situação expressa pelo predicador Ex: <i>A vizinha do ministro está em casa.</i>

Fonte: Adaptado de Villalva (2007, p. 59)

A predicação é, portanto, um tipo de operação sintática dos itens lexicais, caracterizada pela disposição de selecionar argumentos, a qual envolve dois aspectos, distinguindo-se em seleção categorial e seleção semântica (s-seleção). O verbo “beber”, por exemplo, tem que selecionar como argumento externo algo que tenha propriedades semânticas compatíveis com *quem ingere* e como argumento interno algo com propriedades líquidas *algo a ser ingerido*.

(6) [Argumento externo Carlos] bebeu [Argumento interno o suco].

Fazem parte do grupo dos verbos que podem selecionar seus argumentos, três tipos: verbos transitivos, verbos inergativos (também conhecidos como intransitivos) e verbos inacusativos. Esses verbos são classificados de acordo com a quantidade de argumentos que eles selecionam.

Os *verbos transitivos* são aqueles que selecionam um argumento externo e um ou dois internos, por exemplo, o verbo “ver”, pois seleciona algo ou alguém que vê e algo ou alguém a ser visto. Como também o verbo “colocar” que obrigatoriamente seleciona três argumentos.

(7) [Argumento externo O menino] viu [Argumento interno uma pequena menina].

(8) [Argumento externo a moça] colocou [Argumento interno os copos] [Argumento interno na pia].

Já os *verbos inergativos* são verbos que selecionam apenas um argumento externo ou, dito de outra forma, são verbos que não marcam Caso Ergativo. Em línguas não-ergativas como o Português, tanto o argumento externo de um verbo transitivo quanto o argumento externo de um verbo monoargumental são marcados com Caso Nominativo.

(9)[Nominativo Maria] viu um macaco.

(10) [Nominativo Lucas] correu.

Os *verbos inacusativos* selecionam apenas argumento interno. Tais verbos são assim chamados por não conseguirem atribuir Caso Acusativo a seu argumento interno. Os verbos inacusativos são, por natureza, verbos que manifestam estados ou eventos não-agentivos como *existir, adormecer, chegar e crescer*, cujo argumento único se manifesta como o elemento que recai a ação, realizam ou revelam a eventualidade denotada pelo verbo. Ou seja, o argumento desse verbo é um tema ou paciente.

Há também verbos que não selecionam nenhum argumento, como *verbos meteorológicos*; e outros que, por serem desprovidos de carga semântica, como os copulativos (ou de ligação), não apresentam capacidade de atribuir papel temático algum e, por isso, podem selecionar estruturas mais complexas conhecidas como mini-orção (*small clause* SC). Conforme Miotto (2016), uma SC é uma predicação que se estabelece entre um constituinte que é sujeito e outro que é predicado sem que o núcleo desse predicado seja um verbo (ou uma flexão verbal), como nos exemplos a seguir, de cujas SCs, explica o autor que o *João* é o sujeito e os APs *lindo* e [*capaz de dirigir motos*], o DP *um gato* e o PP *de terno* são predicções que se fazem sobre o *João*.

(11)a. A Joana acha [_{SC} o João lindo].

b. A Joana acha [_{SC} o João capaz de dirigir motos].

c. A Joana acha [_{SC} o João um gato].

d. A Joana quer [_{SC} o João de terno]. (MIOTO, 2016, p.108)

Já a seleção categorial diz respeito à capacidade que o verbo ou outro núcleo têm de selecionar categorialmente (c-seleção) seus argumentos, ou seja, se considerarmos a flexão verbal como um núcleo funcional, então, este irá c-selecionar um sintagma da categoria dos verbos, um VP (Sintagma Verbal) como complemento. Já um núcleo verbal como “gostar” c-seleciona obrigatoriamente um PP (Sintagma Preposicional). Enquanto a categoria verbal pode

selecionar, em línguas como o Português, tanto DP (Sintagma Determinante), no caso dos verbos transitivos diretos, como PPs, no caso dos verbos transitivos indiretos e de complementação oblíqua, a categoria dos nomes, bem como a de adjetivos e advérbios só selecionam PPs.

Essas reflexões, acerca das postulações gerativistas sobre as categorias N e V, pensadas no âmbito mais geral, e inclusive observando especificidades da Língua Portuguesa, são base teórica fundamental à análise que fazemos dos sinais no contexto sintático da Libras, com o intuito de identificar a categoria sintática dos sinais investigados, bem como possíveis características morfofonológicas e/ou sintáticas concernentes a N e V em Libras. Para tanto, procuramos observar a seleção argumental e demais aspectos sintáticos definidores das categorias gramaticais investigadas, nas frases produzidas em Libras pelos informantes.

3 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Neste capítulo trazemos as contribuições de pesquisas acerca dos aspectos linguísticos da Libras, uma língua jovem, já que o Brasil, país onde se fala essa língua é jovem, e de estudos recentes, em comparação a tradição de estudar, descrever, analisar, comparar e documentar já estabelecida no campo das LO. Somente a partir de 1980, com os trabalhos de Felipe (1988), Ferreira 2010 [1995], posteriormente Quadros e Karnopp (2004) e Pizzio (2011), sobre a gramática dessa língua, é que os estudos linguísticos da Libras aqui no Brasil passaram a se compor. Verificamos ainda desdobramentos, como as pesquisas de Lessa-de Oliveira (2012) e Marinho (2014), que se debruçaram no estudo a cerca da natureza articulatória do sinal. A abordagem desses estudos é de suma relevância para a análise dos nossos dados, no que tange à realização articulatória dos pares testados, a fim de se procurar observar a existência ou não de elementos articulatórios que podem ser identificados como morfemas categorizadores de N e V.

3.1 A estrutura articulatória do sinal na Língua Brasileira de Sinais

O pioneirismo em investigar a natureza articulatória do sinal na ASL cabe ao linguista norte americano William Stokoe em 1960. O linguista propôs uma estrutura formada por componentes articulatórios que ele denominou “parâmetros”. Do ponto de vista do que é postulado por Saussure (1916) para a natureza estrutural das palavras, ou os signos linguísticos, nas LO, podemos dizer que se podem identificar as mesmas propriedades nas LS, tais como: (a) decomposicionalidade dos itens lexicais dessa língua (normalmente chamados de sinais) em unidades menores, (b) à finitude e conseqüente recorrência dessas unidades sublexicais na constituição de outros sinais e, (c) ao caráter distintivo que estas podem assumir. Para Stokoe (1976), essas propriedades fazem parte da fonologia das LS, porém de forma diferente das LO. O autor sugeriu o termo ‘quirema’ para as unidades formacionais dos sinais e ‘quirolgia’ para o estudo das combinações dos sinais, porém outros estudiosos e o próprio Stokoe posteriormente optaram por utilizar os termos fonema e fonologia defendendo que as LS são naturais e partilham dos mesmos princípios das LO.

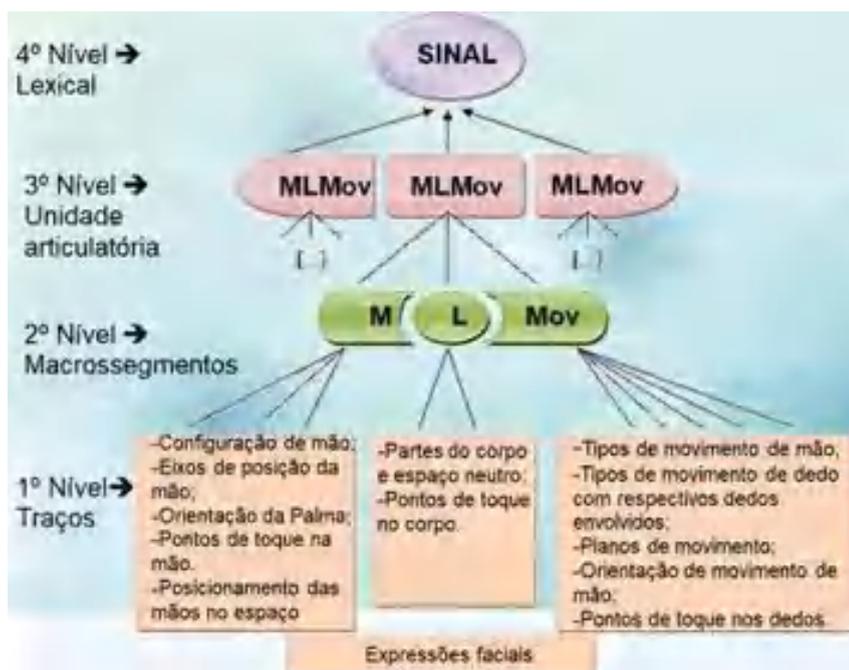
A forte influência de seus achados se estendeu a Libras, a exemplo de Ferreira 2010 [1995] e Quadros e Karnopp (2004), que se dedicaram à tentativa de encontrar esses traços distintivos nesses parâmetros. Seguindo a análise e terminologia de Stokoe, no sistema fonológico da Libras, teríamos cinco parâmetros, que são: *Configuração de mão, Locação, Movimento, Orientação e Expressões faciais*.

Para compor esse leque de descobertas, contamos atualmente com contribuições de pesquisas acerca da natureza articulatória do sinal, como a de Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014). As autoras comungam com a ideia de um modelo hierárquico para a natureza interna dos sinais. Vejamos as propostas das autoras.

Concebendo a estrutura articulatória do sinal de forma semelhante aos itens lexicais de outras línguas naturais, Lessa-de-Oliveira (2012) defende que os parâmetros são apenas traços que formam segmentos superiores de três tipos distintos. Ou seja, diferentemente das análises já feitas, as quais colocam os segmentos articulatórios, acima citados, num mesmo nível, Lessa-de-Oliveira (*Ibidem*) propõe que os sinais da Libras têm uma estrutura articulatória hierárquica em que aquilo que é conhecido comumente na literatura sobre Libras como parâmetros são, na concepção da autora, traços que compõem um primeiro nível articulatório. Num segundo nível, encontram-se o que a autora chama de macrossegmentos, que reúnem esses traços em três grupos, Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov.); num terceiro nível ocorrem as unidades formadas por esses macrossegmentos, constituído assim a unidade MLMov; e, num quarto nível, reúnem-se as unidades MLMov em segmento superiores superior, compondo o sinal.

Conforme a autora, os sinais ocorrem, de modo geral, constituídos de apenas uma unidade MLMov, mas também encontramos sinais articulados com mais de uma dessas unidades. A seguir se encontra um resumo da proposta dessa autora para a estrutura articulatória hierárquica do sinal:

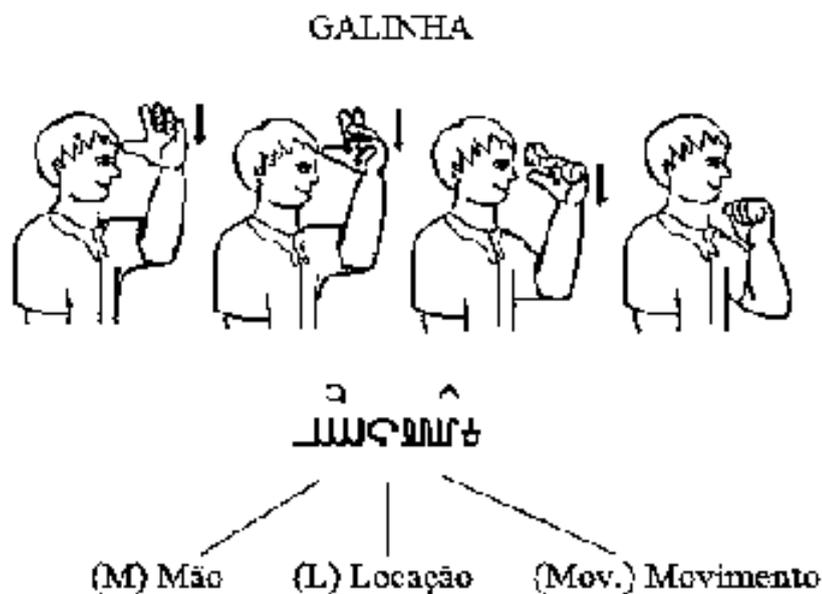
Figura 3 – Estrutura Articulatória do Sinal, segundo Lessa-de-Oliveira (2012)



Fonte: Blog Escrita SEL <http://sel-libras.blogspot.com.br>

Lessa-de-Oliveira (2012) é também autora de um sistema de escrita para Libras, o sistema SEL, que foi desenvolvido a partir dessa estrutura articulatória do sinal proposta por ela. Na escrita SEL, os segmentos articulatórios têm a seguinte organização: conforme explica Lessa-de-Oliveira (2012, p.167), o Macrosegmento MÃO é formado por três elementos: *configuração de mão, eixo e orientação da palma*. Vejamos um exemplo de como esses macrosegmentos compõem um sinal, por via Sistema de Escrita para Língua de Sinais-SEL:

Figura 4 – Macrosegmentos da Unidade MLMov



Fonte: Lessa-de-Oliveira (Blog Escrita SEL <http://sel-libras.blogspot.com.br>)

Nesse exemplo, o Macrosegmento M se compõe dos seguintes traços: configuração de *mão espreada*, e eixo superior/orientação da palma para cima. O macrosegmento L, que se compõe nesse exemplo apenas pelo traço *face*, e o macrosegmento Mov, apresentam dois traços, *o movimento fechar os dedos indicador, médio, anelar e mínimo*, e *o movimento de mão retilíneo para baixo*.

O sistema SEL apresenta apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita. Há autores como Lira e Felipe (2001) que registram um número maior que esse, precisamente 72 configurações de Mão em Libras. Lessa-de-Oliveira (2012), porém, justifica a redução apresentada por ela, dizendo que muitas das configurações a mais apresentadas por Lira e Felipe (2001) são na verdade resultado de movimento. Os traços *eixo da mão* e *orientação de palma* indicam a posição da

mão/palma na realização do sinal. A autora indica a existência de três eixos, como quatro orientações de palma em cada eixo. A escrita SEL representa esses traços com diacríticos que ocorrem acima do caractere de configuração de mão.

O Macrossegmento Locação (L), de acordo com Lessa-de-Oliveira (2012), representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. A autora identifica, na Libras, um total de 32 pontos de articulação envolvendo o corpo, e mais o espaço neutro, que é quando o sinal é feito sem inclusão de nenhuma parte do corpo. Outro tipo de traço articulatorio identificado por Lessa-de-Oliveira (2012; 2018) como componente da articulação de sinais é o de expressão facial, o qual é marcado na escrita SEL por diacríticos que ocorrem sobrescritos aos caracteres de locação ou entre os caracteres de configuração de mão e movimento, caso não ocorra caractere de Locação.

Continuando com a proposta de Lessa-de-Oliveira (2012; 2018) para a formação dos sinais por meio de macrossegmentos com traços imbricados, temos o macrossegmento Movimento (Mov) que a autora divide em dois tipos: (1) *de dedo*, que em escrita SEL é representado por caracteres que correspondem a cada um dos cinco dedos da mão (α-polegar, β-indicador, γ-médio, δ-anelar; ε-mínimo), os quais podem aparecer isolados ou combinados, a depender de quais dedos estão envolvidos no movimento, como em α^x -*esfregar polegar e indicador*, αβ^γ -*fechar gradativamente todos os dedos*, αβ^γ movimento tesoura com indicador e médio, α^γ - *dobrar polegar* e assim por diante. São 11 os tipos de movimentos de dedos, representados no sistema SEL por 11 diacrítico e 19 possibilidades de combinações de dedos envolvidos no movimento; (2) *de mão*, que se compõe de 13 tipos, dividindo-se entre os que ocorrem em planos (há três planos de movimento – *transversal, sagital e frontal*, conforme a autora) e os que não ocorrem em planos.

Além disso, o sistema SEL ainda possui, para os sinais realizados com duas mãos, diacríticos para marcar a posição de uma mão em relação à outra (Mãos em paralelo, alinhadas, em diagonal ou cruzadas) e a simultaneidade/alternância dos movimentos de ambas as mãos.

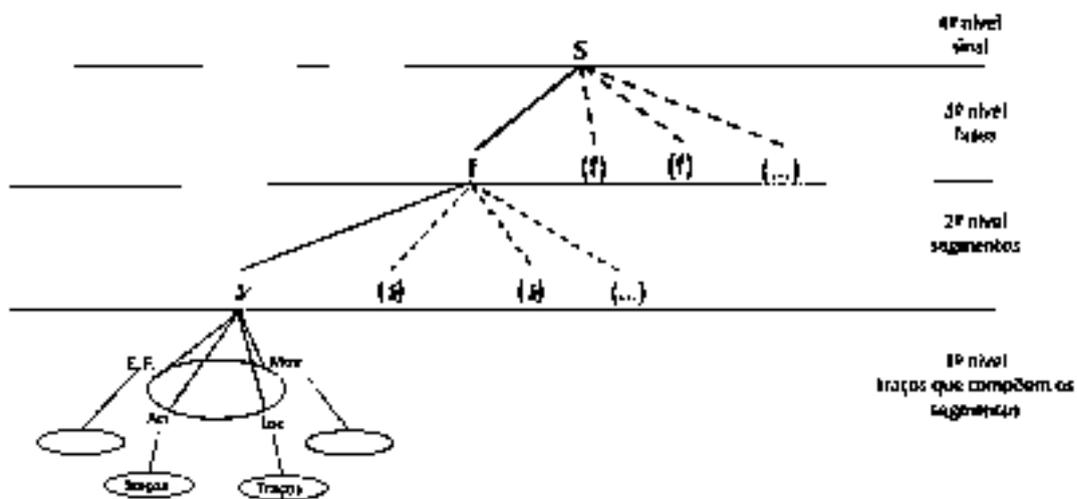
Influenciada pelos achados de Lessa-de-Oliveira (2012), Marinho (2014) propõe, em pesquisa de doutorado, uma estrutura articulatória para o sinal que se organiza em níveis distintos de segmentações. De acordo com a autora:

Na base dessa estrutura, encontra-se o segmento (s) como o menor constituinte, que combina elementos matriciais interdependentes e simultâneos em torno de um golpe (gesto articulatorio) ou de uma suspensão (ausência de gesto articulatorio). Os elementos matriciais correspondem

parcialmente aos parâmetros identificados por Stokoe (1960) e Brito (1995), sendo eles, para nós, o articulador, a localização, o movimento e a expressão facial. Cada um desses elementos, a que também chamaremos de parâmetro ou unidade paramétrica, é formado por um feixe de traços (ou formantes), que o caracteriza de acordo com as propriedades articulatórias e dinâmicas. [...] Os dados mostraram que a fase (f), um nível acima, é constituída de um segmento ou uma sequência deles (s), desde que não haja interrupção do movimento. Por fim, a fase, combinada ou não a outras, constitui um sinal (S). (MARINHO, 2014, p. 164-166)

Na imagem a seguir, Marinho (2014) resume sua proposta.

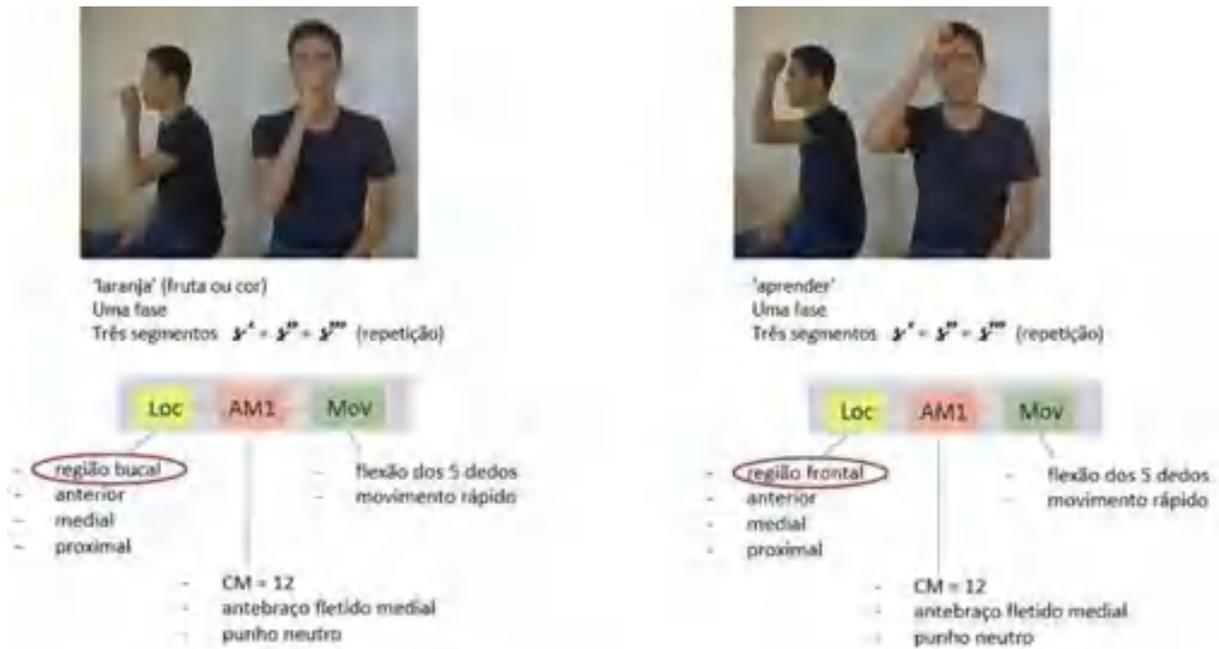
Figura 5 – Proposta de Marinho (2014) para a Estrutura Hierárquica do Sinal



Fonte: Marinho (2014, p.166)

Dentre os muitos exemplos apresentados pela a autora, utilizamos um para exemplificar o seu modelo e também no que cerne a esta proposta mediada pela distinção de sinais por meio de traços, a autora exemplifica usando os sinais de LARANJA e APRENDER. Percebemos que a oposição de significados é ocasionada apenas pela mudança de um traço, ou seja, um par mínimo, que é a locação – *boca* para o sinal LARANJA e *testa* para o sinal APRENDER.

Figura 6 – Exemplos da Proposta de Marinho



Fonte: Marinho (2014, p. 172)

Assim, na concepção de Marinho, os segmentos gestuais assemelham-se aos segmentos fonológicos das LO, como as vogais e as consoantes, pois em suas análises a autora acredita que inerente ao modo de produção, seja de modalidade oral ou gestual, essas unidades são resultado do arranjo de feixes articulatorios e ocupam uma posição na linha temporal. Também, essas estruturas obedecem a regras para formação interna e de combinação com outros segmentos, chegando à conclusão que a cadeia de sinalização evidencia tanto a linearidade quanto a simultaneidade na articulação do sinal.

Tomamos o modelo articulatorio de formação de um sinal, a partir dos macrossegmentos, compostos de traços imbricados, proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2018), como base para analisar a estrutura articulatoria dos sinais de nosso *corpus*, com o objetivo de verificar se há um padrão mórfico produtivo de distinção categorial para os pares N e V, em Libras, por ser um modelo que oferece elementos bastante pertinentes da estrutura do sinal, tornando viável a verificação da existência ou não de morfemas, a partir da observação de sua parte fonológica. Assim, averiguamos se nossos sujeitos-informantes realizam algum tipo de variação articulatoria, em qualquer dos níveis articulatorios inferiores do sinal, revelando, assim, a existência ou não de, algum padrão de ocorrência ligada à identificação das categorias N e V, compondo o que podemos compreender como um paradigma categorial, flexional ou derivacional.

3.2 Aspectos morfológicos

A área da morfologia de Libras é pouco estudada, carente de estudos que busquem documentar a distinção categorial, se é que nesta língua exista algum elemento que os distingua morfologicamente. Pesquisadores da gramática da Libras, como Quadros e Karnopp (2004), têm proposto a existência de uma morfologia flexional que subdivide a categoria dos verbos na Libras, em alguns tipos, como os simples, manuais, com concordância e espaciais.

De acordo com Quadros e Karnopp (*Ibidem*) *Verbos simples* são verbos que não se flexionam em pessoa e número, e não apresentam afixos locativos. Na figura a seguir observamos alguns exemplos sugeridos pelas autoras para exemplificar essa categoria.

Figura 7 – Exemplos de Verbos Simples



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.57).

De acordo com Silva (2015), esses constituem a classe de verbos considerada padrão nas LS. Por conseguinte, a autora explica que, os verbos sem concordância se caracterizam por não codificarem nenhuma propriedade gramatical de concordância com seus argumentos, porque eles não possuem nenhuma marca que indique a pessoa do discurso ou o objeto.

Quanto aos *Verbos com concordância*, esses formam, de acordo com Quadros e Karnopp (*Ibidem*), uma categoria que se flexiona em pessoa, número e aspecto, no entanto não incorporam afixos locativos, conforme os exemplos a seguir citados pelas autoras.

Figura 8 – Exemplos de Verbos com Concordância



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 117).

Ainda de acordo com Silva (*Ibidem*), essa classe de verbos pode ser encontrada na literatura com denominações variadas como: *verbos direcionais*, *verbos flexionados*, *verbos de movimento* e *verbos de flexão*. Sintaticamente, esses assumem dois comportamentos: ou concordam morfologicamente com os papéis temáticos *fonte* e *alvo*, o que pode ser facilmente identificado através do movimento da articulação do sinal, ou concordam sintaticamente com os argumentos ocupantes das posições de sujeito e objeto na sentença, que podem ser verificado pela direção da palma da mão.

Quanto aos *Verbos espaciais*, de acordo com Quadros e Karnopp (2004) esses são verbos que contam com a presença de afixos locativos, como no exemplo propostos pelas autoras a seguir:

Figura 9 – Exemplo de Verbo Espacial



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.118)

Conforme Silva (2015) os verbos espaciais podem ser identificados pelas suas marcas de movimento e locação no espaço, sendo esses os que incorporam afixos locativos. De acordo com a autora, é a direção do movimento, nesse tipo de verbo, que denota a posição dos argumentos locativos, ou seja, seu ponto de partida e o destino. Citando Quadros e Quer (2010), a autora advoga que esses verbos espaciais também são considerados verbos com concordância, mas com concordância específica locativa, pois concordam com argumentos locativos.

Já os *Verbos manuais* são apresentados por Quadros e Karnopp (2004, p.118) como sendo a classe de verbos que “poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal na sentença, pois também incorporam objeto quando é o caso”. Em consonância com Silva (*Ibidem*), podemos dizer que são verbos que envolvem uma configuração de mão tal que parece representar o “segurar o objeto com a mão”, já que esses verbos incorporam argumentos ao mesmo tempo em que indicam seu formato, como objetos cilíndricos, altura, largura, etc. Os verbos classificadores são questionados por Silva (*Ibidem*) que considera, remontando a vários

estudos, que os classificadores são complexos no que cerne à discussão teórica e explica que esses verbos têm sido vistos como formas manuais relacionadas a coisas, pessoas e animais, funcionando como marcadores de concordância, isto é, um tipo de classificação com adjetivação descritiva.

Já na concepção de Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014), o que é conhecido comumente como verbos classificadores, corresponde muitas vezes ao que elas concebem como *verbos autossaturados*, fenômeno recorrente em Libras. Mas não se trata de uma definição de tipo verbal por característica morfológica, trata-se da observação de um processo sintático da estrutura argumental. A autossaturação é, assim, uma espécie de incorporação de argumentos (objeto ou sujeito), quando essa inclusão ocorre naturalmente, ou seja, parece já fazer parte da composição do sinal. Esse fenômeno é diferente da incorporação de argumentos que ocorre ocasionalmente, ou seja, não é intrínseco ao sinal.

- (12)a. $[VP [NP\emptyset] [V' \begin{matrix} \psi & \delta \\ \text{m} & \text{m} \end{matrix} \dots Y] [\emptyset]]$
 LocIND. ENVI[ar]_{MENSAGEM} LocBRUXA
 ‘Enviaram uma mensagem à bruxa’
- b. $[VP [NP \begin{matrix} \delta \\ \text{m} \end{matrix}] [V' \begin{matrix} \psi & \delta \\ \text{w} & \text{e} \end{matrix} \dots \text{XP } \emptyset \begin{matrix} \delta \\ \text{m} \end{matrix} \dots]]]$
 BRUX[a] OUV[ir] \emptyset BAT[er]_{À PORTA}
 ‘A bruxa ouve baterem à porta’

(Adaptado de ALMEIDA; LESSA DE OLIVEIRA, 2014)

Conforme as autoras, nesses exemplos encontramos autossaturação de argumento interno nos sinais ENVI[ar]_{MENSAGEM} e BAT[er]_{À PORTA}. Em (12a), os argumentos interno e externo são marcados, espacialmente, nos pontos inicial e final do movimento. Prado (2014) identifica esse tipo de marcação de argumentos como Localizadores (Loc), que são uma espécie de apontação que localiza os argumentos previamente situados no espaço físico. Assim temos, em (12a), no ponto inicial do movimento um Loc^{indeterminado} como argumento externo, com papel de Agente, e o Loc^{bruxa} como argumento interno Benefactivo, no ponto final do movimento. Já o argumento interno tema, que significa ‘carta’, este ocorre por autossaturação, ou seja, está incluído no próprio sinal.

Quanto ao exemplo (12b), o predicador ‘bater’ exige dois argumentos para ter seu sentido semântico saturado. Entretanto, apenas o argumento externo é saturado por outro sinal (BRUX[a]) nesse exemplo, o argumento interno não aparece como um sinal articulado

separadamente, uma vez que o sinal BAT[er]À PORTA incorpora o verbo ‘bater’ e seu objeto ‘porta’.

No que tange aos processos de formação de palavras na Libras apresentamos aqui alguns dos dados de Felipe (2006). A autora parte do mesmo conceito de raiz atribuído à estrutura morfológica das palavras em Língua Portuguesa, ou seja, a parte da palavra que resta ao serem retirados os afixos, as desinências e vogal temática. Conforme esses estudos, em Libras, esta raiz, na maioria das vezes, não seria um morfema livre. Segundo a autora, o processo de modificação por adição à raiz pode ser realizado através da incorporação da negação como sufixo ou infixo.

Como **sufixo**, este se incorpora à raiz de alguns verbos que, possuindo uma raiz com um movimento em um primeiro momento, finalizam-se com um movimento oposto, que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER/QUERER-NÃO; SABER /SABER-NÃO ; GOSTAR /GOSTAR-NÃO. Esse movimento contrário não é um item lexical para negação, seria como, em Português, o prefixo {anti-}, mas que, na Libras, vem posposto à raiz, daí, a análise dele como um sufixo de negação.

Como **infixo**, este incorpora simultaneamente a raiz verbal através de uma alternância no movimento ou através de expressão corporal (movimento da cabeça) concomitantemente ao sinal, como nos verbos: TER/TER-NÃO; ENTENDER/ENTENDER-NÃO (VRJ); PODER/PODER-NÃO. A negação, além de poder ser expressa por esses processos morfológicos de adição de um afixo à raiz, pode também ser uma construção sintática, porque através dos sinais ‘NÃO’ e ‘NADA’ pode-se fazer a negativa, como nos verbos: SABER NÃO; ENTENDER NÃO; ENTENDER NADA.

Em relação à modificação interna da raiz, conforme Felipe (2006, p. 203-204), uma raiz M pode ser modificada através de cinco mecanismos de modificação interna, que são:

- (i) **Flexão para pessoa do discurso** que, marcando as pessoas do discurso, através da direcionalidade - movimentos retilíneos ou semicirculares faz com que a raiz M se inverta ou até adquira uma forma em arco para flexionar em relação às pessoas do discurso.
- (ii) **Flexão para aspecto verbal** que, marcando os casos modais, através de mudanças na frequência ou na velocidade do movimento da raiz M, acrescenta essas informações sintático-discursivas (FINAU, 2004);
- (iii) **Flexão para gênero** que, marcando a concordância de gênero (animado – pessoa, animal e inanimado – coisa e veículo), através de configurações de mão específicas,

funciona como classificadores. Por exemplo, o verbo ‘CAIR’ modifica sua raiz a partir de configurações de mão (classificadores), que obrigatoriamente concordam com o sujeito da frase;

- (iv) **Incorporação do numeral** que, representando os numerais de um até quatro, através de configurações de mão, acrescenta à raiz um quantificador. Na Libras, esse tipo de modificação interna da raiz é muito produtivo e, segundo Felipe (1998), está presente no seu sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (dual, trial, quatrial e plural), como também no seu sistema de classificadores e em alguns advérbios: ANTEONTEM, UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES, PRIMEIRO-ANDAR, SEGUNDO-ANDAR, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS, etc;
- (v) **Incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais** que alteram também a frequência do movimento da raiz M, como pôde ser verificado a partir da coleta de dados com exemplos de verbos da Libras com incorporação do advérbio “rapidamente” (movimento repetido e acelerado) e do intensificador “muito” (movimento lento e alongado para a frente do emissor).

Quanto à formação de compostos na Libras, existem muitos trabalhos a respeito. Trazemos aqui uma das contribuições mais recentes, que são os estudos de Figueiredo-Silva e Sell (2014). As autoras dividem os compostos em três grupos: os compostos “aparentes”, os compostos “verdadeiros” e os compostos “frasais”.

- (i) **Compostos “aparentes:** são compreendidos como os sinais que definem o gênero para identificação do sexo da pessoa no discurso. Como os exemplo das autoras, temos FILHO^HOMEM (filho) e FILHA^MULHER(filha) (menina). No entanto, uma vez que os sinais são passíveis de troca de ordem, e não se encontra um padrão de ordenação no emprego desses compostos, as autoras os nomearam de “aparentes”. O contrário também ocorre, há sinais que não licenciam a mudança na sua ordenação, como no caso dos sinais para PAI e MÃE, em que a ordem é fixa: HOMEM-BENÇÃO (pai) e MULHER-BENÇÃO (mãe). Também há outras ocorrências, como o que as autoras denominam de “quantificação genérica”, que se dá com o uso de um sinal que representa um elemento protótipo do grupo para classifica-lo, por exemplo o sinal correspondente a COMIDA e acrescenta a ele um morfema que poderia se dizer preso, com a possibilidade de ser traduzido com o

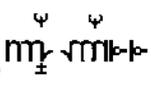
COISAS/VÁRIOS/DIVERSOS COMIDA^DIVERSO [alimentos],
 ROUPA^DIVERSO [vestuário];

- (ii) **Compostos verdadeiros:** a formação [HOMEM + N] / [MULHER + N] pode ser usada também para cunhar sinais compostos que designam profissões, como mostram os exemplos MULHER^VENDA [vendedora] HOMEM^CONSTRUÇÃO [pedreiro]. Eles são nomeados como “verdadeiros”, por terem uma ordem é fixa. Outros exemplos desse grupo são aqueles formados a partir da matriz lexical [CASA + N], que denominam lugares e que se observa também a ordem fixa e a obrigatoriedade dos dois sinais, como em CASA-ESTUDO (escola), CASA-CRUZ (igreja);
- (iii) **Compostos frasais:** alguns sinais são formados pela junção de dois ou mais sinais, Neles, observam-se combinações em que a ordem pode variar como mostram os exemplos dados pela autora: HOMEM^CONCERTO^ELETRICIDADE[eletricista]/HOMEM^ELETRICIDAD E^CONCERTO [eletricista].

Outra análise sobre a estrutura morfológica do sinal é o de Almeida (2013) e Almeida e LESSA-DE-OLIVEIRA (2014), que, com base na proposta de estrutura articulatória do sinal de LESSA-DE-OLIVEIRA (2012), apresentam aspectos morfológicos de formação de diferentes tipos de sinais, identificando-os a partir da quantidade de unidades MLMov e de raízes semânticas presentes no sinal. Assim, observam as autoras que há em Libras sinais formados por uma única unidade MLMov, a maioria deles, e sinais formados por duas ou três dessas unidades, estruturando-se da seguinte forma:

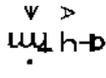
A - Sinais formados por uma única unidade MLMov, que se subdividem em:

- (i) Sinal que comporta em sua totalidade uma raiz semântica, como por exemplo, o sinal ESTUD[ar/o].

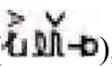
(13) 
 ESTUD[ar/o]

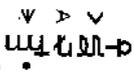
- (ii) Sinais que comportam uma raiz semântica em parte dos seus segmentos como, por exemplo, o sinal QUATRO TIPOS, em que a raiz semântica ‘quatro’ é representada

pela mão de base, que corresponde a apenas parte do macrosssegmento “Mão”. Explicam as autoras que, isoladamente, a parte realizada pela mão principal não representa nada, embora nesse sinal traga a ideia de ‘tipo’.

(14) 

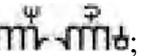
QUATRO TIPOS

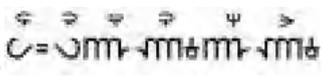
- (iii) Sinais que comportam mais de uma raiz semântica como, por exemplo, o sinal QUATRO TIPOS DIFERENTES, em que algarismo quatro é realizado com a mão de base () , enquanto a mão principal realiza, conjuntamente e associada ao sinal QUATRO, a outra parte deste sinal () , o qual isoladamente corresponde ao sinal  (DIFEREN[te/ça]) realizado com uma única mão, com alteração do eixo da mão e acréscimo de um movimento retilíneo para direita.

(15) 

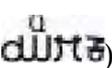
QUATRO TIPOS DIFERENTES

B - Sinais formados por mais de uma unidade MLMov, que se subdividem em:

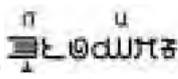
- (i) Sinais compostos por unidades que não significam nada sozinhas, como o sinal BOLO, cujas unidades – 1ª ; 2ª ; 3ª  – não significam nada isoladamente.

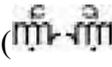
(16) 

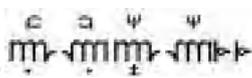
BOLO

- (ii) Sinais compostos por unidades das quais apenas uma corresponde a outro sinal isoladamente. Como exemplo, as autoras citam o sinal ONÇA, em que primeira unidade () isoladamente corresponde ao sinal LEÃO (ou FELINO) e a segunda unidade () não corresponde a nenhum sinal. As autoras incluem nesse tipo também os sinais PAI e MÃE, considerando que a primeira unidade

isoladamente são respectivamente os sinais HOMEM e MULHER. Explicam elas que a segunda unidade desses sinais iconicamente passa a clara ideia de “bênção”, uma vez que reproduz a imagem da mão sendo beijada tal qual fazem os católicos quando pedem a bênção aos pais, representando MÃE, literalmente, como a mulher que abençoa. Entretanto, há outra forma articulada de maneira diferente (com as mãos se abrindo para baixo) que representa o sinal BÊNÇÃO ou ABENÇOAR.

(17) 
ONÇA

(iii) Sinal composto por unidades que correspondem a outros sinais isoladamente, como o sinal ESCOLA, cuja primeira unidade corresponde ao sinal CASA ou MOR[ar/adia] () e a segunda corresponde ao sinal ESTUD[ar/o] ()

(18) 
ESCOLA

3.3 Padrões da ASL na Libras: proposta de Quadros e Karnopp (2004)

Ao analisar as LS, muitos partem do pressuposto da presença de contraste entre as categorias N e V, como se verifica comumente em LO como o Português, embora não haja pesquisas que tenham conseguido demonstrar claramente a natureza deste contraste entre os sinais, ou mesmo a relevância de contraste morfológico dessas categorias lexicais nas LS. Alguns estudos sobre LS defendem como critério para a distinção entre N e V um único aspecto estrutural das línguas: a mudança de movimento, mas ainda que esse tipo de distinção possa ter sido encontrado em alguma LS não é fato que tal morfema categorizador possa ser generalizado no universo das LS, semelhantemente ao que ocorre com LO, que também não apresentam morfologia categorial generalizada.

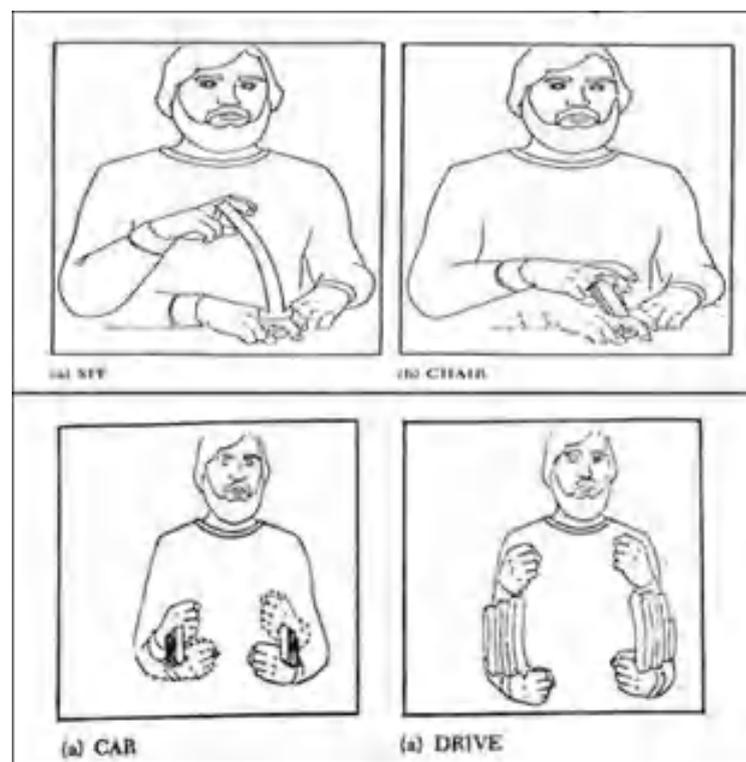
No que concerne a esta problemática, contamos com o estudo feito de mais de 100 pares de N e V, da ASL, desenvolvidos pelos linguistas norte-americanos Ted Supalla e Elissa Newport (1978). Em seu trabalho *How many seats in a chair? The derivation of nouns and*

verbs in American Sign Language, os autores constataram um padrão que diferenciava as categorias N e V na ASL por meio da mudança de movimento. Verificou-se, assim, que movimentos curtos e reduplicados formariam nomes, enquanto que movimentos únicos e alongados seria morfemas categorizadores de verbos para a ASL.

Para os propósitos deste estudo, 100 pares de verbo foram coletados e analisados (veja o Apêndice para uma listagem completa). Como será detalhado na discussão a seguir, tais substantivos e verbos não são de fato idênticos em forma; em vez disso, os substantivos diferem consistentemente dos verbos na frequência e na maneira de movimento. Primeiro, os substantivos são sempre repetidos, enquanto os verbos são únicos ou repetidos. Em segundo lugar, os substantivos são sempre curtos, enquanto os verbos são únicos ou contínuos. (SUPALLA; NEWPORT, 1978, p.103, tradução nossa).

Nos sinais a seguir, oriundos dos pares pesquisados por Supalla e Newport (1978) visualizamos a produção dos sinais *SIT* (SENTAR) e *CHAIR* (CADEIRA) em ASL. De acordo com a mudança de movimento, o verbo *SIT* se configura com um movimento único e alongado, enquanto que o nome *CHAIR* é realizado com movimentos curtos e reduplicados. Vemos também o sinal de *CAR* (CARRO) um N com movimentos curtos e reduplicados, enquanto seu par *DRIVE* (DIRIGIR) com movimentos alongados.

Figura 10 – Sinais de SENTAR e CADEIRA em ASL



Fonte: Supalla e Newport (1978, p. 80).

Quadros e Karnopp (2004) propõem o mesmo padrão para nomes e verbos em Libras. Para as autoras tal generalização feita a partir dos dados da ASL, como nos achados de Supalla e Newport (*Ibidem*), tomam o tipo de movimento como responsável pelo contraste entre N e V. O pressuposto então é de que este critério se aplica às LS em geral. Quadros e Karnopp (*Ibidem*) sugerem que a formação de N é oriunda de certos sinais relacionados a conceitos verbais, com a diferença de que verbo se caracteriza por um movimento longo, enquanto que no nome o movimento é breve e repetitivo. As autoras concluem, assim, que:

Supalla e Newport observaram que pares de nomes e verbos diferem-se um do outro apenas no tipo de movimento do sinal. Tais conclusões aplicáveis às regras morfológicas da língua de sinais podem ser ilustradas com o par SENTAR e CADEIRA: a locação, a configuração e a orientação de mão dos dois sinais são as mesmas, mas o movimento é diferente. É o movimento que cria a diferença no significado entre os dois tipos de sinais. Neste sentido, a locação, a configuração e a orientação de mão dos sinais ROUBAR e LADRÃO são as mesmas, mas o movimento é diferente. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 100).

Conforme ilustram as figuras a seguir dos sinais da Libras, apresentados pelas autoras, o sinal TELEFONAR se configura como V porque tem os traços de movimento único e alongado, já o sinal TELEFONE se configura como N porque seus traços são de movimento curto e reduplicado. Da mesma forma, o sinal CADEIRA seria um N porque é formado pelo movimento curto e reduplicado, enquanto seu par seria um V com movimento *único e alongado*; e o sinal PERFUME seria um N, com movimento curto e reduplicado, enquanto que seu par PERFUMAR seria um V, com movimento único e alongado. Vejamos:

Figura 11 – Mudança Categorial



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.97)

Apesar de as autoras supracitadas assumirem a existência de uma distinção entre as categorias N e V em Libras considerando a diferenciação de movimento como responsável pelo contraste entre essas categorias, esse ponto de vista não é consenso entre alguns pesquisadores das LS. Vejamos as opiniões de alguns pesquisadores quanto a esta questão, ainda que não sejam resultado de pesquisas diretamente com o tema.

Felipe (2006) não conseguiu localizar em seus dados uma diferenciação pela diferenciação de movimento, que pudessem ser comum a todos os pares, chegando a seguinte conclusão:

Devido ao fato dessas diferenças não poderem ser aplicadas a todos os pares na Libras, este tipo de formação de palavra continuará sendo tratado como derivação zero: itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto lingüístico onde está inserida e, quando estão na função de verbo possuem o caso instrumento implícito: BRINCADEIRA / BRINCAR; CADEIRA / SENTAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER. (p. 205)

Almeida (2013) se mostra contrária à existência de categorização morfológica em Libras não apenas entre as categorias N e V, mas também no tocante a outras categorias. Quanto à categorização de itens lexicais em Libras, a autora analisa que:

[...] Libras vem mostrando ser uma língua que não apresenta marcas morfológicas definidoras de morfemas verbais, nominais, adjetivais etc. Por exemplo, diante de um sinal como CRESC(er) isolado, fica difícil saber se se trata do verbo *crescer*, do nome *crescimento*, ou do adjetivo *crescido*. (ALMEIDA, 2013, p. 20)

Figueiredo-Silva e Sell (2014) fazem referência ao fato de que não há evidências claras para a diferenciação entre as classes gramaticais em Libras. Explicam as autoras que:

[...] os sinais na Libras não apresentam evidência morfológica clara para a distinção entre as classes gramaticais; por exemplo, os sinais usados para CARRO e para DIRIGIR CARRO não apresentam qualquer diferença, mas ocuparão lugares distintos na sentença segundo seja o nome ou o verbo que está sendo usado. Em geral tem-se o mesmo sinal tanto para verbos como para substantivos – ainda que numa certa medida as classes de palavras possam se distinguir por reduplicação do sinal, como é o caso dos sinais usados para "telefone" e "telefonar". Esta ressalva é importante porque, na formação dos compostos, na maioria dos casos não há como decidir, apenas com base na morfologia, se um sinal pertence à classe gramatical dos verbos ou dos substantivos ou ainda se não pertence *a priori* a classe nenhuma. (2014, p.16)

Silva (2015), em estudo sobre a marcação de tempo em Libras, tratando da categorização dos sinais nessa língua, assume que:

[...] não podemos afirmar que em Libras exista uma diferença morfofonológica que distinga nomes de verbos, ou seja, como resultados de nossas observações, podemos dizer que a mudança de movimento como paradigma morfofonológico para marcação de categoria gramatical não é produtiva em Libras. Dessa maneira, [...], o mesmo sinal pode se apresentar como um verbo em uma dada frase e como um nome em outra [...] (SILVA, 2015, p. 93).

Dentre as discordâncias sobre a generalização morfológica categorizadora de N e V por meio da diferenciação de movimento em Libras, destacamos a pesquisa de doutorado de Pizzio (2011). Na tentativa de encontrar critérios para a verificação da diferença entre N e V em Libras, Pizzio (*Ibidem*) selecionou 25 pares N e V. Para tanto, a autora se utilizou de dois procedimentos metodológicos: um levantamento desses sinais em dicionários de Libras e um teste com a utilização de imagens para a coleta de dados.

O primeiro procedimento da investigação de Pizzio (*Ibidem*), que corresponde ao levantamento dos pares analisados em dicionários de Libras, pôs em suspensão a hipótese de possibilidade de generalização para Libras das diferenças entre N e V encontradas por Supalla e Newport (1978) em dados da ASL. Após análise dos resultados de sua pesquisa, Pizzio (*Ibidem*) não encontrou uma padronização, nos pares buscados nos dicionários, que fosse capaz de demonstrar haver a diferenciação de movimento como elemento distintivo entre N e V em Libras. Sobre os resultados da primeira fase de sua pesquisa, Pizzio (*Ibidem*) informa que:

[...] a busca nos dicionários de Libras proporcionou um leque grande de possibilidades em relação a cada par de nome e verbo. Foi observado que há uma variedade grande na forma de representar os sinais entre os diferentes dicionários. Percebeu-se também que não há um padrão no movimento que diferencie todos os pares da mesma forma. Um mesmo par foi representado de maneiras diferentes em cada um dos dicionários. Desta forma, pelo menos com os dados obtidos pelos dicionários, é possível pensar que a generalização feita por Supalla e Newport (1978) não se aplica a todos os pares de nomes e verbos na Libras como se pensava (p. 131).

O segundo procedimento metodológico utilizado por Pizzio (*Ibidem*) consistiu em um teste dividido em duas etapas. Conforme informa a autora, a primeira etapa se deu em forma de um teste de eliciação com 75 surdos adultos fluentes em Libras, com períodos de aquisição distintos, sendo que a maioria adquiriram Libras tardiamente e um percentual menor de adquirentes da Libras em período crítico. Os surdos assistiam a vídeos com imagens de certo objeto e também com imagens desse objeto sendo utilizado, ilustrando assim noções nominais e verbais, respectivamente. As imagens não foram apresentadas na mesma sequência do par N e V para não se induzir os sujeitos a uma interpretação tendenciosa dos sinais quanto a isso. A segunda etapa consistiu de um teste de compreensão, aplicado a 35 surdos. O participante assistia a um vídeo com sinais feitos por um surdo adulto fluente em Libras. A tarefa dos sujeitos informantes era relacionar o sinal feito com uma imagem que invocasse uma noção verbal ou uma nominal, correspondente ao que foi realizado no vídeo.

Dados esses procedimentos, aplicações e análises do teste, Pizzio (2011) chega a resultados que põem em dúvida a possibilidade de ser a variação de movimento um traço distintivo entre N e V em Libras.

Os resultados obtidos mostram que há bastante variação na produção dos indivíduos. Nem sempre foi observado o padrão esperado para a produção dos nomes e verbos, principalmente para aqueles pares que apresentam ou um movimento circular do sinal ou um movimento alternado de mãos e braços para realizar o sinal. Muitas vezes, os indivíduos não diferenciavam na sua

produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos. (PIZZIO, 2011, p. 227)

A autora assevera que a variação de movimento adotado por Supalla e Newport para a ASL não era totalmente aplicável a Libras, uma vez que seus informantes não se apercebiam da distinção entre as duas categorias, produzindo exatamente o mesmo sinal para ambos os casos, ou se valia de outras estratégias para diferenciar essas categorias, como a realização de sinais compostos, por exemplo, principalmente para produzir nomes. A pesquisadora, portanto, conclui que:

Foi constatado que não é possível fazer a generalização de Supalla e Newport (1978) para os dados da Libras, pois nem todos os pares preenchem os requisitos de movimento longo e único para o verbo e movimento curto e reduplicado para o nome. Muitas vezes, essa impossibilidade ocorreu devido a restrições de formação do próprio sinal, quando não é possível produzir um movimento único e longo em virtude do movimento circular e do movimento alternado próprios de alguns verbos e nomes. (PIZZIO, 2011, p. 225)

Não enxergando produtividade ou padrões que pudessem encaixar os pares de N e V analisados, Pizzio (2011, p.228) chega a algumas conclusões acerca de alguns pares testados. A primeira consideração é que os pares em que o nome remete a elementos que podem ser quantificados, como COMIDA, BEBIDA, BRINQUEDOS, geralmente são diferenciados por meio de sinais compostos para o nome, quando primeiramente é produzido o verbo e depois é produzido um sinal genérico que dá a ideia de “diversos”, “vários”. Da mesma forma, é possível encontrar sinais compostos para os nomes relacionados aos esportes, como NATAÇÃO e CORRIDA, em que é utilizado o verbo correspondente à ação e mais um sinal com significado também genérico, mas relacionado à quantidade de pessoas. A segunda consideração da autora é que outros pares, cujos itens lexicais apresentam movimento circular ou alternado, como ANDAR-BICICLETA e BICICLETA, CONSTRUIR e CONSTRUÇÃO, DIRIGIR-CARRO e CARRO, não conseguem apresentar o padrão esperado e a diferenciação fica por conta, muitas vezes, da diferença no número de repetições do movimento ou na velocidade do movimento. Em terceiro lugar a autora observa que outros pares parecem apresentar o padrão esperado de produção, como ABRIR-PORTA e PORTA, CHOVER e CHUVA, PASSAR-ROUPA e FERRO, PENTEAR e PENTE, ROUBAR e LADRÃO, SENTAR e CADEIRA, CHUTAR e FUTEBOL. Porém, há diferença no número de reduplicações para os nomes. Em quarto lugar a autora observa que os demais pares não apresentam um padrão comum que possa associá-los a um mesmo grupo. Por fim, Pizzio (2011) chega a questionar se realmente existem essas duas

categorias em Libras, uma vez que nomes muitas vezes podem ser representados pela função de determinados objetos, a exemplo de PENTE, objeto que penteia o cabelo, confundido com a própria ação do verbo pentear.

Essa discussão demonstra a necessidade de maior investigação com base em *corpus* ampliado por outros dialetos da Libras, para além do dialeto pesquisado por Pizzio (2011), como a Libras falada em parte da região Sudoeste da Bahia, que é o caso do nosso *corpus* e com base em outro ferramental teórico-metodológico, como a análise fundamentada: a) na estrutura sintática, a fim de garantir a verificação da categoria N ou V dos sinais produzidos pelos sujeitos informantes; e b) na estrutura articulatória hierárquica do sinal e num sistema de escrita da Libras trácico-fonêmico, que possa ajudar a dissecar a estrutura morfofonológica do sinal em busca de elementos mínimos que constituam alguma marca categorial, como nos propomos a fazer neste estudo. Lembrando que a ampliação das pesquisas, com novos *corpus* e ferramental de análise representa cuidado na busca e consolidação do conhecimento sobre a língua, uma vez que generalizações frágeis, não fundamentadas em dados da própria língua, correm sempre o risco de enviesar o conhecimento, além de criar embaraços no estabelecimento de tipologia linguística. Tendo isso em mente é que nos propusemos a realizar a presente investigação, com o intuito de enriquecer os trabalhos já realizados sobre esse tema.

4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

4.1 Participantes da pesquisa

Selecionamos para sujeitos-informantes desta pesquisa 4 surdos que compõem o Grupo de Aquisição na Infância (GI), e 6 surdos que compõem o Grupo de Aquisição Pós-Infância (GPI), e 9 ouvintes falantes de Libras como segunda língua-L2, que compõem o Grupo Ouvintes (GO), perfazendo um total de 19 sujeitos-informantes. Uma vez esclarecidos sobre a natureza e objetivos deste trabalho, todos aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), número do processo 75595817.8.0000.0055. Nos quadros abaixo, descreveremos sumariamente o perfil dos sujeitos da pesquisa, sendo as informações pertinentes à época em que foram realizadas as entrevistas, ou seja, no segundo semestre de 2017.

Quadro 2 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GI

<p>Sujeito-Informante 1</p> <p>O sujeito-informante 1(Inf1-GI), na ocasião das entrevistas, tinha 27 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais são ouvintes, no entanto a mãe é falante da Libras, sua irmã também é surda e usuária da língua. Teve contato com a Libras aos 5anos de idade, com professores ouvintes e em interação com colegas surdos. Concluiu o curso técnico em informática em instituição pública, e sempre teve acesso ao intérprete de Libras na escola. Atualmente é concursada e efetivada pela prefeitura da cidade onde mora. É ativa na comunidade surda.</p>
<p>Sujeito-Informante2</p> <p>O sujeito-informante 2 (Inf2-GI), na ocasião das entrevistas, tinha 22 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita, já usou aparelho auditivo, e é oralizada. Seus pais são ouvintes, no entanto a mãe é falante da Libras. Teve contato com a Libras aos 2anos de idade, com professores ouvintes e em interação com colegas surdos, no núcleo de atendimento a pessoas surdas da UNICAMP. Não concluiu o ensino médio devido à falta de intérprete de Libras. Tem contato diário com surdos de diversas regiões do país através das redes sociais.</p>
<p>Sujeito-Informante3</p> <p>O sujeito-informante 3 (Inf3-GI) tinha 24 anos de idade na ocasião das entrevistas. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais são ouvintes, no entanto a mãe é falante da</p>

Libras, sua irmã também é surda e usuária da língua. Teve contato com a Libras aos 5 anos de idade com professores ouvintes e em interação com colegas surdos. Concluiu o ensino médio em escola pública, e sempre teve acesso ao intérprete de Libras na escola. Atualmente trabalha em uma empresa na área administrativa. É ativa na comunidade surda.

Sujeito-Informante 4

O sujeito-informante 4 (Inf4-GI), na ocasião das entrevistas, tinha 25 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais e demais familiares são ouvintes e não são falantes da Libras. Ele teve contato com a Libras aos 6 anos de idade com professores ouvintes e em interação com colegas surdos. Atualmente cursa nível superior em pedagogia bilíngue e é vice-presidente da APADA, sendo bem atuante na comunidade surda.

Fonte: Das autoras (2019)

Quadro 3 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GPI

Sujeito-Informante 5

O sujeito-informante 5 (Inf5-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 31 anos de idade. Sua surdez profunda bilateral congênita. Seus pais e demais familiares são ouvintes, sua irmã ouvinte é falante da Libras. Ele teve contato com a Libras aos 15 anos de idade, com amigos ouvintes falantes de Libras, e em interação com colegas surdos. Concluiu o curso técnico em administração, e participa da comunidade surda.

Sujeito-Informante 6

O sujeito-informante 6 (Inf6-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 30 de idade. O grau de surdez é moderado. Seus pais e demais familiares são ouvintes, o esposo é surdo e falante da Libras. Ela teve contato com a Libras aos 16 anos de idade, com professores ouvintes e em interação com colegas surdos. Não concluiu o ensino médio. Participa da comunidade surda.

Sujeito-Informante 7

O sujeito-informante 7 (Inf7-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 23 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais e demais familiares são ouvintes e não são falantes da Libras. Ele teve contato com a Libras aos 14 anos de idade, com professores ouvintes usuários de Libras, e em interação com colegas surdos. Está cursando o ensino médio e participa da comunidade surda.

Sujeito-Informante 8

O sujeito-informante 8 (Inf8-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 39 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais e demais familiares são ouvintes e não são

falantes da Libras. Ele teve contato com a Libras aos 19 anos de idade, com professores ouvintes usuários de Libras e em interação com colegas surdos. Concluiu o ensino médio em escola pública, e participa da comunidade surda.

Sujeito-Informante 15

O sujeito-informante 15 (Inf15-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 34 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita, é oralizado. Seus pais e demais familiares são ouvintes, o irmão ouvinte e a esposa surda são falantes da Libras. Ele teve contato com a Libras aos 15 anos de idade, com professores ouvintes falantes de Libras e em interação com colegas surdos. Concluiu o ensino médio em escola pública e participa na comunidade surda.

Sujeito-Informante 19

O sujeito-informante 19 (Inf19-GPI), na ocasião das entrevistas, tinha 32 anos de idade. Sua surdez é profunda bilateral congênita. Seus pais e demais familiares são ouvintes, e não são falantes da Libras. Ela teve contato com a Libras aos 18 anos de idade, com professores ouvintes falantes de Libras e em interação com colegas surdos. Atualmente cursa nível superior em Letras/Libras. É bastante atuante na comunidade surda.

Fonte: Das autoras (2019)

Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos-Informantes do GO

Sujeito-Informante 9

O sujeito-informante 9 (Inf9-GO), na ocasião da entrevista tinha 43 anos. Há 20 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. É especialista em Libras, atua como professora de Libras no Instituto Federal e como professora de AEE para surdos, em uma escola estadual da rede pública. É bastante atuante na comunidade surda.

Sujeito-Informante 10

O sujeito-informante 10 (Inf10-GO), na ocasião da entrevista tinha 30 anos. Há 15 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. É especialista em Libras, atua como professora de Libras, em uma instituição superior de ensino privada, e atua como intérprete de Libras na rede pública municipal. É bastante atuante na comunidade surda.

Sujeito-Informante 11

O sujeito-informante 11 (Inf11-GO), na ocasião da entrevista tinha 26 anos. Há 16 anos adquiriu a Libras como L2, com seu irmão surdo, em cursos de aperfeiçoamento e em

<p>interação com a comunidade surda. Esta cursando o nível superior e atua como intérprete de Libras, em uma escola estadual da rede pública. E bastante atuante na comunidade surda.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 12</p> <p>O sujeito-informante 12 (Inf12-GO), na ocasião da entrevista tinha 29 anos. Há 12 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. É graduada em pedagogia e atua como intérprete de Libras, em uma escola estadual da rede pública. É bastante atuante na comunidade surda local.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 13</p> <p>O sujeito-informante 13 (Inf13-GO), na ocasião da entrevista tinha 18 anos. Há 10 anos adquiriu a Libras como L2, com seu irmão surdo e em interação com a comunidade surda. Concluiu o ensino técnico e participa da comunidade surda local.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 14</p> <p>O sujeito-informante 14 (Inf14-GO), na ocasião da entrevista tinha 23 anos. Há 8 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. É professor de Matemática e participa na comunidade surda.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 16</p> <p>O sujeito-informante 16 (Inf16-GO), na ocasião da entrevista tinha 33 anos. Há 10 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. Concluiu o curso técnico. Na época da entrevista atuava como intérprete de Libras em escolas da rede pública municipal e estadual. Participa da comunidade surda.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 17</p> <p>O sujeito-informante 17 (Inf17-GO), na ocasião da entrevista tinha 35 anos. Há 8 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e em interação com a comunidade surda. É especialista em Libras e atua como intérprete de Libras, em uma escola estadual da rede pública. Participa da comunidade surda.</p>
<p style="text-align: center;">Sujeito-Informante 18</p> <p>O sujeito-informante 18 (Inf18-GO), na ocasião da entrevista tinha 52 anos. Há 23 anos adquiriu a Libras como L2, em cursos de aperfeiçoamento e com as filhas surdas, e em interação com a comunidade surda. Tem ensino médio completo. É bastante atuante na comunidade surda.</p>

Fonte: Das autoras (2019)

Tal detalhamento dos perfis de sujeitos-informantes é importante para compreendermos a que espécie de *input* estes sujeitos foram expostos e as implicações que recai sobre cada grupo de aquisição.

4.2 Elaboração e aplicação do teste

Neste trabalho, replicamos o experimento realizado por Pizzio (2011), pois nos propusemos a analisar os mesmos 25 pares de N e V investigados por essa pesquisadora, no entanto acrescentamos a tal experimento elementos de análise sintática e transcrição que possam agregar critérios para identificação de N e V e possíveis diferenças morfosintáticas existentes ou não nos dados da Libras coletados via testes.

Assim, descrevendo o método experimental adotado, constituímos o *corpus* desta pesquisa a partir de um teste de eliciação por meio de imagens em contexto, ou seja, imagens das quais fosse possível extrair frases contextualizadas como, por exemplo, a imagem a seguir, contida no teste para eliciar o verbo PASSAR_{ROUPA}, em que se vê uma mulher passando uma pilha de roupas. Já para eliciar o nome FERRO, escolhemos uma imagem em que o ferro estivesse totalmente destituído de sua função de passar roupa, selecionamos assim uma imagem de um ferro sendo usado para fritar linguça.

Figura 12 - Imagens Usadas no Teste para Eliciar os Sinais FERRO/PASSAR_{ROUPA}



Fonte: Google imagens

Antes da aplicação propriamente dita do teste, nos propusemos a fazer um teste piloto, para observarmos, a partir das reações dos participantes, se as imagens estavam realmente claras e levariam à obtenção do que planejávamos, validando dessa forma o nosso teste. Com base nas observações feitas do teste piloto com um informante de cada grupo, percebemos que precisávamos alterar algumas imagens.

Com o preenchimento das lacunas e esclarecimentos que o teste piloto nos proporcionou, pudemos então, com mais segurança, selecionar 74 imagens em contexto para

eliciar N e V. Essas gravuras foram organizadas em slides, e dispostas aleatoriamente, e não sequenciada pelos pares, com intuito de não influenciar na sinalização dos participantes. As imagens foram passadas para os sujeitos em sessões filmadas, com um dispositivo eletrônico que foi alocado a um tripé. As sessões de filmagem foram previamente agendadas, algumas ocorreram na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, lugar escolhido por ser acessível a alguns, outras na casa dos sujeitos e outras na casa da pesquisadora. Tivemos o cuidado, com o plano de fundo e também com o vestuário dos sujeitos, na hora da filmagem, para que esses não provocassem desvio de atenção durante a análise. Com relação à coleta de dados, esta ocorreu obedecendo ao seguinte procedimento: de forma individual, ao ir passando os slides em notebook ou na televisão, os informantes, que estavam sentados em frente à exibição das figuras, iam sinalizando em Libras frases que reproduzissem o que viam nas figuras.

A aplicação do teste contou com a presença da aplicadora, juntamente com um técnico para manusear o equipamento de filmagem. Ambos fluentes em Libras davam as orientações sobre como os sujeitos poderiam proceder no teste. Ao final da testagem os participantes respondiam um questionário acerca do seu contato com a Libras. Com as gravações dos 19 colaboradores foi possível coletar um contingente de 1.406 frases produzidas em contexto, envolvendo os 25 pares de N e V. No quadro a seguir vemos os 25 pares N e V que utilizamos nos teste.

Quadro 5 – Pares de Nome e Verbo Utilizados no teste

BICICLET[ar]	BICICLET[a]
ABR[ir] _{PORTA}	PORTA
TESOUR[ar]	TESOUR[a]
PENT[ear]	PENT[e]
CORR[er]	CORR[ida]
NEV[ar]	NEV[e]
CHOV[er]	CHUV[a]
PENS[ar]	PENS[amento]
SONH[ar]	SONH[o]
CHUT[ar]	FUTEBOL
ROUB[ar]	LADRÃ[o]
EXPLOD[ir]	EXPLOS[ão]
NAD[ar]	NAT[ação]

CONSTRU[ir]	CONSTRU[ção]
BRINC[ar]	BRINQU[edo]
BEB[er]	BEB[ida]
COM[er]	COM[ida]
SENT[ar]	CADEIRA
VENT[ar]	VENT[o]
TELEFON[ar]	TELEFON[e]
DIRIG[ir] _{CARRO}	CARRO
PASS[ar] _{ROUPA}	FERRO
CHOR[ar]	CHOR[o]
SORR[ir]	SORR[iso]
CAS[ar]	CAS[amento]

Fonte: Das autoras (2019)

4.3 Transcrição dos dados

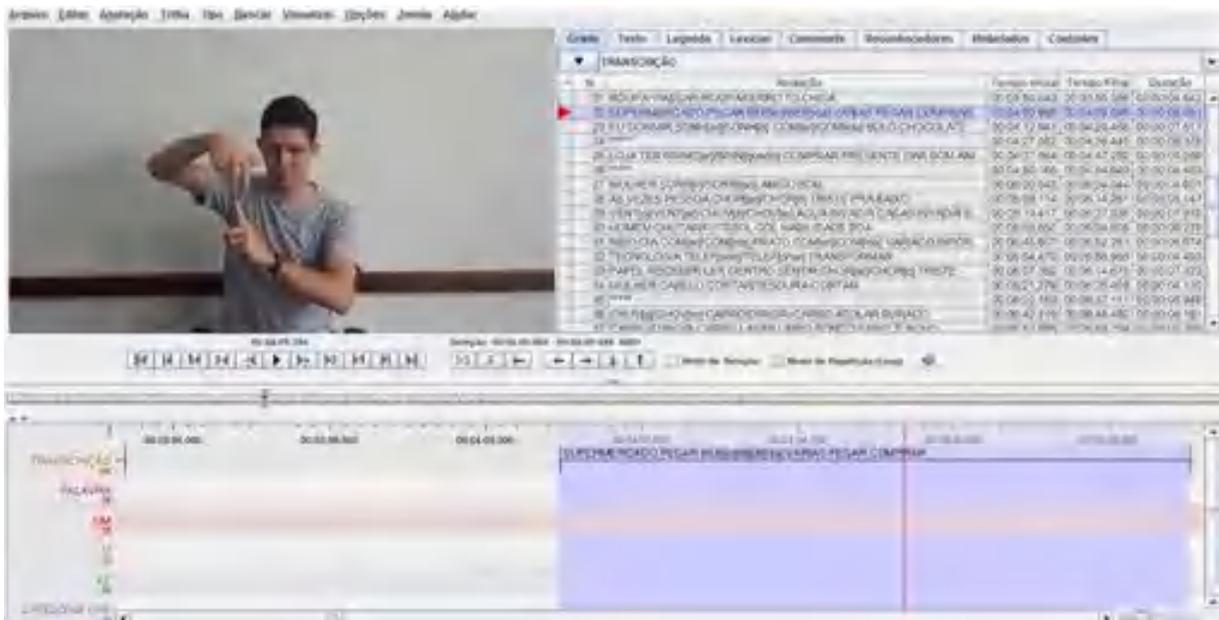
4.3.1 ELAN- ferramenta de análise dos corpora

Após as gravações, os vídeos foram analisados e transcritos utilizando a ferramenta ELAN-EUDICO-*Linguistic Annotator*- 5.2, um software de anotação que permite que se criem, editem, visualizem e procurem anotações através de dados de vídeo e áudio. Esta ferramenta foi desenvolvida no Instituto de Psicolinguística Max Planck em Nijmegen, na Holanda, com o intuito de produzir uma base tecnológica para a notação e a exploração de gravações multimídias. De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2009), o ELAN não foi projetado como ferramenta de análise para as LS e de gestos, e sim para *corpora* de áudio de vídeo, mas devido sua funcionalidade, este *software* se estendeu para todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de notação, de análise e de documentação destes. McCleary e Viotti (2007, p.87) apontam o fato de o ELAN apresentar a possibilidade de visualizar duas ou mais tomadas de vídeo simultaneamente como vantagem para a transcrição das LS. Embora tenha a desvantagem de afastar a transcrição do sinal da sua forma articulada, além da desvantagem de implicar definição prévia de categorias e funções sintáticas, obscurecendo qualquer análise de aspectos gramaticais a partir de dados sistematizados unicamente por esse tipo de instrumento.

Em nossa análise esta ferramenta se mostrou muito eficaz, pois foi possível segmentar e transcrever todas as sentenças, sendo mais fácil assim localizar os pares de N e V, também analisar detalhadamente a realização de cada sinal, como movimento e intensidade, pois no ELAN é possível controlar a velocidade do vídeo.

Além disso, no ELAN ainda é possível, por meio do recurso das trilhas, criar-se uma para cada aspecto a ser analisado nos pares: como configuração de mão, movimentos, expressões não-manuais, etc. Quanto às desvantagens, essas não criaram transtornos para nossa análise porque não utilizamos o ELAN como único instrumento de transcrição dos dados. A transcrição propriamente dita foi feita com o sistema SEL, o qual nos possibilitou registrar a forma de articulação dos sinais, algo fundamental à nossa análise, uma vez que precisamos verificar a presença ou não de marcas morfológicas categorizadoras nos sinais. Na figura a seguir observamos uma tela do ELAN oriunda de nosso *corpus*:

Figura 13 – Tela do ELAN



Fonte: Das autoras (2019)

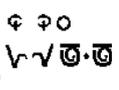
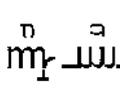
É possível visualizar na tela do ELAN a articulação do sinal BEB[er/ida] ^{ng} (BEB) a expressão facial, a segmentação das frases produzidas e transcritas, as trilhas criadas, como: palavra, categoria gramatical, movimento, configuração de mão, expressão facial.

4.3.2 Glosas

No trabalho de pesquisa linguística, o que é comumente conhecido e utilizado com o nome de *glosas* é um tipo de transcrição colocada em posição paralela aos dados escritos da língua pesquisada. As glosas são realizadas na língua em que se escreve o texto de apresentação do trabalho de pesquisa (artigo, dissertação, relatório etc.), para que o leitor tenha acesso ao conteúdo dos dados, pois esse não é obrigado a conhecer e compreender a língua em estudo. As glosas têm sido adotadas em trabalhos que lidam com dados de LS como substitutas da forma escrita dos dados na língua estudada. Isso porque as LS são ainda ágrafas. Entretanto, acreditamos que esse procedimento leva a risco de enviesamento dos dados pela interferência de aspectos gramaticais da LO utilizada nas glosas nos dados em estudo, pois na análise dos dados não se olha mais para a estrutura gramatical da sinalização e, sim, para a tradução desses numa estrutura de LO.

Assim, verificamos que a falta de padronização na transcrição de dados, para que possam ser utilizados por outros pesquisadores na continuidade de pesquisas ou comparação de dados, acarreta uma problemática nas pesquisas da Libras, sendo urgente uma metodologia de coleta e transcrição de dados para a análise das LS sem interferência de outras línguas, em especial das orais, a fim de que não tenhamos análises enviesadas por um mal manuseio dos dados.

Optamos pela utilização de glosas na transcrição de nossos dados, juntamente com a transição em escrita de sinais, considerando a necessidade de tornar acessível ao nosso leitor o conteúdo semântico dos dados item a item. Tivemos o cuidado de buscar critérios, para exposição das informações morfossintáticas do Português (língua de nossas glosas) que contrastam com a Libras, uma vez que sabemos que o Português define a categoria gramatical dos itens lexicais por meio de morfologia derivacional ou flexional e tal morfologia ainda não foi observada na Libras. Para se ter uma ideia das implicações desse contraste, o mesmo sinal pode ser transcrito em glosa do Português como CORRER, CORREDOR ou CORRIDA, a depender do contexto sintático em que se encontra. Todavia nem sempre o contexto sintático deixa claro qual é a categoria do sinal, como é o caso do exemplo a seguir.

(19)   (s). (Inf1-GI)

VENT[o/ar]^{FORTE} ÁRVORE-BALANÇAR

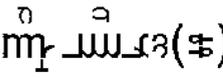
‘O vento forte balançou a árvore.’ ou

‘Ventou forte e a árvore balançou.’

Como ainda não temos uma ampla descrição do funcionamento da gramática da Libras, não temos elementos suficientes para desfazer a ambiguidade sintática dessa sentença. E o fato de não haver morfemas categorizadores nos sinais dificulta a identificação da estrutura sintática e vice-versa. Assim, ao transcrever os dados utilizando os morfemas categorizadores para verbo, adjetivo ou nome do Português, estamos fazendo uma antecipação da análise, resultando em enviesamento dos dados, sobretudo, em pesquisas sobre estrutura gramatical como esta.

Para a realização da notação por glosas, assumimos as regras já utilizadas em trabalhos anteriores do nosso grupo de pesquisa (o GPEGAL/UESB). Assim, em nossa pesquisa utilizamos as seguintes regras:

- I. Os sinais são sempre grafados em caixa alta, por exemplo, COMIDA.
- II. A datilologia é grafada com hifens separando os caracteres, por exemplo, C-A-E-T-I-T-É.
- III. Os morfemas flexionais ou derivacionais são escritos com letras minúsculas e colocados entre colchetes sempre que houver algum tipo de oposição possível, exemplo de nomes e verbos: SONH[o]/SONH[ar]; CAS[ar]/CAS[amento].
- IV. Se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra, por exemplo, EL[e/a].
- V. A intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal. Ex.: CHOV[er]^{muito}.
- VI. A recorrência da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicado pela subscrição do argumento em letras maiúsculas. Ex.: BAT[er]_{A PORTA}
- VII. Categorias vazias são indicadas pelo símbolo Ø. Ex.: Ø DORMIR SONH[ar] BOLO (Eu dormi e sonhei com um bolo).
- VIII. O sinal composto (formado por dois sinais para um mesmo significado) é representado pela quantidade de palavras correspondentes separadas pelo símbolo ^. Ex.: Ø NEV[e/ar]^BRANCO^FRIO FELIZES ANIMADOS (Nevou, estão felizes e animados)
- IX. Em casos de realização do verbo com acréscimo ou modificação do movimento a um sinal, a glosa será grafada como um composto com o verbo entre parênteses.

Em escrita SEL o movimento que corresponde ao verbo também é grafado entre parênteses. Ex.:  ÁRVORE(BALANÇAR).

4.3.3 Sistema de Escrita para Línguas de Sinais- SEL

Muitos desconhecem as peculiaridades linguísticas dos surdos e equivocadamente pensam que os surdos dominam a modalidade escrita do Português, uma vez que é a língua oficial do país. No entanto, esta modalidade de língua é distante para o surdo, tornando-se uma segunda língua, em algum estágio de interlíngua, para ele, pois sua primeira língua é a Libras. Assim, um projeto como o sistema SEL pode ser um caminho alternativo para o processo de inserção do surdo na vida social, posto que se trata de um sistema de escrita para sua língua materna, que pode vir a favorecer a escolarização do surdo, a ajudar a desenvolvê-lo na modalidade falada de sua língua e a o inserir na cultura letrada. A sua idealizadora, Lessa-de-Oliveira, desde 2009 vem trabalhando no desenvolvimento eficiente do sistema, procurando torná-lo o mais automatizado e linear possível, características indispensáveis a qualquer sistema de escrita de línguas naturais. A versão de 2018 da SEL é a mais atual até o momento e é com ela que trabalhamos neste estudo.

Esse sistema foi eleito para transcrição de nossos dados, pois permite que os sinais sejam preservados em suas características articulatórias com enorme precisão, tal como foram realizados pelos falantes, o que é muito útil para o propósito dessa pesquisa, que se propõe a analisar a produção dos falantes ao sinalizar pares de N e V, na tentativa de identificar algum morfema categorizador foneticamente realizado.

Já tivemos a oportunidade de apresentar o sistema no capítulo teórico, quando falamos da estrutura articulatória do sinal. Optamos por adiantar a apresentação do sistema, antes do capítulo sobre a metodologia, por razões didáticas, pois sua apresentação concomitante a apresentação da proposta de estrutura articulatória que lhe serve de base, torna a compreensão do sistema, ainda que superficialmente, mais fácil para o leitor. Porém cabe-nos ainda dizer que a escrita SEL é um sistema de natureza trácico-fonêmica, porque através de caracteres e diacríticos representa elementos articulatórios dos sinais da Libras que chegam ao nível dos traços mínimos como: configurações de mão, eixos de posicionamento das mãos e orientação da palma, tipos, planos e orientação de movimentos, expressões faciais, entre outros. Isso permite que esse sistema de escrita de sinais possa servir a um tipo de transcrição que se aproxima muito

de uma transcrição fonética, embora o sistema não tenha sido elaborado com esse intuito nem se tenha pretendido fazer, neste trabalho, esse tipo de transcrição.

Assim, a escolha dessa ferramenta de transcrição mostrou-se bastante satisfatória no tocante ao objetivo a que nos propusemos, no presente trabalho, uma vez que avaliamos o fato deste sistema explorar de forma muito interessante a representação da articulação do sinal, deixando, desse modo, os dados bastante claros em relação a muitos aspectos de suas propriedades gramaticais. Procuramos resolver a questão de não marcação de aspectos sintáticos tridimensionais através de recursos descritivos como observados no trabalho de Quadros e Karuopp (2004). Nas transcrições aqui apresentadas, procuramos representar não o sinal padrão, mas a forma como este foi articulado pelo informante, assim como também é possível que seja verificado em alguns trabalhos que utilizam a SEL como sistema de escrita para transcrever os dados.

4.3.4 Identificando nome e verbo por meio do critério sintático

Como já mencionamos, os sujeitos-informantes desse estudo produziram um volume de 1.406 frases. Pelo critério sintático, localizamos ocorrências em posição licenciada sintaticamente para os traços [+V; -N] (categoria Verbal), isto é, ocupando a posição de predicador verbal, que seleciona argumentos entre os quais se encontram sujeito oracional e complementos verbais; e ocorrências de sinais em posição sintática licenciada para o traço [+N; -V] (categoria Nominal), geralmente ocupando posições argumentais. Também, foram detectadas ocorrências de estruturas adjetivas. Além da observação do licenciamento argumental e de estruturas de adjunção, utilizamos como critério para identificação das categorias N ou V nos sinais, observação de estruturas sintáticas que poderiam ser definidas somente pelo contexto semântico-pragmático. Esses critérios pressupõem uma análise das relações sintáticas observadas entre mais de um sinal, pela seleção argumental como podemos observar no exemplo abaixo retirado de nossos dados e transcrito em SEL.

(20) $\overset{v}{N^v}$ $\overset{u}{-m\ddot{z}\ddot{z}\ddot{z}\ddot{z}}$ $\overset{\hat{s}}{\hat{s}}$ $\overset{\hat{a}}{\hat{a}}$ $\overset{\hat{e}}{\hat{e}}$ $\overset{\hat{o}}{\hat{o}}$ (Inf-Gl)

TRÊS AMIG[os] BICICLET[am]

'Três amigos passeiam (ou andam) de bicicleta.'

Conforme o critério sintático que adotamos, verificamos que o sinal $\hat{a}\hat{e}\hat{o}\hat{o}$ (BICICLET[ar]) ocupa a posição de um predicador, que seleciona um argumento externo, $\hat{m}\hat{t}\hat{t}$ (TRÊS AMIG[os]), que se move para a posição de sujeito. Portanto, o sinal $\hat{a}\hat{e}\hat{o}\hat{o}$ corresponde ao verbo BICICLETAR e não ao nome BICICLETA.

Em nossos dados encontramos frases produzidas pelos informantes dos grupos GI, GO, GPI, em posições adjetivas, como é o caso do exemplo abaixo. No teste, nosso objetivo, ao clicar as imagens, seria provocar a realização do verbo SENTAR ou do nome CADEIRA, no entanto nos deparamos com um constituinte com os traços [+N;+V] (categoria Adjetival), como podemos constatar na frase:

(21) $\hat{h}\hat{o}\hat{m}\hat{e}\hat{m}\hat{ }^{\bar{m}}\hat{e}\hat{s}\hat{t}\hat{a}\hat{ }^{\bar{s}}\hat{e}\hat{n}\hat{t}\hat{a}\hat{d}\hat{o}\hat{ }^{\bar{p}}\hat{e}\hat{n}\hat{s}\hat{a}\hat{ }^{\bar{f}}\hat{u}\hat{t}\hat{u}\hat{r}\hat{o}$ (Infl [+GO])

HOMEM SENT[ar:ado] PENS[ar] FUTURO

'O homem, que está sentado pensa no futuro' ou

'O homem senta e pensa no futuro'

Na primeira possibilidade de interpretação, o eixo verbal da sentença é o verbo PENSAR, um verbo transitivo que seleciona o sujeito O HOMEM SENTADO como argumento externo. O sinal SENTADO é um adjetivo em função predicativa, talvez em sentença relativa. Mas há também a possibilidade de interpretação desse sinal como verbo numa sentença complexa coordenada.

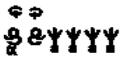
Em algumas frases produzidas pelos informantes, não foi possível identificar, pelo contexto sintático, o que seria nome ou verbo na sentença, como podemos observar nas frases, a seguir, retiradas de nossos dados. Fizemos, em alguns casos, identificação da estrutura apenas pelo contexto semântico-pragmático, em outros casos não houve alternativa de identificação da estrutura.

(22) $\hat{p}\hat{r}\hat{e}\hat{d}\hat{i}\hat{o}\hat{ }^{\bar{c}}\hat{o}\hat{m}\hat{e}\hat{q}\hat{u}\hat{e}\hat{c}\hat{e}\hat{m}\hat{ }^{\bar{c}}\hat{o}\hat{n}\hat{s}\hat{t}\hat{r}\hat{u}\hat{i}\hat{c}\hat{o}\hat{n}$ (Infl [+GO])

PRÉDIO COMEÇ[ar] CONSTRU[ir:ção]

'Começaram a construir o prédio.' Ou

'Começaram a construção do prédio.'

O verbo COMEÇAR na sentença acima pode ter como complemento um VP eventivo ou um DP. Assim fica difícil identificar a categoria do sinal  (CONSTRU[ir/ção]) que complementa esse verbo, a partir da análise da estrutura argumental. Os dados do *corpus* que apresentaram essa dificuldade foram rejeitados na análise.

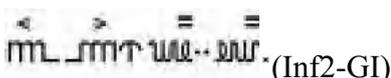
Portanto, utilizando o critério sintático na identificação da categoria dos sinais investigados, pudemos averiguar, a partir de dados de maior confiabilidade, a existência ou não de alguma marca morfofonológica que difere a categoria dos pares testados. Tomamos o modelo da unidade MLMov como base articulatória do sinal, para averiguarmos a ocorrência de algum padrão mórfico produtivo de distinção categorial para N e V nos sinais da Libras investigados. Levamos a cabo essa tarefa, ao transcrever, em SEL, os pares encontrados nas 1.406 frases do *corpus* realizado pelos 19 sujeitos-informantes. Com os resultados encontrados, discutimos os dados, no próximo capítulo, quantitativamente por meio de gráficos e qualitativamente por meio de um quadro de análise sobre os achados identificados na testagem dos pares.

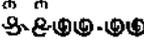
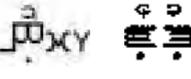
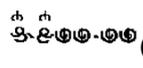
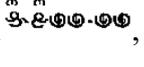
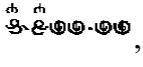
5 ANÁLISE DOS DADOS

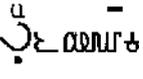
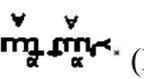
Neste capítulo abordaremos a análise das frases produzidas na fala sinalizada dos sujeitos-informantes em Libras com o intuito de compreender os processos sintáticos envolvidos na seleção argumental, para identificação dos pares de N e V. Uma vez identificado o que é nome e o que é verbo, à luz do critério sintático adotado, podemos analisar essas categorias, partindo para a busca de uma ou mais marcas morfológicas fonologicamente realizadas que possam ser identificadas como morfemas categorias dentro dos traços que compõem os macrosegmentos da unidade MLMov, a partir das quais se forme um paradigma produtivo de distinção categorial dentro dos pares testados.

5.1 Identificando as estruturas sintáticas dos pares de nome e verbo

Em vista do contingente de frases analisadas, 1.406 frases, optamos por escolher somente uma frase de cada sinal testado, correspondente aos 25 pares N/V, a fim de ilustrar como identificamos essas categorias por meio da seleção argumental, isto é, por sua posição argumental frente aos demais constituintes. Optamos pela escolha das frases em que essas categorias fossem mais evidentes, analisando-se pela estrutura argumental, embora tenhamos destacado também algumas ocorrências de sinais que não puderam ser identificados como N ou V, sendo identificados como A (Categoria adjetival), embora apesentassem a mesma forma de outros encontrados em posição de N ou V. Houve também ocorrências de difícil identificação da categoria, exigindo muitas vezes que usássemos o contexto semântico-pragmático para defini-la, como veremos durante a análise.

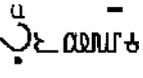
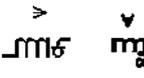
- (23) 
 MULHER GRUPO BICICLET[ar] ESTRADA

 PASSE[ar]
 'Um grupo de mulheres *bicicletam* pela estrada, passeiam'.
- (24) 
 HOMEM BICICLET[a] V[er] LIMP[ar]
 'O homem ver a bicicleta, e limpa-a'.

Em (23) o sinal  (BICILET[a/ar]) seleciona um argumento externo, o DP  (grupo de mulheres). Assim, como eixo predicador da oração, esse sinal é um V, isto é, em Libras há o verbo ‘BICICLET[ar]’, um verbo inergativo, que significa “andar de bicicleta”. Já em (24), o eixo verbal da sentença é o verbo  (V[er]) que seleciona dois argumentos, sendo o interno, com o papel temático de tema, o nome  (BICICLET[a]). Um argumento interno nulo com o mesmo referente do sinal , ou seja, um DP, é selecionado pelo verbo LIMP[ar] em (24). Assim, temos o sinal , realizado pelos informantes sem qualquer tipo de diferenciação em seus traços articulatórios, em posição de N e de V, conforme a análise das posições sintáticas em que se encontra esse sinal nos exemplos.

(25)   (Inf9-GO)

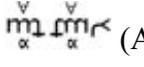
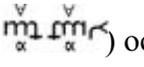
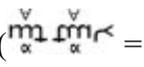
HOMEM PORTA/ABR[ir]_{PORTA}

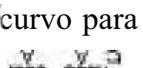
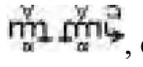
‘O homem abriu a porta.’

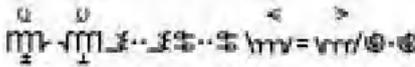
(26)   (Inf2-GI)

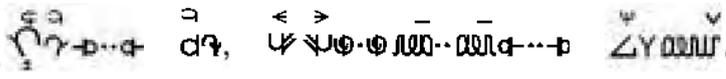
HOMEM CHEG[ar] PORTA/ABR[ir]_{PORTA}

‘O homem chegou à porta.’

Para o sinal  (ABR[ir]_{PORTA}), vemos em (25) que este deve estar ocupando a posição de eixo verbal da oração, selecionando HOMEM como argumento externo, uma vez que o sinal HOMEM, por sua natureza semântica, não ocuparia função verbal na oração. Já em (26) o referido sinal () ocorre selecionado como argumento interno de CHEG[ar], com papel de Alvo. Temos aqui um caso inequívoco da categoria N para esse sinal ( = PORTA), pois este será sempre um N como argumento interno, seja o sinal CHEG[ar], que o seleciona, um nome ou um verbo.

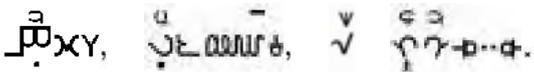
Uma observação interessante sobre esse sinal é que, nos dois exemplos, isto é, como V ou como N, o movimento realizado ( curvo para frente) é uma variação do movimento que aparece na realização padrão desse sinal , cujo movimento é curvo para trás . Isso se deu em função das figuras apresentadas no teste de eliciação, que apresentavam, nos dois casos,

CRIANÇA e BONECA, respectivamente. Esse sinal aparece aí também na composição do sinal BONECA -  (ou ao pé da letra ‘bebê de brinquedo’).

(30)  (Inf7-GPI)

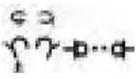
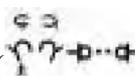
CAS[ar/amento] DIA PRESENTE DAR

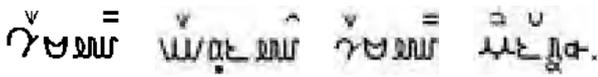
‘No dia do casamento, dá-se um presente.’

(31)  (Inf1-GI)

MULHER HOMEM OS DOIS CAS[ar]

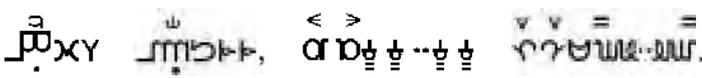
‘A mulher e o homem, os dois se casaram.’

Em (30), temos o sinal  (CAS[amento]) em posição nominal, funcionando como complemento do nome  (DIA). Em (31), identificamos esse sinal () como o verbo (CAS[ar]), um verbo transitivo de natureza recíproca, cujo argumento externo,  (DOIS), e o argumento interno nulo se ligam referencialmente ao tópic, ‘a mulher e o homem’. Em Português, o objeto pode ocorrer na forma do pronome reflexivo ‘se’. Em Libras não se observou, até o momento, ocorrências de algum tipo de reflexivo, como ‘se’. Entretanto, podemos supor que, assim como é possível ao Português não padrão a não ocorrência do reflexivo “se” em contextos como esse, em Libras isso também é possível, podendo haver aí um pronome reflexivo nulo, por hipótese.

(32)  (Inf5-GPI)

Ø COM[er] DEMORADAMENTE COM[ida] DELICI[osa]

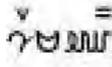
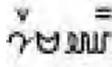
‘Eu como demoradamente uma comida deliciosa.’

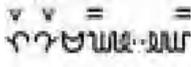
(33)  (Inf1-GI)

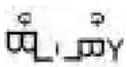
MULHER FOME, PRECIS[ar] COM[er/ida]

‘A mulher com fome precisar comer.’ ou

‘A mulher com fome precisar de comida.’

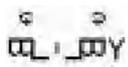
Em (32), vemos, na mesma frase, o sinal  articulado da mesma maneira como verbo (COM[er]) e o nome (COM[ida]). No início da frase temos esse sinal como verbo, selecionando, como argumento externo uma categoria vazia, o sujeito nulo EU, e como argumento interno, o sinal  (COM[ida]). DEMORADAMENTE é um advérbio de modo modificador do verbo, o que constitui outra evidência traço V, desse sinal nesse contexto. No restante da frase, o adjetivo ‘deliciosa’ qualifica um nome COM[ida], também reforçando a análise desse sinal como N.

O exemplo (33) apresenta certa dificuldade na identificação do traço categorial do sinal, mesmo pela via da observação da estrutura argumental, pois o verbo PRECISAR seleciona dois argumentos, podendo o sinal , como interno, configurar-se como nome (PRECIS[ar] COM[ida]) ou pode tomar a posição de verbo (PRECIS[ar] COM[er]). No entanto, podemos identificá-lo pelo contexto semântico-pragmático da enunciação, uma vez que, durante a produção da sentença, o falante usou as duas mãos configuradas em *concha*, levando-as até a *boca*, e com expressão *mexendo a boca* como se estivesse comendo. Entendemos, assim, devido a esta interpretação, que estamos diante do constituinte com traço V. Estamos considerando a forma diferenciada de produção desse sinal como verbo um aspecto pragmático, e não morfológico ou morfossintático, pelo fato de os traços diferentes na realização desse sinal, em comparação ao nome, não representarem traços de um paradigma, mas uma espécie de aspectos mais próximos de características pragmáticas.

(34)  .

Ø CORR[ida] VENC[er] (Inf6-GPI)

‘Eu venci a corrida.’

(35)  . (Inf6-GPI)

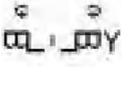
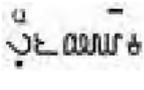
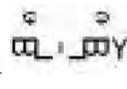
HOMEM CORR[er]

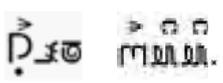
‘O homem corre.’

(36)  (Inf1-GI)

EST[e] HOMEM GOST[ar] CORR[er/ida]

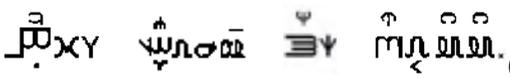
‘Este homem gosta de correr.’ ou ‘Este homem gosta de corrida.’

Em (34) o verbo  (VENC[er]) seleciona dois argumentos, o externo uma categoria vazia, um sujeito nulo, e o interno, que recebe papel temático de tema, o nome  (CORR[ida]). Em (35), identificamos esse sinal  como um verbo inergativo, CORR[er], sendo o eixo verbal da sentença, que seleciona  (HOMEM) como argumento interno. Em (36), esse sinal  (CORR[er/ida]) está em posição de argumento interno de  (GOST[ar]). Nessa posição pode estar um verbo ou um nome. Então, nesse caso, não temos elementos sintáticos para definir entre essas duas categorias. Avaliando alternativamente o contexto semântico, verificamos que CORRIDA (N) remete de maneira genérica ao evento realizado até por outras pessoas, e o contexto se refere ao fato de ele gostar de sua própria CORRIDA, a interpretação mais coerente desse sinal, nesse caso, é de que se trata do verbo, isto é como o ato de CORRER.

(37)  (Inf11-GO)

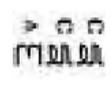
Ø TATU[ar]_{BRAÇO} TESOUR[a]

‘Eu tatuei no braço uma tesoura’.

(38)  (Inf1-GI)

MULHER OLH[ar]_{CABELO}, QUER[er] TESOUR[ar]_{CABELO}

‘A mulher olha para o cabelo e quer cortar’.

Na frase em (37), o sinal  (TATU[ar]) é um verbo transitivo que seleciona três argumentos na frase, sendo o sinal  TESOUR[a] um de seus argumentos internos,

assumindo, portanto, o traço N. Já em (38) o sinal (QUER[er]), verbo transitivo, seleciona como argumento interno a oração subordinada “cortar o cabelo”, realizada por um único sinal, (TESOURAR_{CABELO}), ou seja, trata-se de um verbo autossaturado, pois traz o argumento interno “cabelo” incluído. Olhando para a realização desse sinal nessas duas frases, observamos uma diferença articulatória – e , o traço locativo “cabelo”, no último. A diferença de articulação que observamos, nesse caso, entre o N e o V decorre da natureza de autossaturação do verbo, ou seja, trata-se de uma diferença sintática, a inclusão de um dos argumentos, e não da presença de um morfema categorizador, pertencente a um paradigma da língua.

(39) . (Inf2-GI)

HOMEM TRABALH[ar] CONSTRU[çã]o

‘O homem trabalha na construção’.

(40) . (Inf2-GPI)

HOMEM CONSTRU[ir]

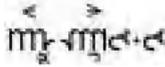
‘O homem constrói.’

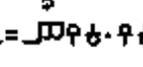
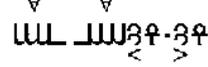
Em (39) o sinal (TRABALH[ar]) é um verbo inergativo, que seleciona HOMEM como seu único argumento, o externo. Assim, o sinal (CONSTRU[ir/çã]o) é um nome que desempenha nesse contexto sintático a função de um adjunto adverbial de lugar (NA CONSTRU[çã]o). Já em (40) esse sinal () ocorre como predicador verbal da sentença. Este verbo seleciona dois argumentos, o interno é nulo, e o externo o sinal HOMEM.

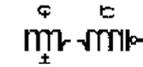
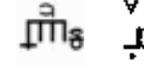
(41) . (Inf1-GI)

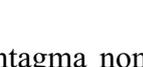
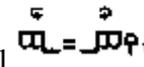
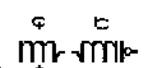
HOMEM L[er] CARTA, EMOCION[ar], CHOR[ar]

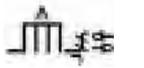
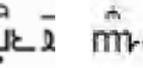
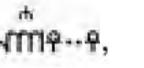
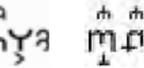
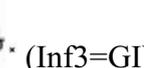
‘O homem ler a carta, se emociona e chora.’

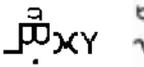
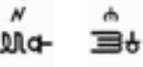
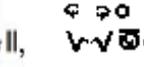
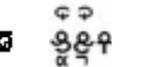
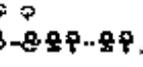
Em (41) identificamos como o sinal  como um verbo(CHOR[ar]) devido à sequência de ações, LEU, EMOCIONOU e CHOROU, e porque não se observa, nessa sentença, nenhuma possibilidade de este sinal ser selecionado como argumento.

(42)     (Inf1-GI)
 EQUIPE JOG[o]DE FUTEBOL COMEMOR[ar]
 ‘A equipe de futebol comemora’

(43)    ,   (Inf6-GPI)
 JOG[ador]DE FUTEBOL CHUT[ar], BRASIL VENC[er]
 ‘O jogador chutou e o Brasil venceu.’

Em (42) temos o verbo COMEMOR[ar] que é inergativo e seleciona como seu argumento externo o sintagma nominal    (EQUIPE DE JOG[ador]DE FUTEBOL). Nesse sintagma, o sinal  (que significa JOG[o/ador]DE FUTEBOL) é um nome na função de complemento de outro nome  (EQUIPE). Em (43) o predicador da frase é o verbo  (CHUT[ar]), o qual seleciona um argumento interno nulo e um argumento externo, que é JOG[ador]DE FUTEBOL (o sinal .

(44)   ,    (Inf3=GI)
 RUA ÁGUA ALAG[ar], SUJ[ar] CAUS[ando] CHUV[a]
 ‘A rua alagou e sujou por causa da chuva’

(45)   ,     (Inf2-GI)
 MULHER ANDA[ando] CHOV[-]muito, VENT[ar], GUARDA-CHUVA^VO[ar]

‘A mulher andando na chuva forte, ventava, o guarda-chuva voou.’ ou
 ‘A mulher ia andando, chovia forte, ventava, o guarda-chuva voou.’

O sinal , nas frases acima, assumem posições sintáticas de nome (CHUV[a]) e verbo (CHOV[er]). Em (44) estamos sintaticamente diante de um nome, pois o sinal (CAUS[ar]) é um verbo que seleciona o sinal como argumento externo, atribuindo-lhe papel de fonte, sendo portanto um nome. Em (45) poderíamos imaginar um contexto mais narrativo em que a mulher ia andando, chovia forte, ventava, o guarda-chuva voou. Os verbos meteorológicos (CHOV[er]) e (VENT[ar]) são verbos de zero argumento. Assim esses sinais podem ser identificados como V, em (45), uma vez que não os identificamos como argumentos de nenhum predicador e a natureza semântica primitiva desses sinais pressupõem processos.

(46) (Inf1-GI)

HOMEM QU[er] LIMP[ar] CARRO

‘O homem quer limpar o carro.’

(47) (Inf2-GI)

HOMEM DIRIG[ir]_{CARRO} EMBRIAGADO

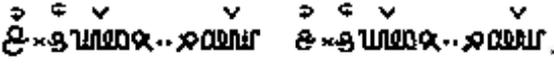
‘O homem dirige embriagado.’

O sinal (CARRO/DIRIG[ir]_{CARRO}) ocorre em (46) como nome, pois o verbo transitivo LIMP[ar] seleciona dois argumentos, sendo o interno o sinal (CARRO), que recebe o papel de tema, isto é, objeto do processo de ser limpo. Já em (47) esse sinal é um verbo autossaturado, pois o seu complemento ‘carro’ está incorporado no único sinal, (DIRIG[ir]_{CARRO}), e EMBRIAGADO é predicativo do sujeito.

(48)  (Inf1-GI)

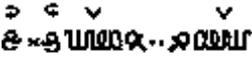
T[er] PEQUEN[a] EXPLOS[ão]

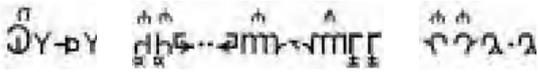
‘Houve uma pequena explosão.’

(49)  (Inf4-GI)

BOMBA EXPLOD[ir]

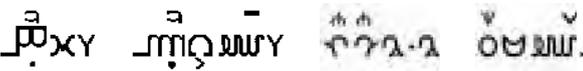
‘A bomba explodiu.’

Em (48), examinando o sinal , verificamos que estamos diante de um nome, EXPLOS[ão], por dois motivos. Há um adjetivo PEQUEN[a] que funciona aí como adjunto adnominal de EXPLOS[ão]; e segundo, porque este nome é selecionado como argumento interno do verbo existencial T[er]. No cotejo com (49), verificamos que esse sinal ocorre como um verbo inacusativo (EXPLOD[ir]), que seleciona como argumento interno esse mesmo sinal como nome (BOMBA). E, nesse caso, o sinal EXPLOD[ir] é o eixo verbal da sentença.

(50)  (Inf2-GI)

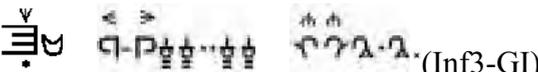
RAIA[s] PISCINA NAT[ação]

‘As raias da piscina de natação ‘

(51)  (Inf1-GI)

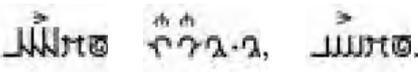
MULHER SAB[er] NAD[ar] BEM

‘A mulher sabe nadar bem.’

(52)  (Inf3-GI)

CACHORR[o] PRECIS[ar] NAD[ar]

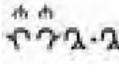
‘O cachorro precisa nadar.’

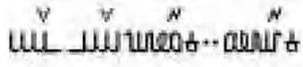
(53)  (Inf5-GPI)

Ø GOST[ar] NAD[ar]/NAT[ação], GOST[ar]

‘Eu gosto de nadar, gosto.’ ou

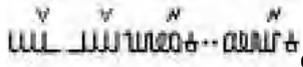
‘Eu gosto de natação, gosto.’

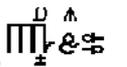
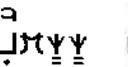
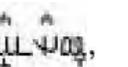
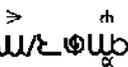
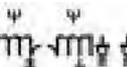
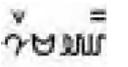
A estrutura argumental do sinal  (NAD[ar]/NAT[ação]), pode ser identificado em (50) como um nome, ‘piscina de natação’, ou como um verbo, ‘piscina de nadar’. Ficamos em nossa análise como a primeira possibilidade, considerando elementos pragmáticos. A figura apresentada no teste remete a uma piscina destinada ao esporte denominado ‘natação’. Como se percebe, no teste, que o informante se refere ao nome do esporte, trata-se da categoria N. Já em (51) esse sinal ocupa a posição de verbo porque está ocupando a posição de eixo verbal inergativo da oração subordinada, selecionada pelo verbo SAB[er]. Esse verbo NAD[ar] da subordinada tem como argumento externo um constituinte nulo co-referente ao sujeito da oração principal. Em (52), esse sinal também é o eixo verbal da oração subordinada, selecionada pelo verbo PRECIS[ar], que pode selecionar como argumento interno tanto um nome como um verbo. Com base em critério pragmático, ficamos com análise desse sinal como verbo, nessa sentença, uma vez que a imagem apresentava um cachorro nadando num rio. Em (53) tanto é possível à interpretação “gosto de natação”, como “gosto de nadar”.

(54)  . (Inf4-GI)

Ø PASSE[ar] NEV[e]

‘Eu passeio na neve.’

Em (54) temos o verbo inergativo PASSE[ar], que seleciona um argumento externo nulo, sendo assim o sinal  é um nome NEVE, que nesse contexto sintático se comportando como um adjunto adverbial de lugar.

(55)      

FERRO^DE^PASSAR TEM CARNE LINGUIÇA FRIT[ar] COM[er] (Inf1-GI)

‘No ferro de passar tem carne e linguiça, fritando para comer.’

(56) (Inf1-GI)

MULHER PRECISA PASSAR_{ROUPA} ROUPA

‘A mulher precisa passar roupa.’ Ou

‘A mulher precisa do ferro de passar roupa.’

Em (55), o sinal (FERRO^DE^PASSAR) aparece na função sintática de adjunto adverbial, pois o verbo T[er], nessa sentença, é existencial e seleciona apenas argumento interno, no caso a oração subordinada (carne e linguica fritando). Já em (56), o verbo (PRECIS[ar]), que seleciona dois argumentos, tem como argumento interno a oração subordinada (passar roupa), assumindo, portanto, o sinal a posição de predicador verbal dessa oração, isto é, nesse trecho esse sinal é o verbo PASSAR_{ROUPA}, que, apesar da possibilidade de ocorrer autossaturado, seleciona o sinal (ROUPA) como argumento interno.

(57) (Inf3-GI)

PENS[amento] MUITO CONFU[so]/CONFUN[dir]

‘O pensamento é/está muito confuso.’ ou

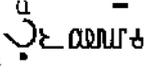
‘O pensamento se confunde muito.’

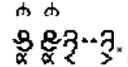
(58) (Inf1-GI)

HOMEM CEREBRO PENS[ar]

‘O cérebro do homem pensa.’

Em (57) o sinal (PENS[amento]) é predicado pelo sinal (CONFU[so]/CONFUN[dir]), seja como verbo (o pensamento se confundiu), seja como adjetivo

(o pensamento está confuso). Em qualquer desses contextos sintáticos, temos om sinal  como um nome, PENS[amento]. Diferentemente, em (58), esse sinal ( = PENS[ar]) é que é o predicador, que seleciona como argumento externo o sintagma  (o cérebro do homem), sujeito da sentença, sendo, portanto, um verbo inergativo.

(59)    (Inf1-GI)

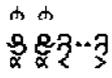
PESSOA PENT[e]QUEBR[ar]

‘A pessoa quebrou o pente.’

(60)   (Inf1-GI)

MULHER PENT[ear]CABELO (autossaturado)

‘A mulher penteia o cabelo.’

Na frase em (59) observamos o verbo  (QUEBR[ar]) seleciona como um argumento externo  (PESSOA), e como argumento interno o sinal , com papel de tema, pois sofreu o ato de ser quebrado, ocorrendo nessa frase, portanto, como o nome PENTE. O cotejo com a ocorrência desse sinal em (60) nos mostra uma situação de ocorrência desse sinal como verbo autossaturado, em que o argumento interno, no caso CABELO, esta incorporado ao predicador, o verbo PENTE[ar].

(61)    (Inf3-GI)

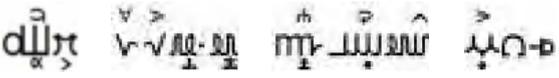
LADRÃO BOLSA PEG[ar]

‘O ladrão pegou a bolsa.’

(62)    (Inf7-GPI)

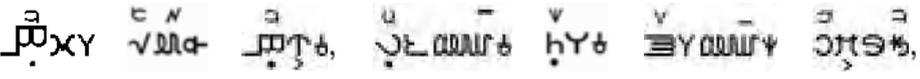
HOMEM ROUB[ar] CELULAR

‘O homem roubou a bolsa’

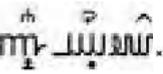
(63)  (Inf4-GI)

POLICIA PRENDER LADR[ão/a] PESSOA

‘A polícia prendeu a pessoa ladrona (ou ladra).’

(64) 

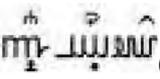
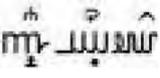
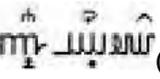
MULHER AND[ando] BOLSA, HOMEM DESEJ[o] PEG[ar] CEULAR

 (Inf1-GI)

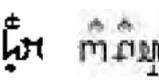
ROUB[ar]/LADR[ão]

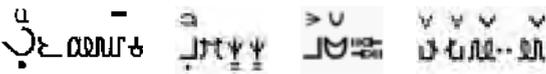
‘A mulher está andando com a bolsa, homem está com vontade de pegar o celular, é um ladrão’ ou

‘A mulher está andando com a bolsa, o homem está com vontade de pegar o celular, de roubar.’

Em (61) o verbo PEG[ar] seleciona dois argumentos, o externo  (LADRÃO) e interno BOLSA, sendo o externo aquele que tem papel de agente, no caso um nome. Na contraparte (62), temos o sinal  como um verbo (ROUB[ar]), que é o predicador da frase que licencia dois argumentos. Na frase (63), temos o caso de uma mesma articulação para além do par N e V. Defrontamo-nos com uma categoria de traço A (adjetival), pois o sinal  (LADR[ão/a]) está funcionando, nesse caso, como um adjunto do nome PESSOA, ou seja, um adjetivo em posição atributiva, qualificando o nome PESSOA.

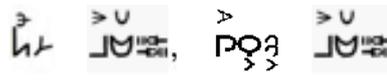
Na sentença (64), observamos duas possibilidades de interpretação desse sinal: ‘O homem está com vontade de pegar o celular, é um *ladrão*’, ocorrendo como nome; ou ‘O homem está com vontade de pegar o celular, de *roubar*’, ocorrendo como verbo. Isto torna difícil a identificação pelo critério sintático, ficando mais a cargo do contexto semântico–pragmático do enunciado, uma vez que imagem apresentava um homem sorrateiramente tentando se apossar do celular de uma mulher, pegando-o em sua bolsa, assim tanto o homem pode ser um ‘ladrão’, como alguém que está tentando ‘roubar’ o celular.

(65)  (Inf5-GPI)

(69)  (Inf1-GPI)

HOMEM TEM SORR[iso] DIFERENTE

‘O homem tem um sorriso diferente.’

(70)  (Inf4-GI)

EL[e] SORR[ir], NEGR[o] SORR[ir]

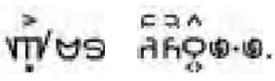
‘Ele sorriu, o negro sorriu.’

Em (69), o verbo T[er] seleciona dois argumentos, sendo um dos internos o nome (SORR[iso]). Além disso, o adjetivo DIFER[ente], funciona como um adjunto do nome (SORR[iso]). Já em (70); o sinal  ocorre como verbo inergativo, manifestando-se sintaticamente com eixo verbal da sentença.

(71)  (Inf7-GPI)

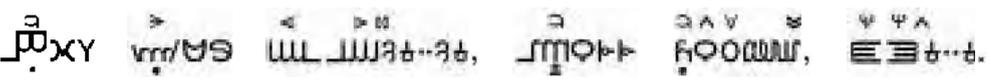
TELEFON[e] VARI[os], VERMELH[o], PRET[o] VARI[os] TELEFON[e]

‘Vários telefones. Vermelho, preto, vários telefones.’

(72)  (Inf4-GI)

Ø TELEFON[ar] PREOCUP[ada]

‘Telefonou preocupada.’

(73) 

MULHER TELEFON[e/ar] AFLITA CABEÇA DO[er] CANSADA

‘A mulher telefona aflita, a cabeça doe, ela está cansada.’ (Inf11-GO)

Na frase (71), o sinal vrr/bs ocorre como nome (TELEFON[e]), pois há ocorrência do quantificador VÁRI[os], que determina que esse sinal seja nome. Em (72) o sinal vrr/bs (TELEFON[ar]) é predicador V inergativo que seleciona um argumento externo nulo, sendo o eixo verbal da sentença. E em (73) o sinal vrr/bs (TELEFON[ar]) seleciona MULH[er] como argumento externo.

(74) $\text{a} \text{xy} \text{vrr/bs} \text{vrr/bs} \text{vrr/bs} \text{vrr/bs}$ (Inf10-GO)
 MULHER GUARDA-CHUVA VENT[o]^{forte} LEV[ando]
 ‘O guarda-chuva da mulher o vento forte levou.’

(75) $\text{vrr/bs} \text{vrr/bs} \text{vrr/bs} \text{vrr/bs}$ (Inf3-GI)
 VENT[o/ar] GUARDA-CHUVA ABRIU
 ‘Ventou e o guarda-chuva abriu ou o vento abriu o guarda chuva.’

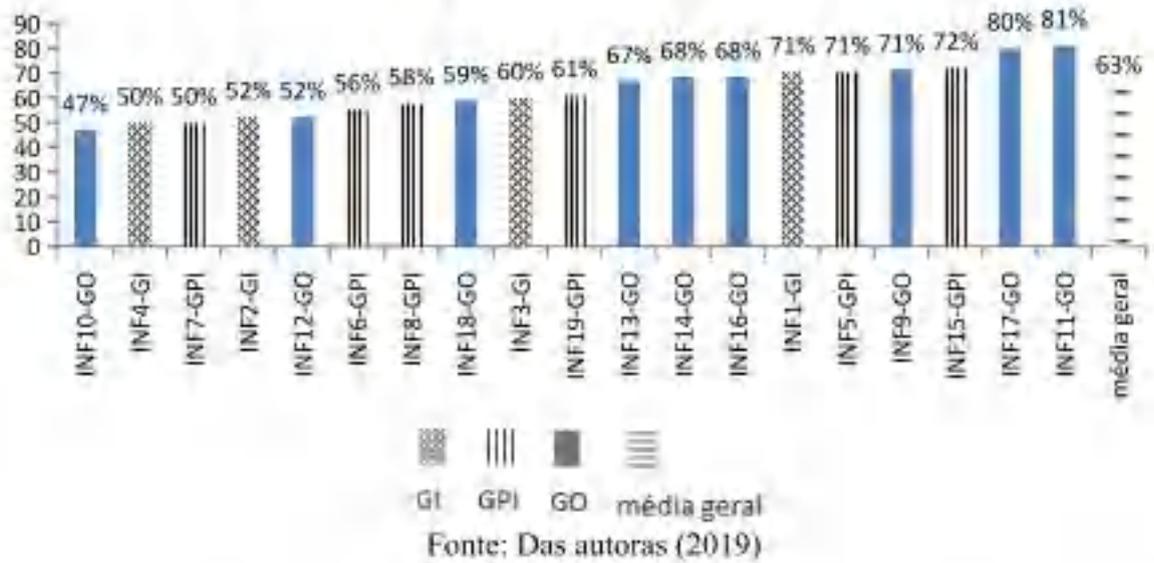
Em (74), o verbo autossaturado vrr/bs (LEV[ar]GUARDA-CHUVA) seleciona o argumento externo vrr/bs (VENT[o]^{forte}) e como argumento interno o sintagma $\text{a} \text{xy} \text{vrr/bs}$, ‘o guarda-chuva da mulher’, evidenciando assim que estamos diante de um nome, VENT[o]. Já em (75) é possível que estejamos diante de uma grelha temática inacusativa, ‘Ventou e o guarda-chuva abriu, ou o sinal vrr/bs (VENT[o]^{forte}) está ocorrendo como argumento agentivo de ‘abriu’. É provável que o contexto semântico-pragmático ou fatores prosódicos possam dizer se esse sinal é N ou V nessa sentença.

Uma vez que identificamos o que é um nome e o que é um verbo, à luz do critério sintático adotado, ou seja, por meio de sua posição frente aos demais constituintes, poderemos agora analisar essas categorias, partindo para a busca de uma ou mais marcas morfológicas fonologicamente realizadas que possam ser identificadas como morfemas categorias dentro dos traços que compõem os macrosssegmentos da unidade MLMov, os quais formem um paradigma produtivo de distinção categorial entre os pares testados.

5.2 Quanto à existência ou não em Libras de marca morfológica para as categorias nome e verbo

Nesta seção, discutiremos os resultados dos dados provenientes da análise dos 25 pares de N e V de acordo com a realização articulatória de cada informante. Pois, uma vez definido o que é nome e o que é verbo, nos dados, pelo critério sintático, como apresentamos na seção anterior, podemos analisar seguramente os pares, e assim buscar identificar algum padrão no qual possamos agrupa-los em um paradigma produtivo de distinção categorial, caso exista algum. Em relação à existência ou não de possível diferença de realização dos pares dentro dos grupos de aquisição, procuraremos responder a esta questão comparando os dados dos informantes, dos GI, GPI, GO, quantitativamente, confrontando a frequência de articulação idêntica dos pares que encontramos nos dados pelo mesmo informante. Ainda, nesta seção, no quadro de análise discutiremos as variações encontradas, procurando verificar a presença de algum morfema categorial dentro da unidade MLMov. A partir dos macrosegmentos que a compõem.

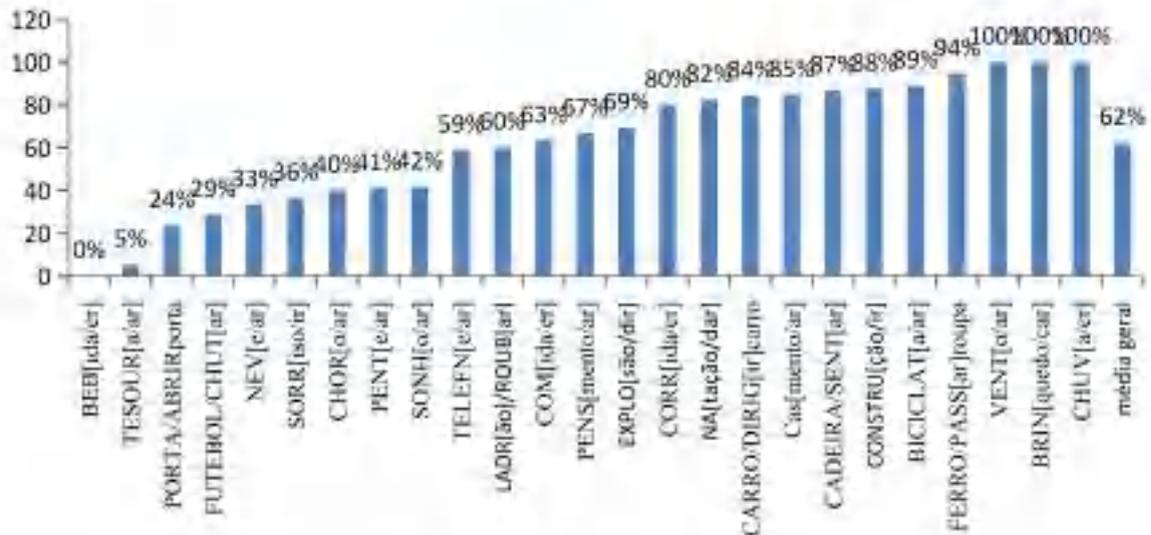
No gráfico 1, podemos visualizar o percentual de articulação realizado pelos informantes dentro de seus respectivos grupos de aquisição. Do ponto de vista quantitativo os dados apresentam o que mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Articulação idêntica dos pares N e V por informante

No tocante ao comportamento de cada informante, quanto à realização de sinais articulados de forma idêntica nas posições sintáticas N e V, esse gráfico revela percentuais de formas idênticas para N e V que vão de 47% a 81%, revelando uma característica mais própria de L2 que de L1, nos três grupos, ligeiramente mais acentuada no GO, no qual encontramos o menor e o maior percentual. Olhando estatisticamente temos um percentual médio de 63%, que está bem próximo da mediana, que é 61%. Verificamos que dois terços dos ouvintes estão acima da mediana, enquanto dois terços dos surdos encontram-se abaixo desta. Isso mostra que o padrão 'forma idêntica de N e V na realização do mesmo informante' é um pouco mais acentuado entre os ouvintes. Já entre os dois grupos de surdos, GI e GPI, cuja mediana é 59%, observamos que temos exatamente a metade de cada grupo acima e abaixo desta. E, com relação à moda, esse aspecto 'forma idêntica de N e V na realização do mesmo informante' apresenta uma frequência de 71%, tendo esse percentual ocorrido nos três grupos. Assim, os resultados indicam um comportamento bastante similar entre os três grupos, no tocante à ocorrência de formas idênticas para N e V realizadas pelo mesmo informante.

Olhando agora para cada sinal, verificando o percentual de ocorrências com forma articulatória idêntica para N e V, na produção do mesmo informante, temos o que se apresenta no gráfico 2.

Gráfico 2 – Sinais com articulação idêntica de N e V realizadas pelo mesmo informante

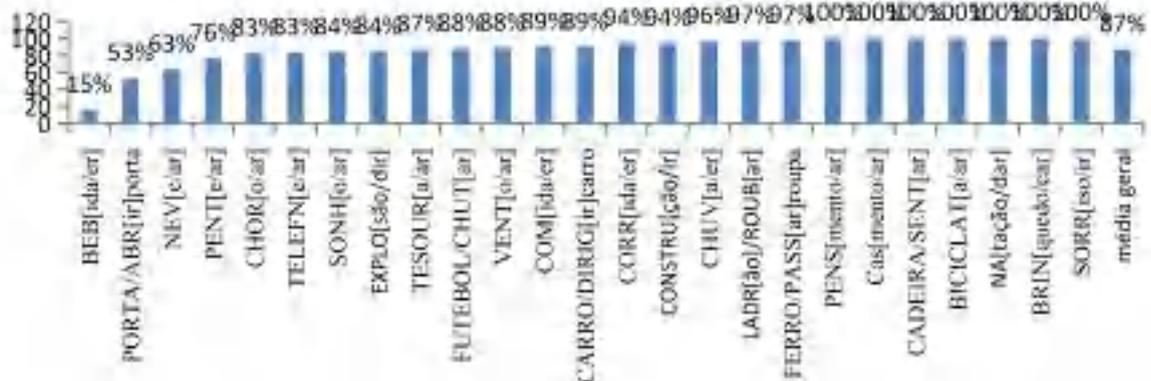


Fonte: Das autoras (2019)

Observamos, no gráfico, que apenas o sinal BEB[ida/er] não apresentou ocorrência idêntica para N e V na produção do mesmo informante. TESOUR[a/ar] apresentou um percentual muito baixo, e mais 7 sinais apresentaram percentuais abaixo de 50%. Os demais 16 sinais apresentaram percentuais acima de 50%, com percentuais elevadíssimos, acima de 81% para quase metade dos sinais testados, 11 dos 25. Observamos ainda que tanto a média (62%) quanto a mediana (67%) também estão acima dos 50% e a moda é 100%. Ou seja, chegamos a resultados que mostram que a ocorrência de ‘forma idêntica do sinal, realizada pelo mesmo informante, para N e para V é quantitativamente muito significativa.

Verificamos também os percentuais de ocorrência de forma idêntica para N e para V, realizadas pelo mesmo informante ou por informantes diferentes. O resultado se apresenta no gráfico 3.

Gráfico 3 – Sinais com articulação idêntica de N e V realizados pelo mesmo informante ou por informantes diferentes



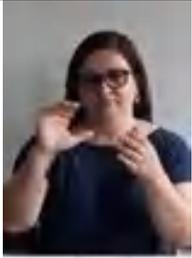
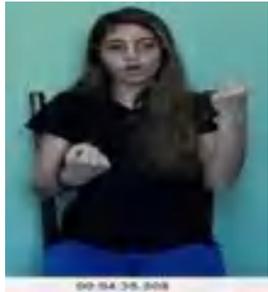
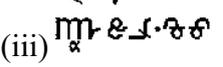
Fonte: Das autoras (2019)

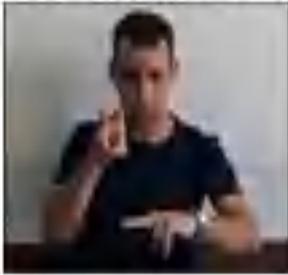
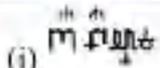
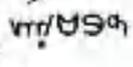
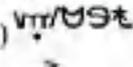
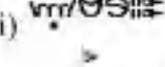
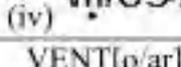
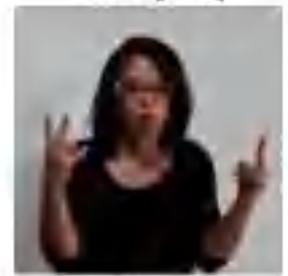
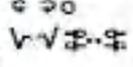
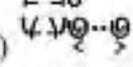
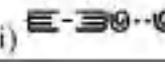
Vemos, no gráfico 3, que todos os sinais testados apresentaram ocorrência de forma articulatória idêntica em posição sintática de N e de V, até mesmo BEB[ida/er], com ocorrências de 15%. Os demais 24 pares de sinais testados apresentaram ocorrências acima de 50%, sendo a média 87%, a mediana 89% e a moda 100%, percentual que ocorreu para 7 dos 25 pares. Ou seja, o que esses dados quantitativos estão mostrando é que, em Libras, de fato realiza-se a mesma forma articulatória do sinal em posições sintáticas nominais e verbais da frase. Se a mesma forma de alguns sinais não é observada na produção do mesmo falante como N e como V, observamos essa forma na produção de outro falante no elemento oposto do par, em percentual elevadíssimo para quase todos os sinais testados.

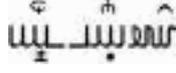
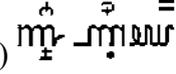
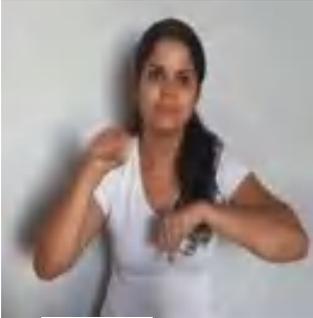
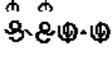
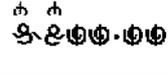
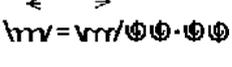
Por outro lado, os dados também mostraram a presença de variação na forma articulatória de quase todos os sinais. Ainda que essa variação não represente marca categorial, é importante observá-las. No quadro, a seguir, apresentamos descrição de parte dessas variações, pois o presente artigo não comporta a descrição de todas as variações encontradas nos *corpora*.

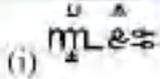
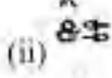
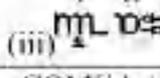
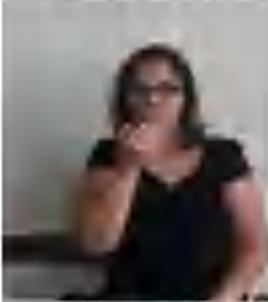
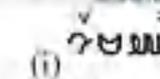
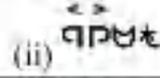
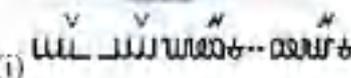
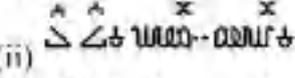
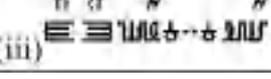
Quadro 6 – Exemplos de variações encontradas nos pares testados

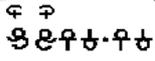
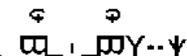
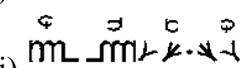
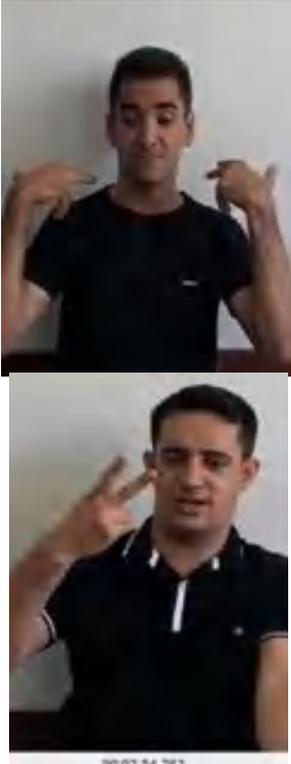
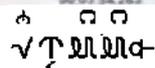
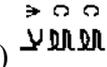
<p>CONSTRU[ção/ir]</p>  <p>(i)</p>  <p>(ii)</p>	<p>Esse sinal apresentou-se de duas formas, realizadas para N e para V: com os traços configuração das duas mãos em <i>esse</i>, no eixo <i>anterior/palma para dentro</i> e movimento da mão principal <i>retilíneo brevíssimo para trás</i>, exemplo (i); e com os traços <i>configuração das duas mãos em bê</i>, no eixo <i>medial/palma para trás</i> e movimento <i>semicircular para trás</i>, alternado entre as duas mãos (ou, mais raramente, pequenas batidas e movimento retilíneo das duas mãos para cima), exemplo (ii). A variação também se deu devido à ocorrência de compostos, quando o informante realizava esses dois sinais concomitante (i) e (ii), tanto para N como para V. Apenas o Inf2-GI diferenciou o par por realizar uma ação construída (passar massa, assentar bloco) para o verbo CONSTRUIR, motivada pela imagem do teste.</p>
---	--

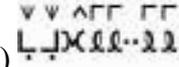
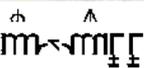
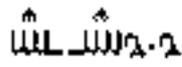
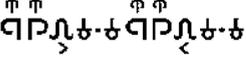
CAS[amento/ar]		
 <p>(i) a.</p>	 <p>(ii) b.</p>	 <p>(iii)</p>
<p>Esse par foi realizado por quase 100% dos informantes como em (i), com os traços: configuração de mão que variou em <i>mão espreada</i> ou <i>concha</i>, com movimentos das duas mãos <i>retilíneo para dentro</i>, único e alongado, para N e V. Outra variação se deu, restrita aos Inf9-GO e o Inf1-GI, que usaram o composto CAS[amento/ar]^ALIANÇA, formado pelo sinal casamento acima descrito juntamente com o sinal em (ii). Já os informantes Inf16-GO, Inf3-GI, Inf7-GPI usaram o composto CAS[amento/ar]^ASSIN[atura/ar] em (iii).</p>		
<p>CARRO/DIRIG[ir]_{CARRO}</p>  <p>(i)</p>  <p>(ii)</p>  <p>(iii)</p>	<p>Variações nesse sinal ocorram, sobretudo no que se refere ao macrosegmento Mov, no traço <i>tipos de movimentos de mão</i>, que foram realizados com movimentos semicirculares alongados variando de 1 a 2 repetições. Ocorreram algumas variações: o (Inf8-GPI) produziu o par sem movimento, sinal parado. Os (Inf16-GO/Inf18-GPI) diferiu no macrosegmento M, nos traços <i>configuração de mão</i> e <i>eixos da mão</i> e <i>orientação de palma</i>, no eixo superior e não medial como comumente é articulado, o que se configura como algo estilístico; o (Inf13-GO) diferiu pelo um item lexical distinto com o traço <i>configuração de mão</i> em <i>cinco</i> (ii) e não em <i>esse</i> (i); os Inf12-GO e Inf5-GPI variaram devido ao contexto semântico-pragmático da imagem, uma vez que era apresentado alguém segurando uma garrafa de bebida e dirigindo ao mesmo tempo, como se estivesse manuseando o volante bêbado com um braço só (iii); No entanto, essa distinção mostrou irrelevante, mais influenciado pelo contexto do que a ocorrência de morfema categorizadora para a categoria V.</p>	

<p>CADEIRA/SENT[ar]</p>  <p>(i) </p>	<p>As variações nesse sinal ocorreram no macrossegmento Mov. A maioria realizou o par com o traço <i>movimentos de mão</i> retílicos, único e alongado (i). Outra parte dos informantes realizara o par com movimentos curtos. Já o (Infl-GI) produziu movimento único, curto e reduplicado, concomitante. No entanto, esses movimentos não manifestaram categorização, pois ocorreram tanto para o nome quanto para o verbo. Sendo assim podemos afirmar não haver distinção categorial para esse par.</p>
<p>TELEFON[e/ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p> <p>(iv) </p>	<p>Esse par apresentou variação apenas no traço <i>movimento de mão</i>, apresentando movimentos <i>únicos e alongados curvo para cima ou para trás</i> (i) ou (ii), <i>curtos e reduplicados</i> (iii), e com movimentos de pulso (iv), tanto para N como para V. Somente um informante, Infl-GI, diferenciou o par de acordo com o movimento proposto por Quadros e Karnopp (2004), único e alongado para verbo e curto e reduplicado para nome. Alguns diferiram pelo contexto semântico-pragmático, por fazer a ação construída (de um telefone sendo retirado do gancho e levado até o ouvido), uma vez que a imagem eliciava essa produção. A maioria fez o sinal sem movimento, com uma mão configurada em <i>ípsilon</i>, no <i>eixo medial/palma para trás</i> (ou <i>para baixo</i>), encostado no ouvido.</p>
<p>VENT[o/ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>Muitos informantes não realizaram o verbo VENTAR sintaticamente, entendendo a ação apenas como nome VENTO. Em relação às variações estas ocorreram no macrossegmento Mov. Os informantes realizaram o par com o traço <i>movimentos de mão</i> retílicos, circulares, semicircular. No macrossegmento M, o traço <i>configuração de mão e eixo da mão/orientação da palma</i> variou, pois alguns informantes realizaram em <i>configuração de mão em vê</i> (i) no <i>eixo anterior/palma para dentro</i>, ou <i>configuração de mão em agukapê</i> (ii) no <i>eixo superior/palma para dentro</i> ou em <i>garra</i> (iii) no <i>eixo superior/palma para frente</i>. Consideramos essas variações produção estilística do falante e não uma distinção morfológica do par.</p>

<p>LADRÃO/ROUB[ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>Nesse par as variações são identificadas no traço <i>movimentos de dedo</i>, que ocorreu ou com <i>fechamento gradativo de dedos</i> (i) ou com <i>fechamento de dedos curto e reduplicados</i> (ii), que incidiram tanto em N quanto em V. Outra variação se deu com o traço <i>orientação de palma</i>, que ocorreu com a palma da mão de base ora para <i>baixo</i>, ora para <i>dentro</i> ora para <i>cima</i>, havendo variação também desse traço na mão principal, cuja posição variava para se acomodava à posição da mão de base. E a maioria dos informantes usou a expressão não manual de ‘movimento de língua’.</p>
<p>BICICLET[a/ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>As variações identificadas ocorreram no macrossegmento Mov, no traço <i>movimentos de mão</i>, ocorrendo movimento circulares e curtos (i), circulares e alongados com variadas repetições de 1 a 4 movimentos (ii). O (Inf9-GO) realizou o par sem nenhum movimento. Essas insignificantes variações nos revela de forma enfática não haver nenhum elemento que distinga o par morfologicamente.</p>
<p>BRINQU[edo]/BRINC[ar]</p>  <p>(i) </p>	<p>Nesse sinal houve somente variação nas repetições do <i>movimento de mão</i> circular, de 2 a 6 repetições, (i), mas nada que produzisse um paradigma categorizador. Em alguns casos os informantes também usavam um composto, um sinal produzido de modo genérico que dá a ideia de DIVERSOS, VÁRIOS, COISAS antes ou depois do nome, no entanto entendemos isso passa somente a ideia de pluralidade e não de distinção de N e V.</p>

<p>FERRO/PASS[ar]ROUPA</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>As variações nesse sinal ocorreram nos traços dos macrosegmentos M e Mov, como produzir o sinal somente com a mão dominante configurada em <i>esse</i> (ii) ou realizá-lo com as duas mãos, com a principal configurada em <i>a</i> (iii) ou <i>esse</i> (i). Os movimentos variaram de curtos a longos e com repetições de 1 a 4. Portanto, essas variações podem ser estilísticas, pois não distinguiram categoria.</p>
<p>COM[ida'er]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>As variações identificadas nesse sinal foram localizadas nos traços do macrosegmento M e Mov, como: movimentos que se alternaram entre curtos e reduplicados e alongados; <i>configurações de mão</i> que foram realizados em <i>concha</i> (i) e em <i>grampo</i> (ii), ora com uma mão, ora com duas mãos. Essas variações que ocorreram no par não constituem um padrão ao qual possamos agrupa-las, uma vez que apareceram tanto no nome quanto no verbo.</p>
<p>NEV[e'ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>As variações localizadas nesse sinal se encontram nos traços dos macrosegmentos M e Mov. O traço <i>configuração de mão</i> ocorreu em <i>mão espreada</i> (i), em <i>pêra</i> (ii) e em <i>garra</i> (iii), com eixos da mão e orientação de palma distintos. Quanto ao traço <i>movimentos de mão</i>, estes oscilaram de <i>retíneos únicos alongados</i> ou <i>curtos</i> e com <i>movimentos de dedos ziguezague</i> (i) e (iii) ou <i>esfregação</i> (ii). Consideramos essas variações como estilística, ou até mesmo uma pobreza de vocabulário, pois esses sinais são o mesmo de CHUVA e TERRA, distinguindo desses sinais pelo uso do composto NEVAR^BRANCO^FRIO. Notamos que houve uma maior incidência da realização do nome, NEVE, do que do verbo NEVAR, de acordo com o critério sintático.</p>

<p>CORR[ida/er]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>As variações identificadas nesse sinal ocorreram nos traços do macrossegmento M e Mov. Este sinal é comumente realizado com <i>configuração de mão</i> em <i>esse</i> (i), no entanto o par variou estilisticamente, pois o (Inf2-GI) realizou em <i>bê</i> (ii) e <i>ele-espalmado</i> (iii), outros realizaram com movimentos retilíneos no eixo frontal e outros retilíneos no eixo transversal, com palmas para dentro, e movimentos circulares. Essa pequena variação é estilística e também ocasionada pelo contexto semântico-pragmático da imagem, uma vez que a imagem elicia um ‘homem correndo’. Não configura, assim, distinção de categoria gramatical.</p>
<p>TESOUR[a/ar]</p>  <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>Esse foi um dos sinais que mais apresentaram variação. Entretanto esta variabilidade se dá por conta do fenômeno da autossaturação do verbo, no macrossegmento L, e também pelo contexto semântico-pragmático da imagem, uma vez que a imagem mostrava ‘uma mulher cortando o cabelo’ e outra ‘cortando papel’. Por exemplo, o verbo hipotético TESOURAR ‘cabelo’ ou ‘papel’ é feito em locais distintos, <i>em pontos de toque</i>, precisamente no cabelo e no espaço neutro ao realizar TESOURAR_{PAPEL}. Também de modo estilístico ocorreram variações no macrossegmento M, muitos produziram esse sinal com o traço <i>configuração de mão</i> diferentes: em <i>vê</i> (i) ou <i>vê-ele</i> (ii), com uma mão ou duas mãos, com eixos de mão e orientação de palma variados. No macrossegmento Mov, ocorreram variações no traço <i>movimentos de dedos</i>, e também movimentos de mão curtos e reduplicados, único e alongado para o par. Concluímos que embora o par tenha demonstrado grande variabilidade, essa se deu pelo fenômeno da autossaturação verbal e o estilo de cada informante ao realizar o sinal e não como uma distinção morfofonológica.</p>

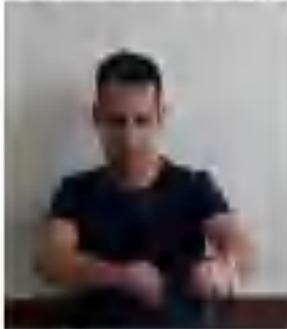
<p>CHOR[o/ar]</p>  <p>00:03:01.223</p> <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>As variações nesse podem também serem classificadas como estilísticas. Estas ocorreram no macrossegmento M e Mov: o traço <i>configuração de mão em grampo</i> (i), em <i>zê</i> (ii), em <i>ele</i> (iii), com uma ou duas mãos. Essas variações apareceram tanto no nome quanto no verbo. Quanto ao traço <i>tipos de movimentos</i>, os feitos com apenas uma mão, geralmente eram <i>retilíneos, único e alongado</i>, já os com duas mãos eram <i>curtos e reduplicados</i>, sendo de dobrar pulso e girar pulso.</p>
<p>NAD[ar]/NAT[ação]</p>  <p>00:04:44.671</p> <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>As variações nesse sinal se localizaram nos macrossegmentos M e Mov, no traço <i>configuração de mão</i> que ocorreu como: <i>mão espalmada</i> (i) ou <i>mão espraiada</i> (ii). Quanto ao traço movimento, as variações estavam relacionadas ao contexto semântico-pragmático da imagem, variando tanto para N quanto para V em alongados, curtos e reduplicados, com várias repetições, semicircular, no plano sagital, e também de dobrar pulso. Assim, como nos demais pares analisados até o momento, não encontramos um paradigma produtivo de distinção para este par, mas sim um estilo de cada falante.</p>
<p>PENT[e/ear]</p>  <p>00:04:29.434</p> <p>(i) </p>	<p>As variações que ocorreram nesse sinal podem ser explicadas pelo fenômeno da autossaturação verbal, ou seja, a depender do que era ‘penteado’, ocasionavam variações nos macrossegmentos M, Mov ou L, nos traços <i>eixo de mão</i> para <i>dentro anterior, medial para baixo</i>, se com uma ou duas mãos, ou no traço <i>ponto de toque</i> no cabelo e espaço neutro, com traço de movimentos retilíneos curtos e reduplicados, e alongados. Notamos que na ação de PENTEAR_{CABELO} (i), os movimentos foram mais repetidos, enquanto que no nome PENTE (ii), o movimento realizado foi curto e sem repetições para alguns informantes, embora também aparecessem alguns com repetições. Devido ao fenômeno da autossaturação atuando nessas variações, foi</p>

<p>(ii) </p>	<p>difícil encontrar uma forma mais regular para o par, como ocorre com normalmente.</p>
<p>EXPLOS[ão]/EXPLOD[ir]</p> <p>(i) </p> <p>(ii) </p> <p>(iii) </p>	<p>Nesse sinal as variações ocorreram nos macrossegmentos M e Mov. O traço <i>configuração de mão</i> em <i>esse</i> e depois fazia o <i>movimento de dedos</i> e <i>eixo de mão</i> anterior/palma para fora (i), ou não movimentava os dedos, e com eixo de mão anterior/palma para baixo (ii). Quanto ao <i>traço movimento</i>, esse ocorrera <i>retilíneo curto</i> ou <i>alongado</i> tanto para nome quanto para o verbo, sempre com um movimento único. Devido ao contexto semântico-pragmático, pois a imagem de eliciação utilizada trazia uma explosão que remetia a um cogumelo, esse sinal também foi realizado como imitando o surgimento do cogumelo da bomba atômica (iii). Não foi possível assim encontrar um morfema categorizador para este par.</p>
<p>SORR[o/ir]</p> <p>(i) </p> <p>(ii) </p>	<p>A variação para realização do par desse sinal se deu devido ao estilo de cada falante explícitos nos macrossegmentos M e Mov, em realizar o sinal, com duas mãos ou apenas uma, com <i>eixo de mão superior/media/lateral</i> com orientação de palma para <i>dentro</i> e para <i>trás</i>. Com o traço <i>movimento de dedos</i>, reduplicados e curtos, brevíssimos (ii) ou únicos e alongados (i). Outro fator que contribuiu para essa variabilidade foi a influência do contexto semântico-pragmático da imagem, pois em uma imagem havia ‘duas mulheres sorrindo’, para ser eliciado ‘sorriso’. No entanto alguns informantes entenderam como o verbo GARGALHAR, sendo este produzido com as duas mãos, de modo mais intenso e com giro de pulso (iii). Essa grande variabilidade dificultou aloca-las em um padrão de distinção das categorias.</p>



$\begin{matrix} \text{c} & \text{ou} \\ \text{L} & \text{J} \end{matrix}$
 (iii)

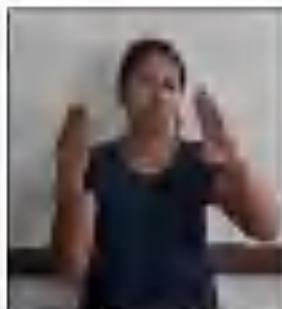
PORTA/ABRIR_{PORTA}



(i) $\begin{matrix} \wedge \\ \text{B} \end{matrix}$

(ii) $\begin{matrix} \wedge \\ \text{B} \end{matrix}$

(iii) $\begin{matrix} \wedge & \wedge \\ \text{m} & \text{B} \end{matrix}$



(iv) $\begin{matrix} \vee & \vee & \vee \\ \text{m} & \text{m} & \text{B} \end{matrix}$

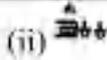
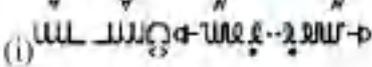
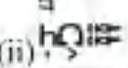
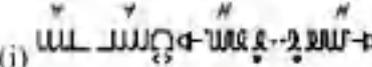
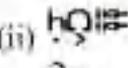
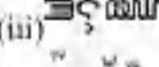
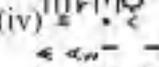
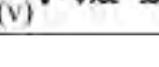
CHUV[a]/CHOV[er]

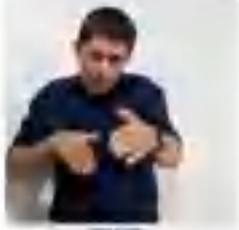
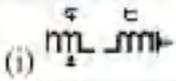
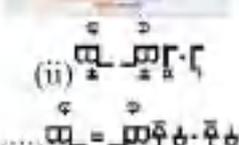
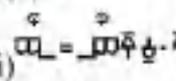
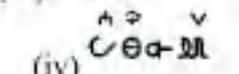
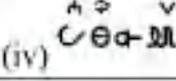


(i) $\begin{matrix} \text{m} & \text{m} \\ \text{E} & \text{E} \end{matrix}$

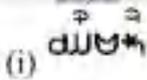
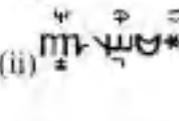
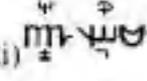
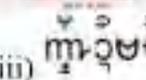
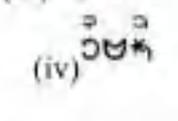
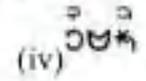
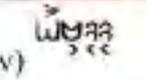
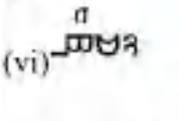
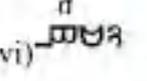
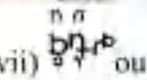
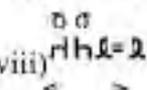
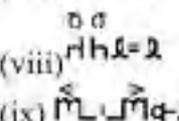
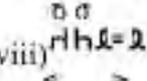
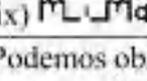
Uma variação encontrada nesse par pode ser explicada pela mudança no fenômeno da autossaturação. O verbo ABR[ir]_{PORTA} em Libras pode estar deixando de ser autossaturado, pois um percentual de mais de 50% dos informantes realizaram o sinal de ABR[ir], com mão configurada em *esse*, com movimento *torcer pulso* mais o movimento *curvo para frente* ou *para trás* (i), ou apenas esse último movimento sem *torcer pulso* (ii) e depois o sinal de PORTA (iii), não havendo incorporação do objeto ao verbo. As variações ficaram por conta dos traços configuração de mão e eixo/orientação de palma, que ocorreram como *esse*, *bé* ou *mão espalmada*, no eixo *superior/palma para frente* ou *anterior/palma para baixo*, e no traço movimento, que ocorreu com movimento *torcer pulso* mais movimento *curvo para trás* (i) ou *para frente*, ou apenas esse último movimento (ii), com uma única mão ou com as duas (iii). Quando foi usado um único sinal, essas variações ocorreram tanto para o nome como para o verbo.

O irrisório percentual de variação desse sinal se deu nos macrosssegmentos M e Mov, visto que (Inf18-GPI) produziu o sinal com apenas uma mão (ii) ao invés de duas (i) como comumente foi encontrado no *corpus*. Quanto aos movimentos, somente o (Inf4-GI) fez o sinal de CHUVA parado, sem movimento, os demais realizaram movimentos curtos e reduplicados, e também alongados com intensidade, tanto para o nome quanto para o verbo.

<p>(ii) </p>	
<p>PENS[amento/ar]</p>  <p>(i) </p>  <p>(ii) </p>	<p>As variações nesse sinal ocorreram nos macrosegmentos M e Mov, revelando um padrão distinção estilística, pois muitos informantes realizavam o sinal com uma ou duas mãos com o traço <i>configuração de mão em mão espreada</i> (i) ou <i>zê</i> (ii), com <i>eixo de mão e orientação de palma</i> diversos. Há ocorrência de composto com esses dois sinais apresentados concomitantes. Inferimos que o uso dos compostos demonstravam a intenção de dar ênfase ao que estava sendo produzido. Quanto ao traço movimento tanto para o nome quanto para o verbo, foram curtos e repetitivos, único e alongado ou único e curto, com movimentos de dedos.</p>
<p>SONH[o/ar]</p>  <p>(i) </p>  <p>(ii) </p> <p>(iii) </p> <p>(iv) </p> <p>(v) </p>	<p>As variações desse sinal ocorreram nos macrosegmentos M e Mov, revelando também apenas distinção estilística, pois muitos informantes realizavam o sinal com uma ou duas mãos, com o traço <i>configuração de mão em mão espreada</i> (i) ou <i>zê</i> (ii) ou com um sinal composto, os dois sinais apresentados concomitante. Quanto ao traço movimento tanto para o nome quanto para o verbo, foram <i>curtos e repetitivos, único e alongado</i> ou <i>único e curto</i>, com movimentos de dedo. Houve alguns sinais também com o traço <i>configurações de mão em garra</i> (iii) e em <i>eme</i> (iv). Notamos que a articulação deste par é bem parecida com a do par PENS[ar/amento]. Esse par apenas difere pelo o uso do composto DORMIR (v) concomitante à expressão não manual de 'fechar os olhos'.</p>

<p>FUTEBOL/CHUT[ar]</p>  <p>(i) </p>  <p>(ii) </p>  <p>(iii) </p>  <p>(iv) </p>	<p>O sinal CHUT[e/ar], com configuração <i>ele-espalmado</i> para as duas mãos e movimento <i>batida</i> (xiv) ocorreu como N (como nome da modalidade esportiva) e como V. Esse, entretanto, não é verdadeiramente um par N e V. Trata-se de itens lexicais distintos, ou seja, o nome CHUT[e] é mais genérico, mas é tomado como nome da modalidade esportiva. E essa modalidade esportiva recebe como nome também o sinal (ii), com ambas as mão configuradas em <i>legal</i> e movimento <i>dobrar pulso</i> para lados opostos, ou movimento <i>retilíneo breve</i> alternadamente para <i>cima</i> e para <i>baixo</i> (iii). Os sinais (ii) e (iii), no <i>corpus</i>, só ocorreram como N, como o nome da modalidade esportiva. Somente o Inf3-G1 fez um sinal diferente desses tanto para o nome quanto para o verbo, com uma mão configurada em <i>gancho</i> e a outra em <i>argola</i> (iv), o que pode ter sido influenciado pelo contexto semântico-pragmático da imagem, em relação ao verbo, na qual havia uma bola entrando no gol.</p>
--	--

BEB[er/ida]

 <p>(i) </p>  <p>(ii) </p>	 <p>(iii) </p>  <p>(iv) </p>	 <p>(v) </p>  <p>(vi) </p>	 <p>(vii)  ou </p>  <p>(viii) </p>  <p>(ix) </p>
--	--	--	---

BEB[er/ida] é o sinal que se destacou nos gráficos 2 e 3 pela variação. Podemos observar que a grande variação desse sinal se dá, na verdade, porque se trata de itens lexicais diferentes referentes a diversos tipos de bebida, apresentando-se quase todos como N e V. Significando CAFÉ/BEB[er]_{CAFE} temos o sinal (i), com uma mão configurada em *argola espraçada* que faz um movimento *curvo para cima/trás* na *boca*. A variação deste é (ii) que alterna a configuração da mão principal para *pinça espraçada*, além de acrescentar a mão de base configurada em *mão espalmada*. Em (iii) e (iv) temos quase as mesmas articulações anteriores, mas com a mão principal configurada em *cé*, pois agora se trata de bebida em copo ou qualquer outro recipiente redondo. Em (v) e (vi) temos dois sinais geralmente utilizados para bebidas alcoólicas, (v) com configuração de mão em *chifre* e (vi) em *legal*, ambos com *giro de pulso* e *boca* como ponto de *Locação*. Por fim, (vii) e (viii), que foram articulados

somente como N, referem-se a bebidas engarrafadas, apresentando (vii) *configuração da mão de base em dê* e da mão principal em *cinco* com *movimento curvo para cima*, e (viii) com ambas as mãos em *zê*, no eixo *medial/palmas para baixo*, posicionadas em paralelo. Na imagem usada para eliciar o verbo havia uma pessoa bebendo algo, o que parecia ser uma xícara, sendo assim muitos usaram o sinal nessa ideia de BEBER_{CAFÉ}, como um verbo autossaturado. Em muitos casos os informantes também usaram o sinal (ix) (DIVERSOS, VÁRIOS ou COISAS) antes do sinal BEBI[da] ou depois, sem ordenação fixa, ou categorizava as bebidas, fazendo o sinal para designa-las como: CERVEJA, REFRIGERANTE, VINHO.

Fonte: Das autoras (2019)

Em resumo, a análise dos pares quantitativamente e qualitativamente revelam que não há uma marca morfofonológica explícita de distinção categorial para N e V na Libras, demonstrando claramente uma indistinção de forma generalizada, na produção dos sujeitos-informantes ao entrecruzar os dados dentro do *corpus*. Quanto à variação observada, esta se caracteriza como se segue:

- (a) Na maioria dos casos, decorre da variação de alguns traços, como os sinais TELEFON[e/ar], LADRÃO/ROUB[ar], PORTA/ABRIR_{PORTA}, CADEIRA/SENT[ar], VENT[o/ar], BICICLET[a/ar], FERRO/PASS[ar]_{ROUPA}, COM[ida/er], NEV[e/ar], CORR[ida/er], CHOR[o/ar], NAT[ação]/NAD[ar], EXPLOS[ão]/EXPLOD[ir], SORR[o/ir], CHUV[a]/CHOV[er], CARRO/DIRIGIR_{CARRO}.
- (b) São ocasionadas pela ocorrência de mais de um item lexical referentes a um mesmo conteúdo semântico, como CAS[amento/ar], SONH[o/ar], CONSTRU[ção/ir]; FUTEBOL/CHUT[ar], BEB[ida/er], CORR[ida/er], PENS[amento/ar], CARRO/DIRIGIR_{CARRO}, que tanto apresentaram variação de item lexical quanto de alguns traços.
- (c) Podem fazer composição com outro sinal, como CONSTRU[ção/ir]; CAS[amento/ar], cujo sinal convencional foi também empregado junto com o sinal ALIANÇA; BEB[ida/er], que se associou ao sinal VÁRIOS; NEV[e/ar], que ocorreu também como o composto NEVAR^BRANCO^FRIO; e SONH[o/ar], que pode ocorrer como o composto DORM[ri] mais a expressão não manual de ‘fechar os olhos’, BRINQU[edo]/BRINC[ar], que se compõe também com o sinal VÁRIOS.
- (d) Decorre da alternância entre ocorrência ou não de autossaturação do verbo, isto é, incorporando ou não o objeto, como os sinais, TESOUR[a/ar], PENT[e/ear] e PORTA/ABRIR_{PORTA}.

No entanto, apesar dessas variações na forma de articulação, não encontramos segmentos morfológicos que ser identificados como um padrão capaz de marcar de forma distintiva as categorias N e V, pois as variações observadas ocorrem tanto no nome quanto no verbo.. Concluindo, assim, que as ocorrências de variação de articulação no sinal são decorrentes de um uso estilístico, ou seja, uma característica pessoal de seus usuários, e não de marcação categorial, independentemente do período ou contexto de aquisição dos usuários da Libras.

A análise quantitativa, por sua vez, traz resultados categóricos que afastam possíveis dúvidas quanto à inexistência de distinção categorial por marca morfológica definidora das categoria N e V. Por fim, podemos dizer que a análise dos sinais testados em frases nos possibilitou identificar a categoria de nomes e verbos por sua posição sintática de forma ampla, em quase todos os casos. Entretanto, faz-se ainda necessária uma maior compreensão sobre a estrutura sintática de sentenças em Libras, uma vez que nos deparamos com algumas frases em que não foi possível identificar com clareza a categorial de determinados sinais, mesmo procurando observar a estrutura sentencial em que esse item estava inserido.

6 CONCLUSÃO

A análise feita nesta pesquisa teve como objetivo geral investigar se há distinção gramatical entre as categorias N e V, foneticamente, realizadas na Libras. A fim de verificar a existência ou não de morfemas categoriais para N e V nessa língua, realizamos uma investigação por meio de um teste com imagens em contexto, no intuito de eliciar frases em Libras contendo os 25 pares de N e V a serem analisados. O teste foi aplicado a 10 surdos, 4 com aquisição da Libras na infância, e 6 com aquisição em período posterior à infância, e também com 9 ouvintes que adquiriram a língua como L2, perfazendo um total de 19 sujeitos-informantes.

Utilizamos para transcrição dos dados o Sistema de Escrita de Libras-SEL (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), que foi de grande importância porque, como esse sistema captura a estrutura interna do sinal, tornou-se possível a verificação da ocorrência ou não traços relacionados à marcação categorial nos sinais. Assim, este método de transcrição nos possibilitou analisar os sinais nos dados coletados o mais próximo possível de como estes foram articulados pelos informantes. Como ferramenta de transcrição, utilizamos o *software* ELAN, que nos possibilitou fazer transcrição em glosas e em SEL de forma mais fácil, devido a seus recursos para lidar com vídeos.

As frases coletadas passaram por uma primeira análise, de natureza sintática, para que se pudesse identificar no *corpus* os nomes e verbos, de forma a assegurar a identificação das categorias dos sinais de forma independente. Uma vez identificadas, de forma segura pelo método sintático, a categoria dos sinais investigados, passamos à análise dos traços componentes da forma articulatória do sinal. Para análise dessa estrutura assumimos a proposta de estrutura articulatória hierárquica do sinal de LESSA-DE-OLIVEIRA (2012).

Como resultados de nossas análises, constatamos que, em Libras, em termos de articulação, um mesmo sinal pode ocupar posições nominais ou verbais, ou seja, a diferença categorial não se dá por marcas morfológicas articuladas. Dessa forma, nossas hipóteses se confirmaram, uma vez que inferimos que, independentemente do período de aquisição da Libras, os falantes de Libras surdos, quer seja na infância ou depois desse período, ou os falantes de Libras como L2 ouvintes, não fazem diferenciação morfológica das categorias N e V. Em nenhum dos grupos de informantes investigados encontramos um padrão produtivo correspondente a uma marca morfológica de nomes e verbos em Libras.

As variações observadas nos sinais testados revelam que estas decorrem de aspecto estilístico, de fator semântico-pragmático ou são simplesmente a manifestação do fenômeno da variação linguística comum nas línguas naturais. Verificamos, assim, variação de movimentos

que vão desde os que a literatura preconiza, às suas ramificações como: *único e alongado, curto e reduplicado, alongado e curto, alongado e reduplicado*, relacionados à intensidade, velocidade, repetições, de girar pulso, movimentos circulares, os quais também não formam um padrão de distinção, pois são realizados tanto para nome, quanto para o verbo. Assumimos, assim, que a categorização de nomes e verbos em Libras se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático.

Dessa forma, o presente estudo num esforço de contribuir com a discussão sobre a categorização de nomes e verbos em Libras, procurou juntar mais elementos teóricos à análise de dados e à discussão de um problema que causou, e ainda causa certa polêmica, sobretudo entre profissionais da educação que trabalham com o ensino de Libras, bem como entre a comunidade surda. Empreendemos este estudo observando que, não obstante à realização de uma pesquisa sobre o tema, que foi o trabalho Pizzio (2011), e de reflexões de vários outros autores, que questionam a assunção de existência de distinção morfológicas de N e V em Libras, o tema ainda carecia de busca de resultados que pudesse se apresentar de forma mais categórica.

Entretanto, embora as análises quantitativa e qualitativa que realizamos tragam resultados categóricos, que afastam possíveis dúvidas quanto à inexistência de distinção categorial por marca morfológica definidora das categorias N e V em Libras, observamos que se faz ainda necessária uma maior compreensão sobre a estrutura sintática de sentenças nessa língua, uma vez que nos deparamos com alguns sinais cuja categoria não foi possível identificar, mesmo procurando observar a estrutura sentencial em que esse item estava inserido.

Por fim, ainda queremos dizer que almejamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir com a legitimação linguística desse idioma como língua natural, e que venha a contribuir em futuras pesquisas de aquisição e gramática da Libras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Antonieta P. T. **Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais**. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

_____; LESSA-DE-OLIVEIRA. O sinal e a estrutura argumental da Língua Brasileira de Sinais. **Veredas on-line** – atemática – 2014/2 - P. 267-289 (ISSN: 1982-2243)

AUGUSTO, Marina R. A. **Aquisição da linguagem na perspectiva minimalista: especificidade e dissociações entre domínios**. In: VASCONCELLOS, Z.; AUGUSTO M. R. A.; SHEPHERD T. M. G. (Org.). *Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações* (3). Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2007. Disponível em: <www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro03/LTAA03_prof002.pdf>. Acesso em 20 jan. 2017.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. **The acquisition of three morphological systems in American Sign Language**. *Papers and Reports on child Language Development*, v. 21, 1982.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.leidireito.com.br/lei-10436.html>>. Acesso em: jun. 2017.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. vol. 1 e 2. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, Fapesp, Fundação Vitae, FENEIS, Brasil Telecom, 2001.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge, Massachusetts, USA: MIT Press, 1995.

_____. **Linguagem e mente**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

ELAN. **The language archive**. [s.d.] ELAN é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> Acesso em: 20 de set. de 2017.

ELLIS, Rod. **Second Language acquisition and language pedagogy**. Multilingual Matters. Ltd. Clevedon. Philadelphia. Adelaide. 1993.

FELIPE, Tanya A. **O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil (LSCB)**. 1988. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

_____. **Libras em contexto: curso básico, livro do professor instrutor**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

_____. **Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Os processos de formação de palavras na LIBRAS.**, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>>. Acesso a partir de: 10 de maio de 2018.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995]. 273p.

_____. **Similarities and differences in Two Sign Languages.** Sign Language Studies. 42: 45-47. Linstok Press, In: Silver Spring, USA, 1984.

GROLLA, E; FIGUERDO-SILVA. M. **Aquisição da linguagem.** São Paulo. Contexto. 2014.

KARNOPP, Lodenir. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1994.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa.** São Paulo: Contexto, 2013.

KATO, Mary. **A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical.** In: M. A. Marques; E. Koller; J. Teixeira; S. A. Lemos (Orgs.). Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino. Braga: CEHUM (U. do Minho), 131- 145, 2005.

LENNEBERG, Eric. **Biological Foundation of Language,** New York: Wiley. 1967.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear.** ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

_____. **Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais.** [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso a partir de: 02 de abril de 2018.

_____. **A estrutura articulatória do sinal.** In: _____. Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil, 10 jan. 2015. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso em 22 junho de 2018.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). **Estudos da Língua(gem)**, v. 17, n. 2, p. 103-122, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LIGHTFOOT, David. **How to set parameters: arguments from language change.** Massachusetts: MIT Press, 1991.

MARINHO, Margot Latt. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. 2014. 231 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. **A hipótese da gramática universal e a aquisição de segunda língua**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 9, n. 2, p. 51-71, 2000.

McCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H.M.L. (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**, cap. 5, Goiânia: Cãnone, 2007, p.73-96.

MIOTO, Carlos. *et al.* **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2016.

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In: **Cognition. Elsevier Science Publisher**. B.V.V.27. 1987.

_____. MARENTETTE. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontogeny of Language. In: **Science**. v. 251. American Association for the Advancement of Science. 1991.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**; tradução Claudia Berliner. São Paulo. Martins Fonseca. 2002.

PIZZIO, Aline. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. Florianópolis, UFSC: Tese de doutorado, 2011.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais IV**, do curso Letras\Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

_____; QUER, Josep. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMASALLES, Heloisa; NAVES, R. **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone, 2010.

ROEPER, Thomas. "Universal Bilingualism". **Bilingualism: Language and Cognition**. 1999 (2),.3 (pp.169-186).

SANTOS, Saionara. F.; MOLON, Susana I. **Comunidade Surda e Língua Brasileira de Sinais nos relatos de uma professora surda**. Reveduc. V. 8. n. 2. p. 304- 320. UFSCAR, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. pág. 203-232.

SILVA, Ione Barbosa de Oliveira. **A categoria dos verbos na Língua Brasileira de Sinais**. 2015. 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. “On the permeability of grammars”. in: ASHBY, W.J.; MITHUN, M.; PERISSINOTTO, G.; RAPOSO, E. (eds), **Linguistic Perspectives on Romance Languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.1993. (pp. 19-44)

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. Revista Contingentia, 2006, Vol. 1, novembro 2006. 01–10 7 © Revista Contingentia ISSN 1980-7589

STOKOE, William. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. **How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in american sign language**. 1978. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313223392_Howmany_seats_in_a_chair_The_derivation_of_nouns_and_verbs_in_American_Sign_Language> Acessado em: 20/06/2018.

VILLALVA, A. **Morfologia do Português**. 2007, Lisboa. Disponível em: [http://www.academia.edu/10492589/Morfologia do Português](http://www.academia.edu/10492589/Morfologia_do_Português). Acesso em: 27 de novembro de 2017.

ZESHAN, Ulrike. **Raízes, folhas e ramos – A tipologia de língua de sinais**. In: QUADROS, R. M. de. VASCONCELLOS, M. L. B. de. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. Tradução de Alinne B. P. Fernandes et. al. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 33-54.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 7: Realização dos 25 Pares de Nome e Verbo Articulado por Cada Informante Transcritos em SEL

	CORR[jida/er]		PORTA/ABRIR _{porta}		PENS[mento/ar]	
	N	V	N	V	N	V
Inf1			Não realizou			
Inf 2					Realizou verbo	
Inf 3						
Inf 4						
Inf 5			Não realizou			
Inf 6						
Inf 7	Realizou verbo					
Inf 8						
Inf 9	Realizou verbo					
Inf 10	Realizou verbo					
Inf 11						
Inf 12						
Inf13						

Inf3				
Inf4			Não realizou	
Inf5				
Inf6				
Inf7			Não foi possível identificar a categoria	
Inf8				
Inf9			Realizou verbo	
Inf10			Realizou verbo	
Inf11			Realizou verbo	
Inf12				
Inf13			Não realizou	
Inf14		Não realizou		
Inf15				
Inf16				
Inf17			Realizou verbo	
Inf18				
Inf19				

	TELEFN[e/ar]		TESOUR[a/ar]objeto	
	N	V	N	V
Inf1		Realizou nome		 (tesourar cabelo) (tesourar papel)
Inf2				
Inf3				 (tesourar papel)
Inf4				
Inf5				
Inf6				
Inf7				

Inf16				
Inf17				
Inf18				
Inf19			Realizou verbo	

	NA[tação/dar]		BEB[ida/er]	
	N	V	N	V
Inf1				
Inf2				
Inf3	Realizou verbo			
Inf4	Realizou verbo		Não realizou	
Inf5				Realizou nome
Inf6			Não realizou	
Inf7				
Inf8			Não realizou	
Inf9				
Inf10				
Inf11			Não realizou	
Inf12				
Inf13				
Inf14				
Inf15				
Inf16				
Inf17				
Inf18				

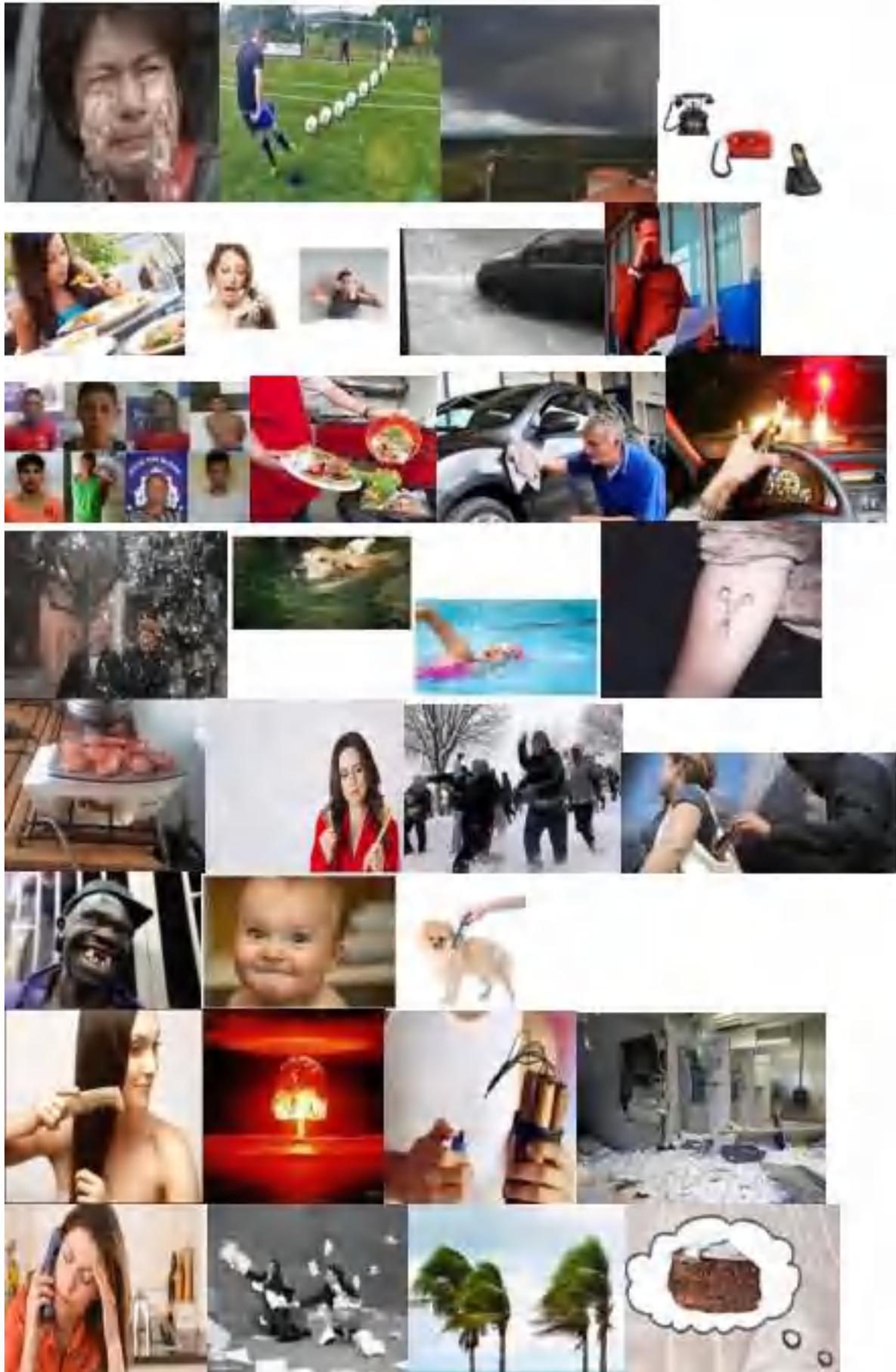
	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf19	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው

	NEV[e/ar]		EXPLO[são/dir]	
	N	V	N	V
Inf1	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf2	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf3	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf4	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf5	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf6	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf7	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf8	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf9	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf10	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf11	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf12	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf13	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf14	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf15	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf16	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው
Inf17	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው	ሠረዳው

Inf18	Não realizou	Não realizou	Não realizou	$\begin{matrix} \# & \# \\ \# & \times \end{matrix} \begin{matrix} \# \\ \# \end{matrix}$
Inf19	$\begin{matrix} \vee & \vee & \# \\ \# & \# & \# \end{matrix}$	Realizou nome	$\begin{matrix} \# & \# & \vee \\ \# & \# & \vee \end{matrix}$	$\begin{matrix} \# & \# & \vee \\ \# & \# & \vee \end{matrix}$

APÊNDICE B – Imagens usadas no Teste de Eliciação







APÊNDICE C - TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**Título do projeto – A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA PARA NOME E VERBO NA LIBRAS.**

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Ediélia Lavras dos Santos Santana

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

Prezado (a) aluno (a)

Eu sou Ediélia Lavras dos Santos Santana, aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, e estou realizando, sob orientação e ativa participação da Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, o projeto de pesquisa intitulado: **A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA PARA NOME E VERBO NA LIBRAS.**

Para tanto, a fim de garantir o valor de verdade dos resultados, convido você a participar deste projeto, uma vez que esta pesquisa poderá contribuir para o melhor entendimento acerca da gramática e aquisição da libras por pessoas surdas e ouvintes, algo que poderá, futuramente, auxiliar os surdos na compreensão do idioma que eles adquirem como sua língua nativa. Sua participação é voluntária e consistirá em um teste de compreensão a ser feito por meio de vídeos. E em um segundo teste, que consiste em se deixar filmar enquanto narra uma história por meio de gravuras. Todo esse processo ocorrerá somente com seu consentimento, após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como você pode perceber, a sua participação no fornecimento de dados para esta pesquisa será muito simples, mas, como ocorre com toda pesquisa que envolve seres humanos, há sempre algum riscos e/ou desconforto (exposição da imagem) aos quais os participantes da pesquisa podem estar sujeitos. Caso ocorra algum desconforto ou prejuízo pela exposição de sua imagem ou por outro motivo decorrente deste estudo, nós nos responsabilizamos pelo ressarcimento e/ou outras providências, conforme o necessário. Além disso, ressaltamos que você pode deixar que suas narrativas sejam filmadas por nós e não nos autorizar fazer uso de sua imagem em nossas publicações ou apresentações de trabalhos em eventos. Assim, lhe garantimos o sigilo quanto ao seu anonimato, isto é, não divulgaremos seu nome. Também garantimos não divulgar sua imagem, caso você não autorize. Da mesma forma, garantimos a confidencialidade das informações referentes aos seus dados que serão apresentadas no estudo.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária. Portanto, você não tem direito a remuneração ou indenização. Por outro lado, sua participação neste estudo não resultará em

nenhum tipo de custo para você nem para sua família. Esclarecemos que, como participante de estudo, você tem direito a esclarecimentos adicionais, antes, durante e depois da pesquisa. Também deixamos claro que você não é obrigado a participar da pesquisa e que sua recusa não implica nenhum prejuízo para você e sua família. Além disso, você pode abandonar a pesquisa em qualquer momento que desejar.

Assim, se você aceitar participar deste estudo, você precisará assinar esse termo em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você participante da pesquisa e a outra será arquivada por nós pesquisadores por cinco anos (conforme Res. 466/2012).

Vitória da Conquista _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante (sujeito-informante) ou Impressão digital

Responsável (se menor de idade)

Ediélia Lavras dos Santos Santana

Pesquisadora responsável

Profª. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
Orientadora

Contatos:

Pesquisador Responsável: edielialavras@hotmail.com; celular pessoal: (77) 99122-5751.

Orientadora: adriana.lessa@gmail.com; celular pessoal: (77) 98817155.

Departamento de Estudos Linguísticos e Literários-DELL/UESB. Endereço: Estrada do Bem-Querer Km 04. Vitória da Conquista, Bahia, Caixa Postal 95, CEP 45083-900, Vitória da Conquista – BA, Telefone: (77) 34248659.

Comitê de Ética: Endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UESB – CEP/UESB. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB CAP - 1º andar. Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequiezinho. CEP: 45.206-510 Jequié – Bahia , Telefones: (73) 3528-9727 / 9600

ANEXO

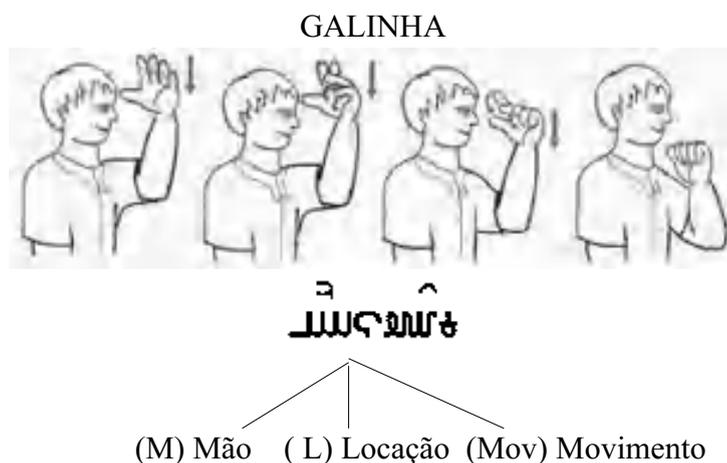
ANEXO A – Sistema de Escrita de Libras – SEL

O SISTEMA DE ESCRITA DE LIBRAS – SEL

(Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2018))

1 MLMov: a unidade de base do SEL

O sistema SEL foi elaborado com base na unidade articulatória da Libras MLMov seus macrossegmentos e traços (Lessa-de-Oliveira, 2012). Assim, esse sistema representa através de caracteres e diacríticos os traços do primeiro nível articulatório, preservando a estrutura organizacional dos macrossegmentos, em segundo nível, conforme representado nos exemplos a seguir.



2 As regras de funcionamento da escrita SEL

2.1 Representação do macrossegmento MÃO

O macrossegmento mão se compõe dos traços: configuração de mão; eixos de posição da mão; orientação da palma; pontos de toque na mão e posicionamento das mãos no espaço. Apenas o traço configuração de mão é representado por um caractere (letra) no sistema SEL. Os demais traços são representados por diacríticos colocados acima ou abaixo do caractere de configuração de mão.

2.1.1 Configurações de mão

A SEL representa o traço configuração através de 52 caracteres. No quadro a seguir se apresentam os caracteres da mão principal. Os da mão de base são esses mesmos caracteres mas invertidos horizontalmente. Para os destros a leitura é espelhada, para os canhotos não.

Quadro 3: Caracteres de configuração de mão

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a			27	ípsilon		
2	bê			28	zê		
3	bê-espraiado			29	cinco		
4	cê			30	seis		
5	cê-espraiado			31	concha		
6	cê-encolhido			32	concha encolhida		
7	dê			33	mão espalmada		
8	dê-encolhido			34	ele-espalmado		
9	e			35	mão espraiada		
10	efe			36	argola		
11	gequê			37	argola espraiada		
12	agakapê			38	argola média		
13	ijota			39	legal		
14	ijota estendido			40	garra		
15	ele			41	garra encolhida		
16	eme			42	gancho		
17	uene			43	pinça		
18	uele			44	pinça dupla		
19	o			45	pinça espraiada		
20	erre			46	grampo		
21	esse			47	figa		
22	tê			48	pêra		
23	vê			49	namoro		
24	vê-ele			50	chifre		
25	dâblío			51	love		
26	xis			52	desabrochar		

2.1.2 Eixos e orientação de palma

Os traços eixo e orientação de palma são representados no sistema SEL de forma amalgamada por meio de diacrítico colocado sobre o caractere de configuração de mão. Os eixos podem ocorrer também de forma invertida, conforme se verifica no quadro a seguir.

Caracteres de configuração de mão

Eixo Superior:			
<p>para frente</p> <p>para frente invertido</p>	<p>para trás</p> <p>para trás invertido</p>	<p>para dentro</p> <p>para dentro invertido</p>	<p>para fora</p> <p>para fora invertido</p>
Eixo Anterior:			
<p>para cima</p> <p>para cima invertido</p>	<p>para baixo</p> <p>para baixo invertido</p>	<p>para dentro</p> <p>para dentro invertido</p>	<p>para fora</p> <p>para fora invertido</p>
Eixo Medial/Lateral:			
<p>para cima</p> <p>para cima invertido</p>	<p>para baixo</p> <p>para baixo invertido</p>	<p>para trás</p> <p>para trás invertido</p>	<p>para frente</p> <p>para frente invertido</p>

Quando houver mudança de *eixo/orientação de palma* durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de *eixo/orientação de palma* são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração, como nos exemplo a seguir. Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão.

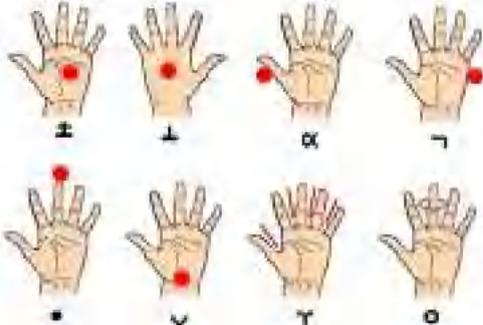


2.1.3 Pontos de toque

Os diacríticos pontos de toque, no quadro abaixo, podem aparecer sob os caracteres de configuração de mão, de dedos e de partes do corpo (Locação).

Diacríticos de pontos de toque

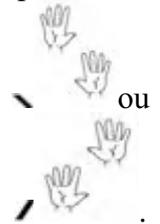
Palma da mão ou dedo ou lado da frente da parte do corpo	Dorso da mão ou dedo ou lado detrás da parte do corpo	Pontas dos dedos	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo	Entre os dedos
±	↓	•	α	└	┐
Em volta dos dedos	Parte inferior da mão (pulso) ou da parte do corpo	À esquerda (de partes do corpo)	À direita (de partes do corpo)	Parte superior (em partes do corpo)	
○	∨	<	>	^	



2.1.4 Posição das mãos de base e principal

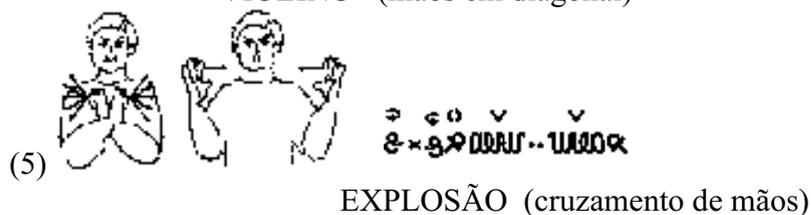
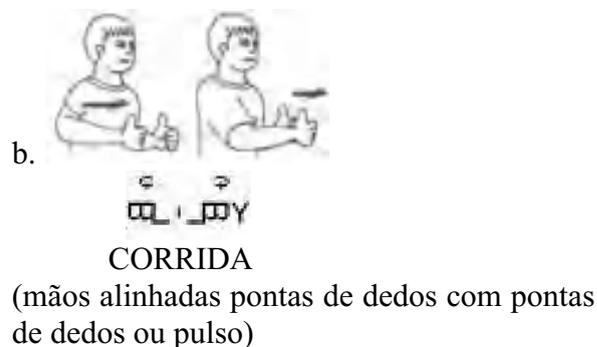
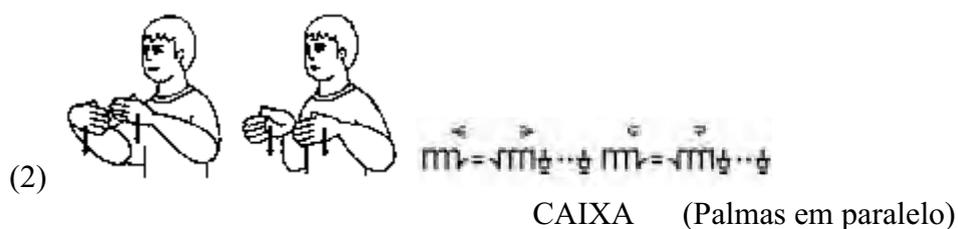
Quando o sinal é realizado com as duas mãos, o posicionamento das mãos é representado pelo sistema SEL de duas formas: através do uso de diacríticos colocados entre os caracteres das duas mãos, marcando como uma mão se posiciona em conjunto com a outra; ou através de um diacrítico de ponto de toque colocado sob os caracteres de configuração de mão, marcando o ponto de a mão é tocada pela outra mão ou pela aproximação a uma parte do corpo.

Diacríticos de posicionamento das mãos

Mãos em paralelo:	= 		
Mãos alinhadas:	Lado do dedo polegar ou mínimo com lado do dedo polegar ou mínimo: — 	Pontas dos dedos ou pulso com pontas dos dedos ou pulso: ■ 	
Mãos em diagonal:	No plano transversal: ↖ ou ↙ ; 	No plano sagital: ↗ ou ↘ 	No plano frontal: ↘ ou ↙ 
Mãos cruzadas:	x 		



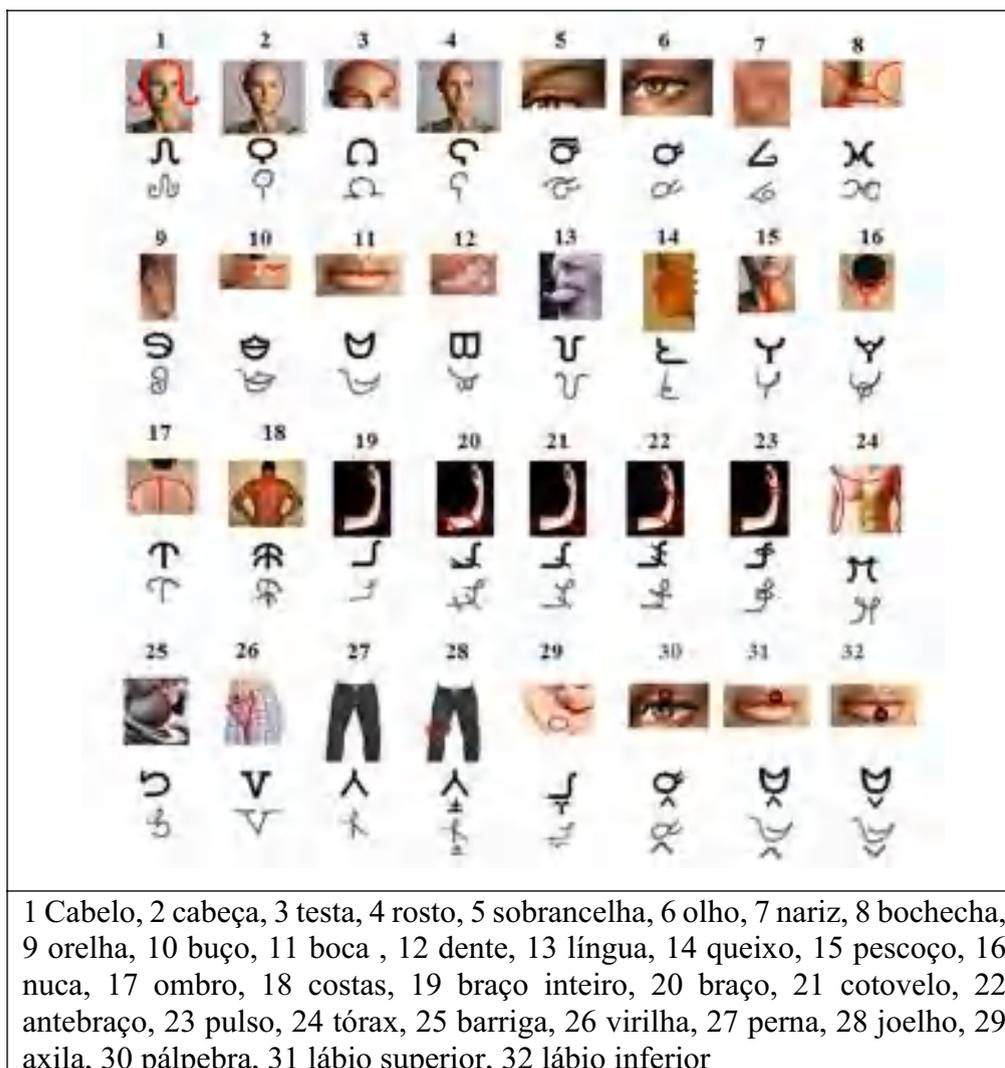
Seguem alguns exemplos desses posicionamentos da mão na execução do sinal, lembrando que pela regra da escrita SEL, esses diacríticos representam o posicionamento da mão no início da execução do sinal. Com o movimento, essa posição pode vir a mudar conforme veremos mais adiante.



2.2 Representação do macrossegmento LOCAÇÃO

2.2.1 Partes do corpo

O Macrossegmento Locação compõe-se no sistema SEL de 27 caracteres que correspondem a partes do corpo. Com esses 27 caracteres e mais algumas combinações com diacríticos, o sistema representa as 32 partes do corpo presentes nesse macrossegmento, em Libras (ver quadro a seguir). Quando o sinal é realizado sem o envolvimento de nenhuma parte do corpo, o caractere de Locação não ocorre na escrita do sinal.



Há sinais em que se envolvem mais de uma parte do corpo. Esses diferentes pontos de locação podem ser:

A - *tocados por mãos diferentes*: no macrosssegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada pela mão de base, depois o caractere da parte do corpo tocada pela mão principal; entre esses caracteres, colocam-se dois pontos, se as partes do corpo forem tocadas ao mesmo tempo (exemplo (8a)), e um ponto, se forem tocadas alternadamente (exemplo (8b)).

(6) a.



b.



B - *tocados pela mesma mão*: no macrossegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada primeiro, depois o caractere de locação da parte do corpo tocada por último, sem pontos entre eles.



Além de partes do corpo, os caracteres de dedos podem funcionar como Locação, se não houver movimento de dedos e eles estiverem servindo apenas para ancorar a realização do sinal. Veremos adiante quais são os caracteres de dedos.



2.2.2 Pontos de toque

Diacríticos de pontos de toque podem aparecer sob os caracteres de configuração de mão, de dedos e de partes do corpo (Locação).

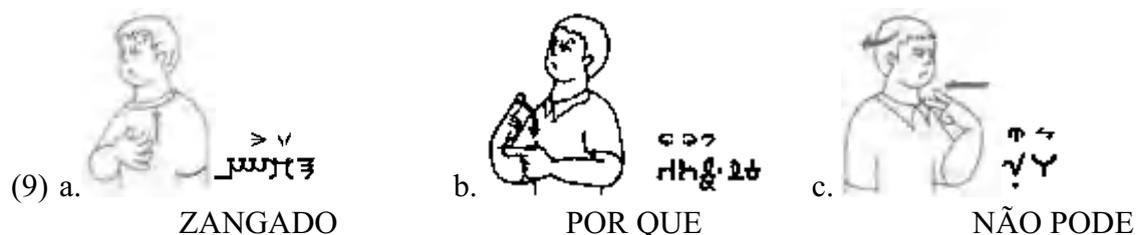
Pontos de toque colocados abaixo do caractere de locação

Lado do dorso no braço	Lado da palma no braço	Lado do dedo polegar no braço	Lado do dedo mínimo no braço	Lado do dorso	Lado da palma	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo
							

Lado do dorso	Lado da palma	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo	Lado do dorso	Lado da palma	Entre as partes	Parte de cima
Lado esquerdo	Lado direito	Lados direito e esquerdo	Lado direito	Para cima	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo
Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Parte de cima

2.2.3 Expressões faciais

Sobre os caracteres de parte de corpo podem ocorrer um diacrítico de expressão facial, se o for um sinal psicológico (exemplo (11a)), de interrogação (exemplo (11b)), negação (exemplo (11c)), ou que apresente certas características físicas que compõe a articulação do sinal (exemplo (4)).



Quando não houver o caractere de locação, o diacrítico de expressão facial fica acima do próximo caractere, ou ao lado da configuração da mão, na mesma altura de diacríticos colocados sobrescritos.



No quadro a seguir vemos os 20 diacríticos de expressão facial do sistema SEL.

Alegre/ feliz	Triste/ desanimado	Com medo / horrorizado/ assustado	Surpreso/ boquiaberta	Enojado/ insatisfeito/ com desprezo
				
☺	☹	☹☹	☹	☹
Irônico	Zangado	Azedo	Olhos fechados	Abrindo olhos
				
☺	☹	☹	☹	☹
Bochechas infladas	Uma bochecha inflada	Bochechas comprimidas	Dentadas	Mexendo lábios
				
()))(☹	~
Soprando	Sugando	Ziguezague de queixo	Negação	Palavras interrogativas
				
☹	☹	☹	☹	?

2.3 Representação do macrossegmento MOVIMENTO

O macrossegmento Movimento se compõe, em Libras, de dois tipos de movimentos: **de mão** e **de dedo**.

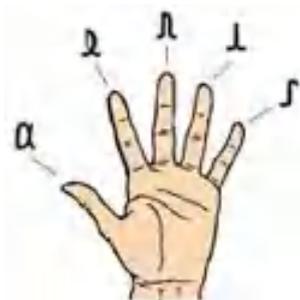
2.3.1 Movimentos de dedo

2.3.1.1 Os cinco dedos e as formas combinadas

CARACTERES DE DEDOS

Polegar	Indicador	Médio	Anular	Mínimo
☹	☹	☹	☹	☹
Duque	Terno	Quadra	Quina	

	Laço	Laçada	Rabicho	Agulha	Cacho
	Ⓛ	Ⓛ̄	Ⓡ	Ⓡ̄	Ⓢ
	Laço Médio	Rabicho Médio	Agulha Média		
	Ⓛ̄̄	Ⓡ̄̄	Ⓡ̄̄		
	Mínimo Ausente	Indicador Ausente			
	Ⓛ̄̄̄	Ⓡ̄̄̄			



2.3.1.2 Os tipos de movimentos de dedos

Os diacríticos de movimento de dedo são colocados acima dos caracteres de dedos.

Abrir gradativamente Ⓛ̄	Abrir Ⓛ̄	Abrir e fechar Ⓡ̄	Abrir duas vezes Ⓡ̄̄	Fechar duas vezes Ⓡ̄̄	Ziguezague Ⓡ̄̄̄
Fechar gradativamente Ⓛ̄̄	Fechar Ⓛ̄̄	Esfregar Ⓡ̄̄̄	Movimento tesoura Ⓡ̄̄̄	Dobrar dedo Ⓡ̄̄̄	

2.3.2 Movimentos de mão

Na escrita SEL, os caracteres de movimento de mão representam três traços amalgamados – *tipo, orientação plano de movimento*.

2.3.2.1 Movimentos retilíneos

O sistema SEL toma como base os caracteres dos movimentos retilíneos, no quadro a seguir, para a formação dos demais caracteres de movimentos de mãos:

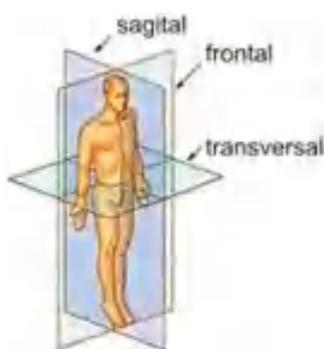
Movimentos retilíneos

	Para Frente	Para Trás		
	Y	Y		
Formas manuscritas:	Y	Y		
	Para Cima	Para Baixo	Para Direita	Para Esquerda
	♀	♂	♂	♀
Formas manuscritas:	♀	♂	♂	♀

2.3.2.2 Movimentos em planos

O sistema SEL apresenta os caracteres de movimento de mão para os movimentos que se realizam nos planos representados na figura a seguir. Ao todo vemos nesse quadro abaixo 9 tipos de movimentos que variam conforme o plano e a orientação do movimento.

Planos de movimento



PLANOS →	TRANSVERSAL				SAGITAL				FRONTAL			
	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ frente	p/ trás	p/ cima	p/ baixo	p/ direita	p/ esq.
Semicircular	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	♀	♂	♂	♀
Curvo	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	♀	♂	♂	♀
Angular	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	♀	♂	♂	♀

Angular duplo			
Sinuoso			
Ziguezague			
Diagonal			
Retilíneo			
Retilíneo breve			
Retilíneo brevíssimo			
Circular			
Formas manuscritas básicas			

2.3.2.3 Movimentos fora de planos

O sistema SEL apresenta caracteres para mais 4 tipos de movimentos que não ocorrem em nenhum plano, conforme quadro a seguir.

Movimentos que não precisam de plano	
Giro de pulso	
Dobrar pulso	
Batida	
Tremura	

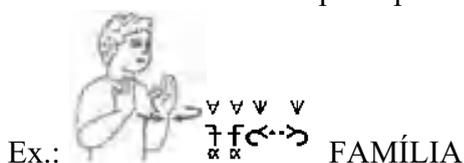
Alguns movimentos são escritos com a combinação de dois caracteres (semelhantemente ao que ocorre com dígrafos em Português, com *nh* e *lh*), como por exemplo o movimento circular para cima do sinal IMPORTANTE, que é escrito com duas letras , que representam um só movimento:



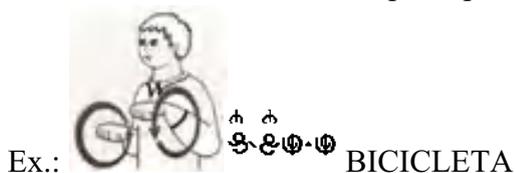
2.3.2.4 Movimentos em sinais realizados com as duas mãos

Quando os sinais são realizados com as duas mãos, o movimento pode se dar das seguintes formas:

- *Com movimento conjunto das duas mãos:* no macrosegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se dois pontos e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.



- *Com movimento alternado entre as duas mãos:* no macrosegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se apenas um ponto e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.

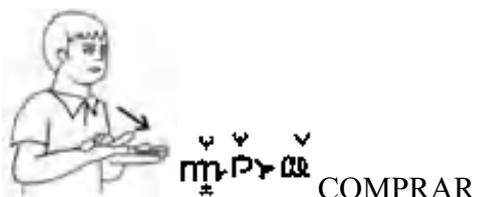


- *Com um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrosegmento Movimento, escreve-se um caractere de movimento, sem ponto algum, independentemente de qual mão tenha realizado o movimento (se isso não tiver importância para a realização do sinal).



- *Com mais de um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrosegmento Movimento, escreve-se mais de um caractere de movimento, seguindo a ordem de realização dos movimentos (da direita para a esquerda), sem dividi-los com pontos.





2.3.2.4 Mudança de eixo/orientação de palma no movimento

Quando houver mudança de *eixo/orientação de palma* durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de *eixo/orientação de palma* são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração, como nos exemplo a seguir. Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão.



2.4 Representação da datilologia

A datilologia é um tipo de soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, que utiliza o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. O alfabeto manual da Libras tem sua base no alfabeto da língua francesa de sinais, no qual cada sinal corresponde a uma letra. A datilologia é comumente usada para representar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas.

Para representar a datilologia em escrita SEL, utiliza-se apenas os caracteres de configuração da mão direita escritos na mesma ordem da palavra soletrada (sem utilização de caracteres de eixo, locação ou movimento). Como algumas configurações de mão representam mais de uma letra do alfabeto do Português, utilizamos alguns diacríticos para diferenciar essas letras. O alfabeto para datilologia em escrita SEL é o seguinte:



Nota: O alfabeto para datilologia corresponde a configurações da mão direita, sem marcação de eixo, pois na datilologia o eixo/orientação de palma é sempre o mesmo: superior palma para frente.

Para representar os acentos do Português, utilizamos os seguintes diacríticos.

â á ã à ä
ô ó ô ò õ

Exemplos:

Gisele Bündchen João açúcar lâmpada à queijo
Gisele Bündchen, João, açúcar, lâmpada, à, queijo